LUCIENE CECILIA BARBOSA

**As representações das relações raciais na telenovela brasileira
Brasil e Angola: caminhos que se cruzam pelas narrativas da
ficção**

ECA-USP

2008

LUCIENE CECILIA BARBOSA

**As representações das relações raciais na telenovela brasileira –
Brasil e Angola: caminhos que se cruzam pelas narrativas da
ficção**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da ECA-USP como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Solange Martins Couceiro de Lima.

São Paulo, 2008

Banca Examinadora

Dedicatória

À minha mãe, Josefa, não apenas por ter me dado à vida, mas por sempre doar tanto sem pedir nada em troca.

Ao meu pai, José, pelo apoio constante.

Ao Valter, por estar ao meu lado sempre, pelo amor, por compartilhar os nossos sonhos, pelo incentivo diário.

À Lara Victória, por ter trazido os sentidos da expressão das palavras amor e “ser humano” para a minha vida.

À memória da minha avó Cecília, mulher guerreira e determinada.

À nossa ancestralidade, ao sangue, ao suor e as lágrimas, daqueles que, com dor e sabedoria, prepararam os caminhos pelos quais hoje trilho.

À nossa descendência, representada pela Lara Victória, Agatha, Larissa e Raquel. Pelo Jordan, Caíque, Gabriel e Felipe. Que, no futuro bem próximo, essas novas gerações possam encontrar um mundo mais justo.

Agradecimentos

Mesmo correndo o grande risco de omitir algum nome, não poderia deixar de expressar o meu agradecimento às pessoas fundamentais no percurso de construção desta pesquisa.

Desejo agradecer, primeiramente, à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Solange Martins Couceiro de Lima. Não tenho como expressar a importância dela na minha trajetória acadêmica. Muito mais que orientadora, é uma grande mestra e amiga. Obrigada pela orientação desde os meus primeiros passos na academia até essa fase que se encerra.

Aos mestres da Universidade de São Paulo, com quem tenho aprendido tanto nesses anos.

À Prof^a Dra. Lurdes Motter, nossa Lurdinha, a primeira professora com quem tive contato na USP; sua paixão pela ficção me contagiou nesses últimos 10 anos de estudo. Você faz muita falta! Sua voz calou, mas seu legado ecoa nas páginas desta pesquisa. A você, o meu muito obrigada!

À Prof^a Dra. Dilma de Melo Silva, com quem dei os primeiros passos nos estudos do continente africano. Obrigada pela oportunidade fazer parte das suas equipes de palestrantes.

Ao Prof^o. Carlos Serrano, pelo apoio e entusiasmo com que me acompanha desde a elaboração desse projeto, a quem podemos nomear de co-orientador deste trabalho. Além disso, devo agradecer pelas suas ricas observações e sugestões na banca de qualificação.

Ao Prof^o Dr. Kabengele Munanga, pelo convívio, pelos estudos e pelas reflexões. Quanto humildade e generosidade para quem sabe tanto! Ao seu lado percebemos o quanto precisamos aprender. A você, e ao professor Serrano, o meu agradecimento pelo privilégio de estar entre os professores convidados nos cursos de Formação de Professores, no Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo.

À Prof^a. Dr^a. Rosana de Lima Soares, pelas aulas prazerosas e pelos “fervorosos” debates. Agradeço pela sua participação e pelas preciosas sugestões na banca de qualificação.

À Prof^a. Dr^a. Maria Imacolata Vassalo Lopes, pela influência nos estudos da recepção, seu discurso entusiasmado despertou em mim o interesse em saber mais sobre o que pensa o receptor da ficção brasileira.

À Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Baccega, por ter se mobilizado aqui no Brasil, enquanto eu estava em Angola, para me colocar em contato com o Prof^o. Fernando Mourão.

Ao Prof^o Fernando Mourão, exemplo de sabedoria e humildade; obrigada por abrir as portas da sua casa em Angola.

Ao Prof^o. Marco Antonio, sempre tão entusiasmado com esta pesquisa, obrigada pela amizade.

Às amigas do Centro de Estudos Africanos, Lurdinha e Maria Odete. Obrigada pelo incentivo constante.

À Luena Pereira, pelo apoio dispensado a mim desde do início, para que eu pudesse chegar em Angola.

À Neusa Poli e à Fernanda, obrigada por terem me ajudado a vencer os primeiros obstáculos para entrar no doutorado.

Aos funcionários do CCA: Dário, Regina, Malu, Patrícia, Kelly e Sandra, obrigada por sempre estarem dispostos a ajudar.

Às funcionárias da secretaria da Pós-Graduação da ECA, especialmente, à Miriam e à Kátia.

À Capes, pelo auxílio financeiro para a realização e conclusão desta pesquisa.

À Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo e à Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações, pelo auxílio das passagens aéreas para a realização da coleta de dados em Angola.

À Rede Globo de Televisão, pela concessão das cenas para a realização deste trabalho. À Globo Universidade, especialmente Viviane Tanner e Alessandra Oberling, que sempre, quando solicitadas, atenderam prontamente aos interesses da pesquisa.

Ao autor da telenovela “Páginas da Vida”, Manoel Carlos, que gentilmente respondeu as perguntas da entrevista.

A todos os alunos da USP que participaram desta pesquisa.

À Dra. Maria Aparecida Bento, por ter- nos concedido uma entrevista.

Aos Grupos de pesquisas:

Grupo Mídia e Etnia (GME) - Rosangela, pela amizade, pelo companheirismo e pelo aprendizado contínuo. Sandra, pelo apoio, pelos desabafos e pelas reflexões. Karina e Malu, pelas conversas descontraídas e as mais sérias também. Mídia e Etnia, obrigada pela FORÇA!

Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN) - Obrigada ao Núcleo, onde, desde 1998, busco apoio documental para compreender a história da telenovela brasileira. Especialmente agradeço a Claudia Mogadouro, pela amizade e por suas contribuições na construção deste trabalho.

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Educação e Diversidade (NIEPEDI). A todos os componentes do grupo, pelas nossas reflexões e pelos debates, que, de algum modo, contribuíram para a construção desta tese. Especialmente, desejo agradecer às professoras amigas: Dra. Eliana de Oliveira e Dra. Marina Mello.

Ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro da Universidade de São Paulo (NEINB).

Aos colegas e amigos do Casarão: Irandi, Kátia, Patrícia, Marcio, Carla, Cristina, Cynthia, Rosangela, Sônia, Divino, Manoel e Angeli. Obrigada pelo incentivo constante.

Aos colegas professores e aos alunos do 3º período do curso de Pedagogia da Faculdade Horizontes, por compartilharmos nossas experiências, angústias e ansiedades.

À Natália, Wanessa, Ana Carolina e ao Cássio, alunos de Relações Públicas da ECA, do 1ª ano de 2006.

Aos meus amigos professores, que, apesar da distância, conservaram as saudades e a lembrança de quanta coisa dividimos juntos no início dos meus estudos: Leila, Telles, Márcia, Dirceu, Virgínia, Sandra e Vanda.

Às amigas de longa data, que me acompanham desde a infância: Claudinete e Alessandra. À família Aguiar, minha família de coração.

À Ângela e sua família.

Ao Marcelo Couto, obrigada pela sua amizade, por me acompanhar todos esses anos, nos momentos felizes e nos mais difíceis também. Além de um grande amigo, você é um competente jornalista, talvez, por isso, a revisão sempre acaba em suas mãos (risos). Agradeço pela revisão cuidadosa desta tese.

Às amigas que transcreveram as fitas: Lena, Sandra, Andreza e Adriana. Obrigada pela ajuda.

Ao Edson, pela elaboração dos gráficos.

Ao Paulo e à Carla, pela tradução do texto.

Aos amigos: Roberta, Lourdinha,, Sandra, Marcio, Renato e Edson pela ajuda tão importante no final do trabalho.

Em Angola ...

Agradeço à irmã Salomé e à Madalina, pela recepção em Angola. Ao professor Carlos (Cabinda) e professor Buza (Luanda) os meus agradecimentos pelo apoio na realização da pesquisa em território angolano.

À professora Ana Luzia e sua família, pela amizade e pelo carinho dispensados a mim em Angola.

Aos professores Julio Mendes e João. A intervenção de vocês na hora da exibição do vídeo foi fundamental.

Aos jornalistas Joaquim Paulo e José Américo, obrigada pelas entrevistas.

A todos os professores e alunos entrevistados os meus mais sinceros agradecimentos pela colaboração na realização desta pesquisa: Elisa, Luis, Ana, Pedro, Clemente, Dionísio, Esperança, Neide,

Madalena, Carla Marisa, Esperança de Jesus, Filomena, Adélia, Maria Ezequiel, Eudalice, Osvaldo, Sebastião, Inácio, Gilberto, Maria Eva, Antonieta, Isabel, João e Muamba.

Aos Docentes: Alfredo, Ana Luzia, Antonio, Carlos, Clemêncio, Lukombo e Mônica.

À Dra. Rosa Cruz e Silva, do Arquivo Histórico de Angola.

Aos familiares,

Àqueles a quem cabe a parte mais difícil, me agüentar nos dias de mau humor...

Àqueles com que dividi a minha infância, a minha adolescência os momentos felizes e outros nem tão felizes: Dal, Lena, Danda e Nino, nosso agregado de coração (meu irmãozinho também). Obrigada a vocês pelo incentivo, pelo afeto e pela paciência, desde sempre.

Às nossas crianças, que enchem as nossas vidas de brilho e esperança: Jordan, Agatha, Caíque, Lara, Gabriel, Felipe, Raquel e à pequenina Larissa.

Aos primos do coração, quanta coisa vivemos juntos! Agradeço por me incentivarem tanto: Zeni, Juscí, Cássia, Edson, Veto, Nano, Cida e Carminha. E aos mais novos: Jô, Joyce, Deise e Daia. Aos outros que juntaram-se a nós: Jefão, Jefinho, Daia, Alan e Renato.

Aos meus tios, que me acompanham desde cedo e sempre estiveram na torcida para eu não desistir diante dos obstáculos e pudesse alcançar sempre os meus objetivos: Má, Jane, Lu, Pequena, Carminha, Bil, Cecílio, Alzira, Carmem, Zé Bia, Zé Gordo e Zé Biró (in memorian).

À minha avó Cecília, que não mais está entre nós.

À família Soares, a todos que me receberam de braços abertos, especialmente: Val, Tereza, Wilson, Justus, Nê, Zeca, Nice e Rose. Obrigada pelo acolhimento e carinho.

À Esmar, pela ajuda e pelas orações.

Ao meu pai, por acreditar em mim e nos meus sonhos.

À minha mãe, a quem não apenas devo a vida, mas o amor sem limites, à senhora devo todas as minhas conquistas, e, principalmente, esta, a construção desta tese, sem a senhora esta realização não teria sido possível. Mãe, o meu reconhecimento e o meu muito obrigada. Esse momento é nosso!

Ao Valter, pelo carinho e apoio constante. Obrigada por ter a capacidade de sonhar comigo, obrigada por compreender os meus sonhos e me ajudar a realizá-los.

À Lara Victória, agradeço por você existir. Você me ensinou o verdadeiro sentido do verbo “esperar”, você me ensinou a ser paciente, você me ensinou que, para o amor, não existem limites. O nosso amor transcende vidas.

A Deus, por eu ter conseguido driblar as “estatísticas”, vencer limites e conseguir chegar até aqui. Obrigada por ter me proporcionado esse momento e colocar pessoas tão especiais em meu caminho.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, ajudaram a construir este trabalho e por um lapso eu possa ter esquecido de citar o nome. Por favor, sintam-se incluídos nesses agradecimentos.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a recepção das representações das relações raciais na telenovela brasileira. As tramas selecionadas para a realização deste estudo são: “Da Cor do Pecado”, escrita por João Emanuel Carneiro; “A Lua me Disse” de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa; e, “Páginas da Vida” de autoria de Manoel Carlos, todas exibidas pela Rede Globo de Televisão.

Por meio da apropriação de alguns recursos dos estudos da recepção, analisamos os diálogos das personagens envolvidas nos conflitos raciais, e a leitura desses diálogos realizada pelos estudantes universitários entrevistados no Brasil e em Angola. É notória a audiência da telenovela brasileira nos países africanos, sobretudo, nos países de Língua Portuguesa, por isso, procuramos analisar algumas questões pertinentes à presença da telenovela brasileira em Angola.

A partir da ficção, abordamos nesse trabalho a importância de enfocar também o comportamento do branco nas relações raciais, pois, na maioria dos estudos, o enfoque tem sido somente o negro. Vivemos numa sociedade multirracial, e a superação de comportamentos pautados pelo racismo e pela branquidade só será possível por meio de uma tomada de consciência de ambos os envolvidos - os discriminados e os discriminadores.

Palavras-chave: Telenovela brasileira, Ficção e Realidade, Racismo, Branquidade, Angola.

Abstract

This research has the intention to analyze the reception of racial relations presented in the Brazilian soap opera.

The soap operas chosen for supporting this research are “Da Cor do Pecado” (From the sin colour), wrote by João Emanuel Carneiro; “A Lua me Disse” (The moon told me) wrote by Miguel Falabella and Maria Carmem Barbosa; and “Páginas da Vida” (Life pages), from Manoel Carlos. All of them broadcasted by Globo Channel.

Using some resources of the study of reception, we analyze the dialogs of the characters involved in the racial conflicts, and the reading of those dialogs realized by university students interviewed in Brazil and Angola.

The audience rates of the Brazilian soap opera in African countries is notorious, moreover in the Portuguese speaking countries, therefore, we intend to analyze some important issues about the presence of the Brazilian soap operas in Angola.

Using the fiction as a start point, in this research we approach the importance of the white people behavior in racial relations. That's because in most of the studies realized so far, only the black people point of view were presented.

We live in a multiracial society, and the change of the behaviors supported by racism and by the whiteness, will only be possible when everyone involved have conscience about it – the discriminated and the discriminators.

Key Words: Brazilian Soap Opera, Fiction and Reality, Racism, Whiteness, Angola.

MAPA DO BRASIL

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE ANGOLA EM ÁFRICA

Organização: Jesus, J. B.
Fonte: <http://www.guiageo.com/>

SUMÁRIO

Apresentação	
A Trajetória.....	15
A Pesquisa.....	19
Os Capítulos.....	23

PARTE I

1. INTRODUÇÃO	24
1.1. Objetivo e Justificativa.....	27
1.2. Procedimentos Metodológicos.....	32
1.2.1. A escolha do objeto.....	32
1.2.2. Exibição das cenas das telenovelas estudadas.....	32
1.2.3. O universo selecionado.....	34
1.2.4. Coleta de dados em Angola.....	35
1.2.5. Coleta de dados no Brasil.....	36
1.2.6. Os entrevistados.....	39
1.2.7. Técnicas de Observação.....	40
1.2.8. Observação Indireta.....	41
1.2.9. Observação direta.....	41
1.2.10. Questionário e Entrevistas.....	42
1.2.11. Entrevistas: Semi-Estruturada e Não-Estruturada.....	42
1.3. A escolha de Angola.....	43
 2. CONTEXTO INDISCIPLINAR DA PESQUISA	
2.1.1. Os estudos da questão racial nas Ciências Sociais	46
2.1.2. Os estudos da questão racial nos meios de comunicação	47
2.2. Identidade e Estigmas	49

2.3.	Branquidade na Mídia.....	58
2.4.	Televisão em Angola	64
2.5.	África e Angola - a luta pela emancipação.....	65

PARTE II

3. A TELENODELA

3.2.	Telenovela Brasileira	71
3.3.	As telenovelas estudadas	76
3.2.1.	“Da Cor do Pecado”	76
3.2.1.1.	Resumo da telenovela.....	76
3.2.1.2.	Conflitos na trama	78
3.2.2.	“A Lua me Disse”	86
3.2.2.1.	Resumo.....	86
3.2.2.2.	Os conflitos na trama.....	87
3.2.3.	“Páginas da Vida”	93
3.2.3.1.	Resumo.....	93
3.2.3.2.	Os conflitos na trama.....	94

4. PESQUISA DE CAMPO

4.2.	Experiência em Angola - Observações preliminares.....	100
4.3.	Experiência no Brasil - Observações preliminares.....	102
4.4.	Gráficos.....	105
4.5.	Reflexão: Mestiçagem em Angola e no Brasil.....	111
4.6.	Angola, as marcas do passado.....	117
4.7.	Ficção e Realidade - Angola.....	122
4.8.	Ficção e Realidade - Brasil e Angola.....	132
4.7.1.	O olhar do receptor: as telenovelas estudadas.....	139
4.7.1.1.	“Da Cor do Pecado”.....	139

4.7.1.2. “A Lua me Disse”	147
4.7.1.3. “Páginas da Vida”	150
4.8. Telenovela brasileira em Angola - Angola um universo diferente.....	159
4.9. O Olhar dos estudantes brasileiros - Traços da branquidade.....	162
4.10. O diálogo com os autores.....	169
 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 173
 6. BIBLIOGRAFIA.....	 182
 ANEXOS	

PARTE I

APRESENTAÇÃO

A trajetória...

Uma pesquisa é quase sempre motivada por inquietações teóricas e/ou pessoais. A construção de uma tese é a busca de respostas que nem sempre encontramos. Quando chegamos ao término do estudo percebemos que temos muito mais “pistas”, que poderão nos levar ao caminho do conhecimento, do que “respostas fechadas” ou “conclusões”, pois o tema pesquisado sempre poderá ser ainda mais explorado e visto por outros diferentes ângulos.

Minha trajetória na academia tem sido marcada pelos incômodos manifestados desde a infância. Sem dúvida nenhuma, a questão racial é marcante, e – mais do que isso – é particularmente inquietante o racismo, do qual, muitas vezes, fui vítima. O aprofundamento teórico do tema “relações raciais” se deu justamente na tentativa de encontrar respostas e compreender historicamente a construção do racismo.

Nunca me esqueço de um caso que vivenciei, lá na Escola Estadual D. Pedro I, nos anos 1980, na época, considerada uma das melhores escolas públicas de São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo. A instituição era destinada à “elite” da região e lembro-me de que eu era a única negra na sala de aula. Logo, isso não passava despercebido pelos colegas, que reagiam com “brincadeiras” discriminatórias – brincadeiras para eles, não para mim. Em nenhuma escola pela qual passei sofri tanta discriminação como naquele lugar. Um dia, em meio às tais “brincadeiras”, uma professora interferiu e, referindo-se a mim, disse: “Não ela não é negra, e sim uma pessoa que não precisa tomar sol, é só isso, ela já é queimada”. Eu tinha apenas 11 ou 12 anos, mas isso ficou marcado em

minha vida. Na hora não entendi, é claro, mas, hoje, percebo a falta de preparo daquela professora para lidar com a questão da diferença.

Na minha idade escolar havia um silêncio sobre a questão racial. Somente no final do ginásio o assunto começou a ser introduzido pelos professores em suas aulas. No início da adolescência, comecei a fazer muitos questionamentos, dentre os quais aquele relativo à ausência de negros na televisão. Lembro-me de que a única criança negra que via na televisão era o Jairzinho, filho do cantor Jair Rodrigues, Jairzinho era minha única referência.

Em 1990, ao ingressar no ensino médio, optei pelo magistério, tive excelentes professores, entre eles, lembro com carinho e muita admiração do professor de Filosofia, Eugênio. Muito da minha formação devo a ele, pois o tempo todo provocava e instigava os alunos a refletirem sobre questões polêmicas da sociedade. A desigualdade social e racial era um dos seus temas preferidos. A partir do magistério passei a ser mais questionadora e crítica, acho que vivi “uma revolução interior”, imagino que tenha assustado meus pais com tantas “idéias diferentes” e questionamentos de tudo que eu tinha vivido e aprendido até ali. Foi a partir da influência advinda do curso de magistério que percebi que o racismo era fruto de uma construção histórica que desrespeita completamente o direito pleno do “ser humano”.

Terminei o ensino médio, ingressei na faculdade de Comunicação Social, na Universidade de Mogi das Cruzes, e, foi lá, nos anos 90, que tive meu primeiro contato com as entidades do Movimento Negro. Uma vez estabelecido esse contato, não tive mais dúvidas: precisava estudar a questão racial. Nessa época, um amigo de turma, Marcelo Couto, incentivou-me muito a iniciar esses estudos.

Como estudante de Comunicação Social, passei a prestar mais atenção na

programação televisiva. Comecei a ficar ainda mais incomodada com a ausência de negros nas “fileiras da frente” dos programas de auditório. Nas telenovelas, os papéis eram sempre os mesmos: a empregada, o jardineiro, o pobre e o subalterno. Até que, em 1995, “A Próxima Vítima”, de Silvio de Abreu, exibida pela Rede Globo de Televisão, deu foco enfim a uma família negra de classe média; aquilo me chamou a atenção.

Em 1997, ao terminar o curso superior, tinha certeza de que precisava continuar a estudar e então, tomei conhecimento do programa de alunos especiais da USP. Ao analisar a lista de disciplinas de pós-graduação que seriam oferecidas, uma particularmente despertou o meu interesse era “Ficção e História: Comunicação e Construção da Realidade”. Ali mesmo no corredor, do segundo andar do prédio central da ECA, procurei informações e encontrei a professora responsável pela disciplina, Prof^a. Dr^a. Maria Lourdes Motter, a saudosa Lourdinha. Apresentei-me e ela me acolheu, prontamente. E não apenas me guiou nos primeiros passos dentro da ECA, como me apoiou em minha trajetória acadêmica, até a sua inesperada partida. Depois de muitas conversas, muitos trabalhos e muitas leituras, por intermédio da Lourdinha, cheguei à Prof^a Dra. Solange Martins Couceiro de Lima, que recebeu a mim e ao meu projeto com muito entusiasmo. No primeiro encontro com a Prof^a Solange, percebi – e imagino que ela também – que tínhamos preocupações em comum. Estabeleceu-se ali uma parceria não apenas no âmbito da pesquisa, no qual a maior beneficiada fui eu, mas de amizade e respeito mútuo que já dura 10 anos.

Em 1999, ingressei no mestrado, defendi a minha dissertação em 2002, sob a orientação da Prof^a Dra. Solange Couceiro. A pesquisa foi uma análise da recepção da imagem do negro na telenovela “Louca Paixão”, de autoria de Yves Dumont, exibida pela Rede Record de Televisão naquele ano de 1999. Foi um estudo comparativo da leitura das questões raciais na telenovela entre duas

famílias, uma negra e uma branca. Nessa mesma época, cursei a minha segunda faculdade, na área da Educação.

Até chegar à definição do tema que seria pesquisado no doutorado, vivenciei muitas experiências que influenciaram a minha escolha. Em 2002, após obter o título de mestre, recebi o convite da Prof^a Dra. Dilma de Melo Silva, do Departamento de Comunicações e Artes, para integrar a equipe que trabalhava com o tema Pluralidade Cultural no Projeto Educom.Rádio do Núcleo de Educação e Comunicação (NCE) da USP. Esse Projeto foi coordenado pelo Prof^o Dr. Ismar Soares.

A partir da minha inserção na equipe do Educom.Rádio surgiram muitos outros trabalhos. Ainda em 2002 comecei a fazer cursos sobre um continente do qual tinha ouvido falar pouco durante toda a minha formação escolar. Percebi, então, a necessidade de pesquisar e estudar sobre o continente africano. Nesse processo de busca de informações estabeleci os primeiros contatos com o Centro de Estudos Africanos (CEA), da Universidade de São Paulo. Atualmente, integro a equipe de professores convidados, que ministram aulas no curso de Formação referente à Lei 10.639, de janeiro de 2003 (o dispositivo torna obrigatório o ensino de História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica), oferecido pelo CEA aos professores da rede pública e particular de ensino.

Em 2004, juntamente com a Dra. Rosangela Malachias, formei o Grupo Mídia e Etnia e, nos anos seguintes, outras pesquisadoras uniram-se a nós. O Grupo, além de trabalhar na Formação de Professores com a Lei 10.639/03, organizou, em 2004, um seminário internacional com a presença de pesquisadores acadêmicos e profissionais da mídia brasileira e norte-americana. Este encontro resultou na edição da revista *Mídia e Etnia*, publicada em 2006.

Com o advento da Lei Federal 10.639, surgiram muitos cursos de formação de professores, e pude ministrar aulas em vários deles. Entre esses, posso destacar o curso idealizado por mim, juntamente com a Dr^a. Rosangela Malachias, coordenado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro (NEINB), da USP, aos professores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

A Pesquisa

O Projeto de Pesquisa de doutorado nasceu em 2003. Desde do princípio defini que o país no qual realizaria a pesquisa seria Angola pois, tinha conhecimento acerca da influência da cultura e da telenovela brasileira por lá. Além disso, tínhamos em comum a semelhança cultural e a Língua Portuguesa. Desde o início do trabalho, foi possível contar com o apoio do Centro de Estudos Africanos e dos seus coordenadores, os Professores Dr. Kabengele Munanga e Dr. Carlos Serrano. Os cursos ministrados por ambos os professores foram fundamentais para a definição e adequação deste trabalho.

Este trabalho insere-se na intersecção entre "Comunicação e Cultura", na linha de pesquisa Comunicação e Etnia, fazendo parte dos trabalhos interdisciplinares. Nesta linha de pesquisa encontrei respaldo nos estudos de Couceiro de Lima (1971) e Araújo (1999), autores estes que estudam a questão racial nos meios de comunicação (televisão), e em particular, na telenovela brasileira. Nesta pesquisa, a exemplo do meu mestrado, continuo estabelecendo a relação entre a ficção (telenovela) e a realidade, proposta por Motter (1998). O enfoque aqui apresentado é inédito, pois, não tenho conhecimento de nenhum estudo comparativo entre Brasil e Angola, tendo como objeto a telenovela brasileira sob o recorte das representações das relações raciais.

Para a realização deste trabalho me apropriei do conceito de branquidade. Os estudos sob esta perspectiva incluem o branco no cerne da discussão da questão racial. Questionamos e analisamos a construção ideológica do ser branco e sua racialidade. Autoras como Frankenberg (1995), Bento (2002a), Piza (2002) e Sovik (2003) levantaram esse debate aqui no Brasil, com mais intensidade a partir dos anos 1990.

A inserção desse enfoque é fruto da minha defesa do mestrado, que ocorreu em 2002. Foi uma sugestão de leitura feita por um dos membros da banca, Dr. Joel Zito Araújo. Após a leitura do livro *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, organizado por Bento e Carone (2002), nunca mais o meu olhar sobre a discussão das relações raciais foi o mesmo, apenas focalizando o negro, a partir daí, passei a analisar a questão racial de forma bilateral, incluindo, fundamentalmente, o branco nessas discussões.

Como toda tese, o trajeto nos propõe desafios. Além das questões teóricas e metodológicas, me deparei com um outro problema: como viabilizar a viagem para Angola? Depois do Exame de Qualificação com as ricas observações dos membros da banca, a Prof^a. Dr^a. Rosana de Lima Soares (ECA - USP) e o Prof. Dr. Carlos Serrano (FFLCH – USP), dei início a uma verdadeira maratona para conseguir o auxílio financeiro para tornar possível a minha viagem ao continente africano. Confesso que recebi tantos “NÃO” que cheguei a titubear; no entanto, o desejo de realizar o trabalho venceu todas as adversidades encontradas.

Chegar a Angola foi difícil. Primeiro, foi preciso convencer a Capes, na época da concessão da bolsa, em 2005 de que o projeto era importante e que os resultados da pesquisa trariam contribuições para o conhecimento científico. Após muitos contatos, cartas e apresentação de variados documentos consegui o apoio financeiro da Pró-Reitoria de Pesquisa de Pós-Graduação da USP, para a aquisição das passagens aéreas do Rio de Janeiro a Luanda e de Luanda ao Rio de Janeiro. Os custos para a viagem do trecho São Paulo - Rio de Janeiro (e vice-versa) foram cobertos pela Comissão de Pós-Graduação da ECA, graças à intermediação da presidente dessa comissão, Prof^a. Dr^a. Maria Immacolata Vassalo Lopes. As demais despesas da viagem como alimentação e hospedagem foram integralmente custeadas por mim.

Após a compra das passagens, já tinha dia e hora para realizar muito mais que uma etapa da minha pesquisa – de certa forma, vivenciei aquele momento como o retorno ao meu interior e às minhas origens. Mas ainda faltava o visto, e, para consegui-lo, era necessário obter e apresentar uma carta-convite. Escrevi então ao Arquivo Histórico de Angola, explicando os objetivos do meu trabalho, e depois de um mês recebi a referida carta, este processo foi intermediado pela Dra. Rosa Cruz e pela Dra. Luena Pereira. O Consulado de Angola fica sediado no Rio de Janeiro e, para não me deslocar até lá, contei com o apoio da minha orientadora, Prof^a. Solange, que, depois de algumas idas e vindas, lá estava com o meu visto nas mãos. Agora era verdade, o projeto de ir a Angola, finalmente, iria se tornar realidade. Faltava pouco!

Mas, os desafios não paravam por aí. E a minha vida pessoal? Sou mãe de uma menina, que à época, em abril de 2007, tinha apenas um ano e meio. Como iria conseguir ficar tantos dias distante da minha filha? Eu mesma tentava me tranquilizar, pois, afinal, poderia contar com duas pessoas muito especiais na minha vida e que muito me apoiaram na trajetória de produção desta pesquisa: a minha mãe e o meu esposo, que cuidariam com muito zelo da nossa menina. Além disso, em meio às dúvidas e angústias, buscava respaldo nos meus ideais, na minha “pretensão” de colaborar para a construção de um mundo mais justo, pois acredito que o meu trabalho é mais que um estudo acadêmico, traz uma discussão que abre caminhos e possibilidades para a reflexão sobre algo que muito incomoda a mim e, creio, a muitas outras pessoas: o racismo, uma injustiça histórica.

Foi assim, conforme acabo de relatar, que esta pesquisa nasceu, fruto de inquietações pessoais, somadas a influências de pessoas e autores, que colaboraram no desenho de um projeto, que, gradativamente, tornou-se uma pesquisa. É este material que, a partir de agora, passo a apresentar.

Os Capítulos

No primeiro capítulo, apresentamos o nosso objeto de estudo, nossos objetivos e a justificativa da escolha do tema. Também, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

No capítulo dois, discutimos alguns referenciais teóricos nos quais nos baseamos para a realização deste estudo.

No capítulo três, abordamos algumas especificidades da telenovela brasileira. Apresentamos as três telenovelas estudadas: “Da Cor do Pecado”, “A Lua me Disse” e “Páginas da Vida”, e analisamos alguns conflitos raciais das cenas selecionadas.

No quarto capítulo, além de estudar os diálogos e as situações vividas pelas personagens envolvidas nas representações das relações raciais, analisamos os discursos elaborados pelos entrevistados, a partir da relação entre a ficção (telenovela) e a realidade (cotidiano). Nesse capítulo, procuramos deixar mais evidente as divergências e semelhanças entre Brasil e Angola.

Por último, apresentamos as considerações finais, na qual procuramos fazer uma síntese e retomar alguns pontos da pesquisa já levantados nos capítulos anteriores.

1. INTRODUÇÃO

Não é possível desconsiderar a influência que os meios de comunicação exercem sobre a vida das pessoas, sobretudo a televisão. Dentro da programação televisiva brasileira, foi eleito para este estudo o produto cultural de maior audiência no Brasil, a telenovela. Seleccionamos como objeto de pesquisa três telenovelas, todas exibidas pela Rede Globo de Televisão: “Da Cor do Pecado”, de Emanuel Carneiro (2004), “A Lua me Disse”, de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella (2005), e “Páginas da Vida”, de Manoel Carlos (2005/06). Para a análise, exibimos aos entrevistados algumas cenas das tramas nas quais entendemos que estavam presentes as representações das relações raciais.

Para a amostra da pesquisa, seleccionamos 16 estudantes universitários, divididos em dois grupos formados por quatro mulheres e quatro homens de cada país, Brasil e Angola. Em Angola, o número de entrevistados é superior ao do Brasil, pois, como defendemos desde o início do trabalho, estender o número de informantes em Angola seria importante, pois, trata-se do desafio de conhecer melhor uma outra cultura. Portanto, os depoimentos utilizados nesta tese vão além dos oito jovens seleccionados como parte da amostra da pesquisa; inclui outros estudantes, além de educadores e um jornalista.

Para analisarmos a representação das relações raciais nas telenovelas, a partir das informações dos entrevistados, nos apoiamos nos conceitos de racismo e branquidade. Munanga (2004) define o racismo como a crença na suposta hierarquização das chamadas “raças” humanas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. Já o conceito de branquidade, de acordo com Frankenberg (1995), é o ‘lugar’ simbólico que o branco ocupa nas relações raciais em detrimento dos outros, onde a hierarquia racial nunca é questionada ou verbalizada.

Ressaltamos a importância dos estudos sob o enfoque da branquidade, pois estes propõem um novo olhar sobre as relações raciais, em que o protagonista dos estudos não é apenas o negro, mas, inclui, o branco. Ou seja, esta proposta propicia a reflexão e o questionamento da suposta superioridade do homem branco como modelo universal de humanidade.

Esta pesquisa enquadra-se em uma perspectiva intercultural. Os estudos interculturais propõem uma leitura mais complexa em torno da formação das identidades e dos processos culturais, que nos vinculam ou nos separam em um contexto globalizado. Os estudos sob uma perspectiva intercultural propõem um enriquecimento do repertório cultural através do conhecimento “do outro”, isto inclui, além de conhecê-lo, conhecer-se e (re) conhecer-se.

Conhecer um país do continente africano, Angola, nos propicia a derrubada de mitos, como os estereótipos negativos que foram construídos em nosso imaginário e reforçados pela sociedade, e, sobretudo, pela mídia, em relação à África. A escolha desse país deu-se em virtude de a princípio, pelo menos duas matrizes em comum entre os dois países: a herança cultural do colonizador português (a começar pela língua oficial) e a significativa presença desse país africano na ancestralidade brasileira.

Estamos na era das inovações tecnológicas. Com o advento da transnacionalidade, não há fronteiras para a disseminação de imagens. De acordo com Lopes, por meio da ficção, os temas e as personagens brasileiras transitam pelo mundo, por diferentes culturas e modos de ver. “A pesquisa intercultural estende-se muito além dos âmbitos acadêmicos e ilumina a dimensão propriamente cultural e política das relações internacionais, através das reivindicações de pertencimento e de direito à alteridade”. (Lopes, 2004a: 32). A autora destaca:

(...) investigar numa perspectiva intercultural encaminha os estudos de Comunicação para trabalhar com a heterogeneidade e a alteridade cultural e comunicacional e, ao mesmo tempo, “especializar-se em intersecções”. É avançar na compreensão das narrativas ficcionais midiáticas para a constituição de um novo *sensorium* e das novas sociabilidades, dentro de condições de crescente interculturalidade aliada à renovação das diferenças e das identidades coletivas (étnicas, geracionais, de gênero, territoriais, nacionais, regionais, locais) que marcam o cenário atual. (Lopes, 2004b: 126)

Dentro da perspectiva dos estudos interculturais, tendo a ficção como objeto de investigação, nos apoiamos em autores como Martín-Barbero e Lopes, pioneiros em estudos de recepção a partir da perspectiva teórica das mediações. Portanto, recorreremos ao espaço das mediações, para compreender o que está entre e além do esquema clássico da comunicação: emissor-mensagem-receptor. Como bem salienta Martín-Barbero & Munhoz:

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a *estratagemas comerciais mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver*. (Martín-Barbero e Munhoz, 1992: 20)

Os estudos comprovam que a telenovela, muito mais que entretenimento, é um espaço de informação que propicia reflexões sobre temas polêmicos da sociedade, como homossexualidade, racismo, drogas e violência, entre outros. É notório o sucesso e a repercussão das produções brasileiras no exterior. A internacionalização da telenovela constitui redes de sociabilidade da cultura nacional, perpassando as fronteiras nacionais e promovendo relações internacionais. A ficção “representa” a nossa cultura, o nosso povo, os nossos costumes, a nossa “imagem” no exterior. “Neste cenário, a narrativa ficcional televisiva surge como um valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma narrativa popular sobre a nação”. (Lopes, 2004b:121)

Couri, por exemplo, na década de 90, já comentava o papel disseminador da telenovela brasileira em outros países:

No Egito, na hora da novela a vida pára. Em Angola, o mercado principal da capital, Luanda, (...) tem o nome de Roque Santeiro em homenagem à novela de maior audiência (...). A Rússia incorporou ao idioma uma nova palavra – fazenda – depois de “O Rei do Gado”. Era o que eles mais escutavam na novela, já que o sistema local não impõe dublagem ou letreiros, mas *voice over*, ou seja, ouve-se português por baixo da tradução simultânea. (...). Novela é produto brasileiro de exportação dos mais importantes(...). Telenovela vende a imagem do Brasil. (Couri, 1999: 6-10).

Os estudos sinalizam para o fato de que a telenovela exporta a imagem do Brasil. A partir do estabelecimento dessa premissa, procuramos responder a questões que constituem o problema desta pesquisa. Qual a leitura dos entrevistados brasileiros e angolanos sobre a representação das relações raciais nas telenovelas estudadas? Os receptores estabelecem a relação entre a ficção (telenovela) e a realidade (o cotidiano)?

1.1. Objetivo e justificativa

Pretendemos nesta pesquisa, a exemplo do nosso trabalho de mestrado, no qual nos apropriamos das teorias da recepção para estudar o olhar dos receptores em relação às questões raciais na telenovela “Louca Paixão”, continuarmos investigando a representação das relações raciais na teledramaturgia brasileira. Na linha de Pesquisa “Comunicação e Etnia”, encontramos respaldo nos estudos de pesquisadores como Couceiro de Lima (2001) e Araújo (1999). Couceiro de Lima é uma das pioneiras nesse campo de estudo, desde os anos 70 realiza pesquisas enfocando a Comunicação e as relações raciais. Seu primeiro trabalho, intitulado *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais* é resultado de sua dissertação de mestrado, defendida em 1971 na Universidade de

São Paulo.

Nesta pesquisa não nos limitamos a analisar apenas a presença do negro na telenovela, mas também a presença das personagens brancas na ficção, e como o telespectador vê e percebe a presença das personagens brancas nessa representação. Nos apropriamos neste estudo do conceito de representações sociais, de acordo com a definição de Jodelet, baseada em Moscovici (1961). Moscovici renovou a análise sobre a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, caracterizadas por intensidade e fluidez das trocas e comunicações, desenvolvimento da ciência, bem como pluralidade e mobilidade sociais.

... as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos alimentos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade. ... é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as comunicações sociais. (Jodelet, 2001: 21-22)

Ao analisarmos uma obra de ficção partimos da premissa de que a representação difere da realidade. O ato de representar não é o real, não é o todo, é um processo que inclui e exclui. A neutralidade nessa seleção acreditamos constituir-se apenas como uma pretensão, pois ao escrever um texto o autor, de algum modo, expressa as suas idéias e opiniões.

Ao organizar os elementos ficcionais, o autor está comunicando ao público seu ponto de vista sobre determinados temas, além de simplesmente contar uma história. Mesmo no caso que não transpareça uma tese evidente – e esses casos talvez sejam a maioria – o autor, de qualquer forma, se coloca, diz qual é a sua visão a respeito do problema

enfocado. (Pallottini, 1998: 177)

Pressupomos ser relevante considerar a importância dos discursos que circulam pela televisão, para que esta não sirva como veículo de reforço de estereótipos e estigmas negativos. Temos como objetivo refletir sobre a construção e reapropriação do discurso nas telenovelas sobre as relações raciais, a partir da leitura dos entrevistados. Portanto, partimos do princípio de que todo discurso é passível de manipulação, não há discurso desprovido de intenções.

A importância da telenovela no cotidiano das pessoas é um fato consolidado. Justifica-se, portanto, a pertinência de tantos estudos relacionados a esse gênero ficcional, parte integrante da cultura e da história brasileira.

A teledramaturgia brasileira é um produto aclamado no exterior por seu realismo e excelência de produção. Um fenômeno capaz de deter sobre si a atenção de milhões de expectadores não pode ser ignorado pela academia. A telenovela é um produto comercial, cuja função é entreter, e, não, prioritariamente, educar. Mas, não é possível deixar de considerar seus altos índices de audiência, e, portanto, a sua influência na vida das pessoas.

Na ficção é comum o negro aparecer de forma estereotipada. “Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura” (Bosi, 1997: 98). O processo de estereotipia apodera-se da vida mental dos indivíduos. São os estereótipos, arraigados na cultura brasileira, construídos ainda na época da colonização, marcados pela relação de poder que favorecia o colonizador em detrimento do colonizado.

É comum situações polêmicas das representações das relações raciais, na ficção, extrapolarem o mundo ficcional e refletirem no cotidiano das pessoas. Vale

destacar, neste caso, uma das mais polêmicas telenovelas a abordar, até hoje, a questão do racismo abertamente: “Pátria Minha”, de Gilberto Braga, que foi ao ar em 1994, pela Rede Globo de Televisão. A atitude da personagem vivida por Tarcísio Meira (branco), em “Pátria Minha”, um homem autoritário e preconceituoso, rendeu na vida real problemas judiciais para a emissora e para o autor da obra teledramatúrgica, pois as cenas vividas por Raul Pelegrini (Tarcísio Meira) e seu jardineiro – o rapaz negro, Kennedy (Alexandre Moreno) – chocaram o País.

A personagem de Tarcísio Meira afirma em seu discurso a existência de uma hierarquia entre brancos e negros: o cérebro do negro seria inferior ao do branco. Tal comportamento representado na ficção é característico do racista, pois a personagem apodera-se de diferenças biológicas e físicas para justificar uma suposta hierarquia racial. O ocorrido na telenovela não está distante do discurso utilizado pelo colonizador em relação ao colonizado, principalmente, tratando-se da África.

A imagem que o mundo ocidental nos legou da África é a do continente isolado, exótico, integrado na História com a chegada dos europeus. A visão etnocêntrica dos “outros” nas descrições dos navegantes, traficantes e missionários seiscentistas até a análise científica dos exploradores do século XIX deu-nos a conhecer uma sociedade estática, homogeneizante, nos primeiros estágios de uma evolução unilinear. (Serrano, 1991: 01)

Ressaltamos que o autor de ficção não está alheio às influências históricas e culturais do meio em que vive. Isto explica, em parte, o fato de algumas tramas representarem, através de falas e diálogos de suas personagens, comportamentos regidos pelos sentimentos de racismo e branquidade, mesmo que de maneira inconsciente. Há uma relação entre a criação das personagens, seus discursos, seus modos de pensar e a realidade na qual o escritor está inserido.

Os estudos midiáticos constituem-se em perspectiva nova e necessária para a compreensão das peculiaridades vivenciadas por sociedades multirraciais. Diante dos fatos históricos e dos resultados positivos dos estudos na área da Comunicação, tendo como enfoque a recepção e a internacionalização da telenovela, justifica-se a importância e contribuição desta pesquisa.

Muitos comunicólogos têm-se dedicado aos estudos da internacionalização da telenovela. Lopes tem estudado e suscitado a discussão sobre as implicações deste processo.

(...) o atual debate sobre a internacionalização elege a teleficção tanto como espaço estratégico de construção de identidades, que tem na nação o seu ponto de inflexão, quanto como instrumento privilegiado de análise das estratégias de captura de audiência e de auto-reconhecimento (“a ficção fala de nós”). A perspectiva é a do cenário transnacional, da viagem, da migração dessas narrativas, da presença do outro, situação em que constitui a interculturalidade. (Lopes, 2004a:35)

A telenovela propicia a possibilidade de se perceber a relação intercultural entre os povos. Ao analisar como se concebe a leitura e a interpretação da representação da realidade racial brasileira – por meio da telenovela – em Angola, traçando um comparativo com o Brasil, é criado um espaço de troca e de (re)conhecimento sobre as diferentes culturas.

Como bem demonstra o filão de estudos internacionais, a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão. Ela ocupa um lugar proeminente (...) nas práticas interpretativas, entre realidade e fantasia, entre vivido e imaginário. (Lopes, 2004:33)

Diante do exposto, constitui-se como objetivo geral desta pesquisa: estudar a leitura e a reinterpretação da representação das relações raciais nas telenovelas, a partir dos receptores no Brasil (São Paulo) e em Angola (Luanda). Temos ainda como objetivos secundários: contribuir com as pesquisas das Ciências da

Comunicação e com os estudos da internacionalização e recepção da telenovela brasileira no exterior, além de também deixar nossa contribuição para os estudos das relações raciais no Brasil e em Angola.

1.2. Procedimentos metodológicos

1.2.1. A escolha do objeto

A princípio, trabalharíamos apenas com a telenovela “Da Cor do Pecado” (2004), mas, devido ao longo período de tempo entre a exibição da telenovela e a coleta de dados, incluímos mais duas tramas, “A Lua me Disse” (2005) e “Páginas da Vida” (2005/06), com o objetivo de atualizar e diversificar as discussões e as situações sobre as relações raciais abordadas nas tramas. As três telenovelas, produzidas pela Rede Globo de Televisão, abordam a temática racial de maneiras diferentes.

Em Angola, as telenovelas, captadas por antenas parabólicas, são transmitidas com uma diferença de apenas um dia de atraso em relação ao capítulo transmitido no Brasil. As telenovelas são exibidas em dois horários, por volta das 11 horas da manhã e às 18 horas.

1.2. 2. Exibição das cenas das telenovelas estudadas

O primeiro passo desse processo investigativo, em relação ao acesso às cenas da trama, foi estabelecer contato com a Rede Globo de Televisão e apresentarmos os objetivos da pesquisa. Depois desta etapa, solicitamos os resumos das telenovelas para que fosse feita uma seleção dos capítulos. Após muitas tentativas, a emissora tornou disponível o material.

Ao efetuarmos uma minuciosa leitura dos resumos das tramas, solicitamos à

emissora que nos fornecesse 14 capítulos de “A Lua me Disse” e 23 capítulos de “Da Cor do Pecado”. Passaram-se aproximadamente 60 dias para obtermos como resposta que, no máximo, poderiam nos ceder três capítulos de cada obra. Após fazermos uma nova seleção, atendemos à exigência da emissora. Nessa seleção, escolhemos os capítulos que apresentavam um maior número de elementos relacionados ao tema pesquisado. Esse processo, de modo nenhum, impediu que os entrevistados, durante a investigação, deixassem de indicar outras cenas com as quais tenham se identificado. Desses três capítulos de cada obra foi feita uma edição que resultou em um vídeo com duração de aproximadamente 30 minutos.

O vídeo contendo cenas de conflitos raciais das três telenovelas estudadas foi assistido, em Luanda, por uma turma do 1º ano do curso de Psicologia no Instituto das Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto. No Brasil, em São Paulo, o vídeo foi exibido para os alunos do 1º ano de Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. As entrevistas, em Angola e São Paulo, resultaram numa média de 16 horas de registro em áudio.

Consideramos que o maior desafio da pesquisa teve início aí, com a experiência de campo, uma vez que a coleta de dados me fez refletir sobre algumas questões do trabalho que precisavam ser repensadas. Durante o período que permanecemos em Luanda tivemos que lidar com problemas remanescentes da guerra civil, como a falta de infra-estrutura, de água, de energia e de transporte coletivo, entre outras situações de precariedade. Apesar disso, com o apoio e a solidariedade dos angolanos, chegamos à única universidade pública de Angola, a Universidade Agostinho Neto. A partir daí, foi-se desencadeando uma rede de contatos que possibilitou a realização do trabalho naquele país.

1.2.3. O universo selecionado

Em Angola, foram entrevistados estudantes universitários (público-alvo), jornalistas e professores de diversas áreas do conhecimento: Antropologia, História, Sociologia e Lingüística. No decorrer do processo, percebemos o quanto ouvir as pessoas era importante, uma vez que a cultura brasileira se faz presente naquele país e a telenovela, nosso objeto de pesquisa, depõe de várias formas sobre nós, brasileiros, perante os angolanos. As experiências dos mestres que trabalham com os jovens reforçaram, ainda mais, a idéia de o quanto a nossa influência se faz presente em diferentes aspectos da cultura nacional, fato esse que já é motivo de discussão entre os professores na academia.

Selecionamos como receptores das telenovelas estudadas dezesseis estudantes universitários, divididos em dois grupos formados por quatro mulheres e quatro homens de cada país, Brasil e Angola. Desejamos, mais uma vez, ressaltar que em Angola o número de entrevistados foi além dos oito universitários selecionados para o estudo. Para nós, o alargamento das entrevistas foi fundamental, uma vez que Angola, ao contrário do Brasil¹, era um universo novo, desconhecido, portanto, quanto maior o número de informações, maior seria a possibilidade de se entender o processo histórico e as influências na formação das identidades raciais daquele país.

A seguir, os critérios que orientaram a seleção da amostra nos dois países:

Consideramos um fator relevante ter como receptores mulheres e homens, pois em todas as sociedades, somos educadas e educados a pensar e nos comportar diante das alegrias e dos infortúnios da vida de acordo com o nosso sexo. Portanto, entendemos que esse aspecto enriquece a nossa

¹ Em relação ao Brasil temos mais familiaridade com o tema das representações das relações raciais na telenovela, tendo como base teórica as pesquisas de Couceiro (1971), Araújo (1999) e Barbosa (2002).

análise.

Nos apropriamos aqui da definição de gênero de acordo com Oliveira (2004). Segundo a autora, gênero não é sinônimo dos sexos masculino e feminino, mas uma categoria teórica correspondente ao conjunto de significados, símbolos e atributos que cada sociedade constrói, através de sua história, para caracterizar e diferenciar cada um dos sexos. Os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres são percebidos e interpretados de acordo com as construções de gênero de cada sociedade.

O grupo étnico-racial torna-se um critério importante, pois a pesquisa trata das representações das relações raciais num país multirracial, isso implica em incluir negros e brancos na pesquisa, sobretudo, sob a perspectiva dos estudos que enfocam a branquidade, como objetiva a proposta aqui apresentada.

Antes do início da coleta de dados, os estudantes em Luanda e São Paulo, preencheram um termo de consentimento por meio do qual se tornaram explícitos os objetivos e os termos nos quais se dariam esta pesquisa. Nesse referido documento, assinado pelos participantes, todos optaram por ser, na medida do possível, identificados pelo primeiro nome. Contudo, com o intuito de preservar a identidade dos participantes, optamos por utilizar nomes fictícios.

1.2.4. Coleta de dados em Angola

Depois de expostos os objetivos da pesquisa, o Professor Buza, diretor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Universidade Agostinho Neto, nos cedeu uma de suas aulas, em uma turma do curso de Psicologia, para que pudéssemos realizar o trabalho. Após nos

apresentarmos ao grupo entregamos os questionários para os interessados em participar da pesquisa.

Foram 30 alunos que preencheram os questionários. A partir daí, a seleção seguiu dois critérios. Primeiro, o participante precisava ter um mínimo de conhecimento da telenovela brasileira. Em segundo lugar, estabelecemos o fator “tempo”, pois era necessário que os entrevistados tivessem tempo disponível, levando-se em consideração o curto período que tínhamos para realizar a coleta de dados em Luanda.

A primeira tentativa de exibir as cenas das telenovelas aos alunos foi frustrada, a falta de energia adiou essa etapa da pesquisa. Na segunda vez conseguimos, finalmente, assistir ao vídeo.

É importante ressaltar que em Luanda, nas salas que visitamos no ISCED (Instituto Superior de Ciências da Educação), não encontramos alunos brancos, por isso, a pesquisa restringiu-se aos alunos negros. Os oito jovens selecionados responderam ao questionário e participaram de duas entrevistas: a semi-estruturada e a não-estruturada (História de Vida). Os participantes têm entre 18 e 36 anos.

No decorrer do trabalho utilizamos depoimentos de vários entrevistados, além dos oito universitários que fazem parte da amostra da pesquisa.

1.2.5. Coleta de dados no Brasil

Escolhemos para a realização da pesquisa em São Paulo a Universidade de São Paulo (USP), a faculdade selecionada foi a Escola de Comunicações e Artes, na turma do 1º ano de Relações Públicas. Essa escolha está relacionada com a

nossa experiência junto ao Programa de Aperfeiçoamento de Estágio (PAE), no primeiro semestre de 2006, onde foi possível acompanharmos o curso de Antropologia Cultural, sob a coordenação da Professora Dra. Solange Couceiro. Além de acompanharmos a interação entre o conteúdo, alunos e professor, ministramos, durante o estágio, uma aula de exposição do nosso projeto de pesquisa de doutorado, ou seja, a questão racial foi amplamente discutida e o *feedback* da turma foi muito positivo, o que me estimulou a realizar a pesquisa com os alunos de Relações Públicas.

Em maio de 2007, ao retornarmos de Luanda, estávamos com tudo preparado para a coleta de dados em São Paulo. Depois da exibição das cenas das telenovelas, a USP (docentes, alunos e funcionários) entrou em greve, o que prejudicou parcialmente o andamento da pesquisa.

Adotamos para a seleção dos estudantes em São Paulo os mesmos procedimentos utilizados em Angola. Expusemos para a turma os objetivos do trabalho e perguntamos quem tinha interesse em colaborar com a realização da pesquisa, em seguida, entregamos os questionários e exibimos o vídeo com as cenas selecionadas.

As diferenças entre os alunos em Luanda e em São Paulo começaram ali. No primeiro contato com os alunos, da USP, percebemos que a maioria da sala, apesar de responder o questionário, mostrou-se indiferente ao tema pesquisado. Ficou explícito ali no comportamento de alguns jovens o preconceito duplo: em relação à telenovela e à discussão racial. Mais adiante discutiremos com mais profundidade este aspecto.

De posse dos questionários respondidos, após a seleção de acordo com os critérios aqui apresentados, entramos em contato, via internet ou por telefone,

com os oito alunos selecionados. O trabalho que conseguimos fazer em duas semanas em Angola (a realização das entrevistas e da história de vida), aqui no Brasil demorou quase dois meses. Nos deparamos com uma dificuldade de formar o grupo com oito alunos, pois, a maioria nunca podia nos atender. Primeiro, quando a USP estava em greve, o motivo alegado pelos estudantes era que não tinham como ir até à universidade, embora, colocamo-nos à disposição para irmos onde fosse mais viável para o participante. Depois do término da referida greve, os eles alegaram que estavam cheios de trabalhos e não tinham tempo para participar da pesquisa. Das oito entrevistas realizadas, em São Paulo, duas foram realizadas nas casas dos entrevistados, uma em um shopping center, localizado na Zona Oeste, e outra numa livraria na Avenida Paulista. Quatro estudantes preferiram ser entrevistados na USP.

Felizmente, os únicos quatro alunos negros da sala aceitaram, prontamente, participar da pesquisa. Para efeito de registro, um dos alunos negros não é aluno regular; ele tem 63 anos e faz parte do Programa da Terceira Idade dentro da universidade. Para compor o grupo dos alunos brancos também encontramos problemas, como já foi explicitado anteriormente: entre as duas alunas que se prontificaram a colaborar com a pesquisa, uma delas tem 60 anos e também é aluna do Programa da Terceira Idade. Dos dois alunos brancos, um nasceu na Argentina e vive no Brasil desde os dois anos; o outro é descendente de orientais, fazendo parte da terceira geração de uma família de descendentes japoneses.

Os entrevistados tinham entre 18 e 63 anos. Entendemos que essa diferença de idade é relevante, pois, pode nos fornecer elementos de diversos pontos de vista sobre o mesmo assunto entre telespectadores de diferentes faixas etárias.

1.2.6. Os entrevistados

A seguir, identificamos os 16 estudantes da amostra da pesquisa, em Luanda e no Brasil, e, também, os demais entrevistados em Angola, que, com certeza, contribuíram para a realização desta pesquisa. Ressaltamos, que, com o objetivo de garantir a imparcialidade e o anonimato das pessoas, substituímos os seus respectivos nomes por pseudônimos.

Os dezesseis alunos entrevistados (amostra)

Angola

Elisa - 24 anos

Luis - 36 anos

Luzia - 21 anos

Pedro - 30 anos

Cláudio - 23 anos

Lauro - 30 anos

Maria - 18 anos

Márcia - 21 anos

Brasil

Leandro - 21 anos (branco)

Laís - 19 anos (negra)

Juca - 30 anos (negro)

Ana - 20 anos (branca)

Paulo - 63 anos (negro)

Luana - 19 anos (negra)

Nara - 60 anos (branca)

Vinícius - 19 anos (branco)

Outros entrevistados em Angola

Estudantes

Madalena, Carla Marisa, Esperança de Jesus, Filomena, Adélia, Maria Ezequiel, Eudalice, Osvaldo, Sebastião, Inácio, Gilberto, Maria Eva, Antonieta, Isabel e João.

Jornalistas:

Américo Gonçalves

Joaquim Paulo

Docentes:

Alfredo Buza – Universidade Agostinho Neto - Cabinda

Ana Luzia – Universidade Agostinho Neto - Luanda

Antonio – Universidade Agostinho Neto - Cabinda

Carlos – Universidade Agostinho Neto - Cabinda

Clemêncio – Universidade Agostinho Neto - Luanda

Lukombo – Universidade Agostinho Neto - Luanda

Mônica – Universidade Agostinho Neto - Cabinda

Muanda – Universidade Agostinho Neto - Luanda

Rosa Cruz – Arquivo Histórico de Angola – Luanda

1.2.7. Coleta de dados

Para a fase da coleta de dados elegemos a combinação de duas técnicas: observação direta e indireta. Apropriando-nos das observações de Thiollent, em ambas as situações o questionamento intervém em redes de comunicação, mas, no primeiro caso, a intervenção é ativa, isto é, suscita reações por parte das pessoas investigadas. No segundo caso, “a intervenção é passiva na medida em que as ‘respostas’ não são formuladas em reação às perguntas, e sim são mensagens que existem independentemente do processo de investigação”. (Thiollent, 1980:32)

1.2.8. Observação indireta

Foi possível no primeiro contato observar o comportamento e as atitudes dos entrevistados em relação aos acontecimentos da trama pertinentes ao interesse do trabalho. No período de coleta de dados, para uma melhor precisão, nos cercamos de anotações dos comentários esporádicos dos receptores considerados relevantes em relação ao tema estudado. “Na observação indireta, trata-se de um sistema de questionamento que visa captar uma informação que circula nos canais dos meios de comunicação ou que é estocada em arquivos”. (Thiollent, 1980:32)

1.2.9. Observação direta

Com o objetivo de captar os dados de forma mais direta e precisa, optamos por algumas técnicas relativas à proposta de observação direta. Segundo Thiollent, “a observação direta trata-se de um questionamento que consiste em submeter grupos de indivíduos a séries de questões para obter respostas formuladas numa situação de comunicação artificial que é criada pela presença dos investigadores”. (Thiollent, 1980:32)

Questionários e entrevistas são considerados técnicas de observação direta por estabelecerem um contato efetivo com as pessoas implicadas no problema investigado. As perguntas do questionário, tanto quanto das entrevistas, foram preparadas com o objetivo de detectar as opiniões, atitudes e idéias dos entrevistados:

- ❖ Em relação à telenovela brasileira e as obras selecionadas;
- ❖ A relação entre a ficção (telenovela) e realidade (cotidiano);
- ❖ A representação das relações raciais na ficção;

- ❖ As relações raciais na sociedade brasileira;
- ❖ A importância da abordagem de assuntos polêmicos da sociedade, como o racismo, nas telenovelas;

1.2.10. Questionário e Entrevistas

Após a exibição das cenas, utilizamos um questionário de perguntas fechadas, no qual o entrevistado podia responder apenas sim ou não. Para a realização das entrevistas nos apropriamos da proposta metodológica adotada na pesquisa *Recepção de Telenovela* (Lopes, 1999). Segundo a autora, os diferentes tipos de situação interativa entre pesquisador e informante, com a combinação das técnicas de abordagem, produzem diferentes tipos de materiais e uma espécie de *continuum* de "aquecimento" das relações entre o entrevistador e entrevistado.

1.2.11. Entrevistas: semi-estruturada e não-estruturada

Nos utilizamos da entrevista semi-estruturada (qualitativa), conforme a classificação de Thiollent (1980). Segundo o autor, nesse momento, as perguntas devem ser mais objetivas em relação ao tema de interesse, o que permite que o entrevistado fique mais informado sobre o objetivo da pesquisa. Na entrevista não-estruturada recorreremos à história de vida, na qual os entrevistados expõem suas experiências pessoais.

A história de vida é uma técnica de entrevista não-estruturada, em que se pede ao entrevistado que conte ou descreva sua história pessoal de vida. É também referida como entrevista em profundidade por captar, da perspectiva do sujeito, as conexões de sentido que dão lugar às respostas. Recolhe a carga afetiva e valorativa do sujeito, assim como os contextos pessoais que deram origem às suas respostas. (Lopes, 1999: 40)

Por meio dessa técnica, foi possível conhecer os fatos mais importantes da vida dos entrevistados, assim como as suas convicções, as suas crenças e os seus

valores. Especialmente em Angola, o uso dessa técnica teve como objetivo conhecer mais a cultura e a História angolana. Cabe citar neste contexto das observações de Queiroz:

... depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, se definem em função das informações, indicações, esclarecimentos, escritos ou registrados, que levam a elucidar de determinadas questões e funcionam também como provas. (Queiroz, 1983: 91)

As gravações das histórias de vida foram transcritas, com o objetivo de trazer elementos que nos permitissem uma melhor compreensão da postura de cada entrevistado em relação ao tema pesquisado. O material encontra-se anexado a este do trabalho.

1.3. A escolha de Angola

Angola é um país localizado na costa ocidental da África, com uma superfície de 1.246 Km², é o 7º país do continente em extensão. O país tornou-se independente em 11 de novembro de 1975, após 14 anos de guerra contra o domínio colonial português. De acordo com os dados que nos foram disponibilizados pela Agência Angola Press, a República de Angola tem aproximadamente 12.500.000 habitantes e a Província de Luanda conta com cerca de quatro milhões de pessoas. Grande parte da população da capital angolana tem acesso à programação da Rede Globo Internacional, captada via antena parabólica.

No Brasil, após a edição da Lei Federal 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que institui como obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares do território nacional, começamos a trabalhar com cursos de capacitação destinados aos professores do Ensino Básico de São

Paulo, e, até de outros estados brasileiros: estivemos em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Maranhão.

A partir da experiência de “aprender a aprender” sobre a África, inserimos no projeto de doutorado “conhecer” um país africano e logo pensamos em Angola. A princípio, essa escolha deu-se em função da proximidade histórica com o Brasil. No primeiro momento, as semelhanças evidentes eram: o colonizador, a língua oficial e a relação com a ancestralidade africana. No entanto, com o desenrolar da pesquisa, nos questionamos sobre essas supostas semelhanças. Depois da coleta de dados em Angola, as diferenças foram tomando proporções maiores, inclusive em relação àquilo que antes considerávamos semelhanças, como: a língua oficial, o processo de colonização e também na relação com a ancestralidade africana.

Os estudos na perspectiva intercultural pressupõem um movimento de troca, do reconhecimento da cultura do outro. Sabe-se que a telenovela brasileira, de algum modo, depõe sobre a nossa cultura lá fora. Portanto, é importante conhecer como a teledramaturgia brasileira chega até lá e como esse outro se reapropria do que vê e lê por meio das imagens televisivas.

A imagem que perpassa os meios nem sempre é a que reflete a realidade brasileira, a ausência de negros na teledramaturgia propaga a idéia de um Brasil com a maioria esmagadoramente branca. É uma imagem incoerente, se for considerado o fato de que o Brasil é o segundo maior país do mundo em concentração de população negra.

De fato, em Angola, os entrevistados questionaram o número de atores brancos em detrimento dos atores negros, no entanto, eles conhecem mais da realidade brasileira do que prevíamos. A telenovela até passa uma imagem de um país

majoritariamente branco, isso é questionado pelos entrevistados, contudo, apesar da diferença quantitativa entre o número de atores considerados brancos e os não-brancos (negros e mestiços)², os entrevistados já sabiam – por conhecer o país pessoalmente ou por meio de leituras ou, ainda, por ouvir falar sobre – que o Brasil, depois da Nigéria, é o segundo país do mundo em número de negros.

² Definição de não-brancos (pardos e negros) utilizada por Hasenbalg, 1988.

2. CONTEXTO INDISCIPLINAR DA PESQUISA

2.1.1. Os estudos da questão racial nas Ciências Sociais

Os estudos realizados em relação ao negro têm sido abordados com mais frequência pelas Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia) e História. No final do século XIX e início do século XX, o negro aparece nos estudos da época como um ser inferior ao homem branco. Na década de 1950, Bastide e Fernandes, desenvolveram vários trabalhos patrocinados pela UNESCO. Foi nesse período que começou a ser questionada a tão difundida "democracia racial". De acordo com Borges Pereira:

Coube a esses estudos o papel de desmascarar o modelo racial brasileiro, ao chamar a atenção dos leigos e estudiosos para o caráter discriminador da estrutura social brasileira em relação ao segmento negro e desmistificar a ideologia que veiculava uma versão democrática das relações entre raças no país. (Borges Pereira, 1987:156)

Alguns trabalhos de destaque da década de 50 que muito contribuíram para os estudos da sociologia no Brasil foram: *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (Bastide e Fernandes, 1955); *As elites de cor: um estudo de ascensão social* (Azevedo, 1955); *O negro no Rio de Janeiro, relações de raças numa sociedade em mudança* (Costa Pinto, 1953); *Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga* (Nogueira, 1955); *Introdução crítica à sociologia brasileira* (Ramos, 1957).

Outra linha de discussão, na perspectiva da Sociologia e da Antropologia e em torno dos conceitos raça e etnia, questiona se os conflitos entre negros e brancos são raciais ou étnicos. Os sociólogos responderam a este desafio de três maneiras:

A primeira foi assimilar todos os problemas chamados raciais na categoria de problemas étnicos. A segunda foi reconhecer que as diferenças raciais existiam de fato e atuavam muitas vezes como indicadores para distribuição diferencial dos direitos; mas limitar o

âmbito de aplicação do termo raça é negar que ele tivesse qualquer significado justificativo. A terceira foi usar os termos situação de relações raciais para referir situações marcadas pelo racismo. (Rex, 1988:38)

Essa questão dos termos raça e etnia é tão complexa que até mesmo alguns cientistas preferem se omitir. De acordo com Guimarães: “há sociólogos, entretanto, que, por considerarem o conceito de raça excessivamente carregado de ideologia, rejeitaram até mesmo essa distinção entre raça e etnia” (Guimarães, 1995:48).

Neste caso específico, trabalhamos com a realidade de dois países diferentes, aqui no Brasil, se dissermos que a discussão remete às “relações étnico-raciais”, as pessoas entenderão o nosso objetivo. Dado que, segundo a biologia, a noção de raça inexistente, muitos estudiosos optam por utilizar o termo “étnico” ou “etnias” no lugar de racial. Neste trabalho optamos por usar o termo racial, pois acreditamos que a idéia da hierarquia racial ainda persiste culturalmente, ou seja, no imaginário e nas práticas sociais cotidianas. Já em Angola, substituir a palavra racial por étnica ou etnia ganha outro significado, pois os elementos que lá definem um grupo étnico são, principalmente, as diferenças etno-linguísticas e não a relação entre negros, brancos e mestiços.

2.1.2. Os estudos da questão racial nos meios de comunicação

Sob a perspectiva da Comunicação Social, só recentemente pesquisadores começaram a realizar trabalhos enfocando a temática racial. “Entende-se, aqui, por Comunicação Social tanto a mídia impressa (rádio, televisão, propaganda), como também as artes (cinema, teatro, música) e a literatura em suas diferentes formas de expressão (ficcional, científica, popular e didática)” (Couceiro de Lima, 1995:2).

No teatro, podemos destacar duas pesquisas. A primeira, *A personagem negra no teatro brasileiro, entre 1838 e 1888* (Mendes, 1983a), analisa a representação da personagem negra no contexto teatral até a abolição. A segunda, da mesma autora, *O negro e o teatro brasileiro entre 1889-1992*, (Mendes, 1983b).

Já no rádio encontra-se um trabalho de destaque a focar a comunicação *Cor, profissão e mobilidade. O negro e o rádio em São Paulo* (Borges Pereira, 1967). Essa pesquisa teve continuidade mais tarde com Couceiro abordando a televisão: *O negro na televisão de São Paulo. Um estudo de relações raciais* (Couceiro de Lima, 1971)³. Ambos analisam a presença e a ausência do negro nesses veículos e a representação desse segmento na esfera de programação.

Outro trabalho na área da comunicação que pode ser citado é *O negro brasileiro e o cinema* (Rodrigues, 1988). Sobre literatura, encontra-se o estudo sobre a presença de estereótipos e avaliações preconceituosas em relação ao negro sob o título *O preconceito de cor na literatura de cordel* (Moura, 1976). Em relação à literatura ficcional, duas pesquisas focalizaram mais sistematicamente “como as imagens do negro são veiculadas por essa forma de Arte/Comunicação” (Couceiro, 1995:4). Uma delas foi realizada por um "brazilianista" (Brookshaw, 1983), que analisou obras de escritores brancos e negros pertencentes a diferentes correntes literárias. Outro trabalho, *Preconceito de cor, e a mulata na literatura brasileira* (Queiróz, 1975), focalizou a representação da mulata na literatura brasileira.

As pesquisas sobre telenovelas a partir das perspectivas das mediações são recentes. Antes disso, nas décadas de 1970 e 1980, a telenovela aparecia de

³ Nesta pesquisa a autora dedicou um capítulo para a análise da presença do negro na telenovela brasileira.

forma pejorativa, mais como um instrumento de alienação. De acordo com Lopes:

(...) Na possível primeira pesquisa acadêmica, uma dissertação de mestrado sobre telenovela (Barros, 1974) afirmava-se que as telenovelas atuam no sentido de legitimar, reforçar e reproduzir a estrutura da família preconizada pelo Estado. Em outra dissertação, "Televisão e adolescentes: a sedução dos inocentes", a telenovela é tida como um eficiente veículo da sociedade de consumo a serviço da qual funciona (Penteado, 1979). (Lopes, 1999:16)

Como Lopes descreve, as primeiras pesquisas acadêmicas inspiradas na perspectiva teórica das mediações só são notadas nos anos 1990:

com a preocupação em ressaltar os paradoxos e as ambigüidades que estão presentes na recepção e em que o sentido da telenovela é "negociado" e articulado a questões como, por exemplo, a exclusão social, a identidade feminina e a identidade regional no país. (Lopes, 1999:16-17).

Entre os trabalhos que mais se aproximam da nossa proposta de estudo, dentro da linha de pesquisa “Comunicação e Etnia”, encontramos as obras de Couceiro de Lima, entre elas, *A identidade da personagem negra na telenovela brasileira* (1998), e um artigo intitulado “Até canibal vira vegetariano...” (2006). Outra pesquisa importante é de Joel Zito Araújo (1999), *A negação do Brasil, identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira*.

2.2. Identidade e Estigmas

Os comportamentos pautados pelo racismo e pela branquidade incitaram o negro, discriminado, a uma tomada de consciência coletiva não somente na África, mas em todos os países da diáspora. As reivindicações aconteciam não na forma de lamúrias, mas na busca do respeito, da liberdade, da igualdade de

oportunidades e do direito de exercer sua cidadania como qualquer outro ser humano, em sua terra de origem. Aqui,

a identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer de cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. (Munanga, 1986: 45)

No caso específico da identidade em Angola, Serrano afirma:

... dispomos de duas vias para abordar a criação da “identidade nacional angolana”: a primeira é a consequência direta da intervenção sempre brutal e pouco hábil, do colonizador. É-se angolano para melhor organizar a oposição ao colonizador.

O segundo momento está praticamente integrado neste primeiro: as diferentes nacionalidades reconhecem-se na dominação (...). (Serrano, 1991: 6)

A diferença é algo natural e perceptível entre os seres humanos ou não humanos. Não é exagero afirmar que, desde suas origens, o homem tem dificuldades em aceitar e respeitar essa diversidade. Tal afirmação torna-se óbvia quando encontramos na história justificativas preconceituosas e racistas com a tentativa de explicar as diferenças entre os grupos humanos. Como afirma Laplantine, a extrema diversidade das sociedades humanas raramente apareceu aos homens como um fato, mas como uma aberração, exigindo uma justificação.

A antiguidade grega designava sob o nome de bárbaro, tudo o que não participava da helenidade (em referência a inarticulação do canto dos pássaros oposto à significação da linguagem humana), o Renascimento, os séculos XVII e XVIII falavam de naturais ou de selvagens (isto é, seres da floresta), opondo assim a animalidade à humanidade. O termo primitivo é que triunfará no século XIX, enquanto optamos preferencialmente na época atual pelo de subdesenvolvidos. Essa atitude, que consiste em expulsar da cultura, isto é, para a natureza todos aqueles que não participam da faixa de humanidade à qual pertencemos e com a qual nos identificamos. (Laplantine, 2003:40)

Vivemos numa sociedade na qual as chamadas “minorias” não se enquadram nos padrões ditados e pré-estabelecidos. Assim, os “outros”, que compõem esta

minoria, por alguma razão de natureza racial, cultural, social, estética ou de gênero, não são considerados modelos plenos de humanidade.

As divisões sociais são naturalizadas em desigualdades postas como inferioridade natural (no caso das mulheres, dos trabalhadores, dos negros, índios, imigrantes e idosos), e as diferenças, também naturalizadas, tendem a aparecer ora como desvios da norma (no caso das diferenças étnicas e de gênero), ora como perversão sexual ou monstruosidade (no caso dos homossexuais, por exemplo). Essa naturalização, que esvazia a gênese histórica da desigualdade e da diferença, permite a naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência, pois estas não são percebidas como tais... (Chauí, 2000: 90)

Ao retornarmos à história oficial, nos deparamos com uma série de relatos e de teses ditas científicas que atestam a superioridade racial do branco em relação aos outros povos. Os “estigmatizados” (negativamente) são marcados pela ausência. No caso da África, os negros não têm beleza, não têm riqueza, não têm cultura, não são civilizados.

Assim, não acreditando em Deus, não tendo alma, não tendo acesso à linguagem, sendo assustadoramente feio e alimentando-se como um animal, o selvagem é apreendido nos modos de um bestial. E, esse discurso sobre a alteridade, que recorre constantemente à metáfora zoológica, abre o grande leque de ausências: sem moral, sem religião, sem lei, sem escrita, sem Estado, sem consciência, sem razão, sem objetivo, sem arte, sem passado, sem futuro. (LaPlantine, 2003: 41)

A partir de uma análise em torno das pesquisas acadêmicas e dos documentos históricos, podemos concluir que a branquidade e a negritude são realidades decorrentes do processo histórico (Sovik, 2004). Entendemos que a construção ideológica do branco europeu como modelo universal de humanidade desencadeou uma série de discriminações em relação aos não-europeus. Os estigmas negativos difundidos pelos europeus em relação aos outros povos serviram como base para justificar o processo colonizador.

Tudo, na África, é nitidamente visto sob o signo da falta absoluta: os “negros” não respeitam nada, nem mesmo eles próprios, já que comem carne humana e fazem

comércio da “carne” dos seus próximos. Vivendo em uma ferocidade bestial inconsciente de si mesma, em uma selvageria em estado bruto, eles não têm moral, nem instituições sociais, religião ou Estado. Petrificados, em uma desordem inexorável, nada nem mesmo, as forças da colonização poderão nunca preencher o fosso que os separa da História universal da humanidade. (LaPlantine, 2003: 45)

Diante dos fatos constatamos que há uma propagação da ausência de uma memória positiva em relação ao negro e à África, perpetuando-se, cada vez mais, uma memória (coletiva) repleta de dados incorretos. Tal afirmação reforça-se nas palavras de Le Goff ao abordar a relação entre memória e poder:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990:426)

As crenças embasadas e defendidas pelas teorias racistas se perpetuam até hoje nas relações humanas. Por esse motivo, optamos por empregar o substantivo derivado da palavra raça, “racial”, que, entendemos, exprime a realidade da convivência inter-racial numa sociedade fragmentada pela percepção de raças. Embora, cientificamente, a biologia desconheça a hierarquização das chamadas “raças humanas”, não obstante, sociologicamente, no imaginário coletivo da sociedade a hierarquia racial permanece. Para a definição de racismo, no enfoque aqui apresentado, nos apoiamos em Munanga:

O racismo seria, teoricamente, uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, físico e o intelecto, o físico e o cultural. (Munanga, 2004:8)

De acordo com Munanga, a classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica: a raciologia. Para o autor, na realidade, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico. Esse discurso serviu mais para justificar e legitimar o sistema de dominação racial do que como explicação de variabilidade humana.

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc, que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. (Munanga, 2004: 08)

Enquanto os colonizadores abusavam dos adjetivos negativos para descrever o “outro” com quem tinham se defrontado, numa atitude etnocêntrica, a imagem do colonizador se fortalecia em relação aos colonizados. Os relatos preconceituosos deram margem ao nascimento das teorias que embasam o pensamento racista. Assim, contrariando o discurso da igualdade, os pensadores iluministas utilizam o conceito de raça existente, até então, nas ciências naturais, na classificação das plantas, para categorizar a diversidade humana.

Vivemos em uma sociedade multirracial e a “cor” denota privilégios. Os meios de comunicação de massa sinalizam nesse sentido, de modo que a televisão pode ser vista como uma espécie de “espelho” que reflete o imaginário da sociedade brasileira. O que se mostra e se cultua na mídia como belo são os padrões cada vez mais distantes do brasileiro e próximos do ideal europeu. Dentro da perspectiva desta reflexão, a branquidade pode ser entendida a partir da representação do branco como modelo universal de humanidade. Frankenberg define branquidade a partir do significado de ser branco, num universo racializado: “um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê aos outros e a si mesmo; uma posição de poder não nomeada, vivenciada em uma geografia social de raça como um lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro

aquilo que não atribui a si mesmo”. (Frankenberg, 1995: 43-4)

Não é possível falar em relações raciais tomando como ponto de partida apenas o comportamento do negro. É necessário entender e considerar em que elementos se pauta o sentimento de superioridade do branco, pois, se existe o discriminado, é óbvio que existe o discriminador. Apesar disso, há poucos registros de estudos conferindo a ambos, negros e brancos, a mesma importância no processo de superação da desigualdade racial. Portanto, torna-se fundamental analisar as peculiaridades das identidades de negros e brancos no processo de socialização.

Todos nascemos já propícios às marcas positivas ou negativas impostas pela sociedade. Apropriando-nos da definição de Goffman, denominaremos essas marcas de “estigmas”, que podem ser relacionadas a atributos positivos e/ou negativos. “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. (Goffman, 1978:11)

Nos apropriando da definição de estigma, utilizada pelo autor, chegamos à conclusão da pertinência da nossa inquietação em relação ao papel das mídias em reforçar ou em contribuir na derrubada de estereótipos e dos estigmas sociais.

Como relata Goffman (1978), é comum acreditar que o estigmatizado não é completamente humano. Com base nisso, o considerado “normal” faz vários tipos de discriminações, e, ao mesmo tempo, constrói e reforça uma ideologia para explicar a suposta inferioridade do “outro”.

A relação entre o “eu” e o “outro” nos remete à questão da identidade, do ser e

não ser, do pertencimento e da identificação. Autores como Hall (2001) e Silva (2000) trabalham e discutem a identidade a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Para Hall, a identidade é formada historicamente e não biologicamente:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo (...). Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (Hall, 2001: 39)

A reflexão em torno das formações das identidades nos aponta uma outra questão – a diferença. De acordo com Silva (2000), a identidade e a diferença são, pois inseparáveis. Segundo o autor, a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas.

(...) as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é aqui privilegiado. (Silva, 2000: 83)

A classificação entre nós e eles, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, negro/branco significa problematizar o processo de construção desses binarismos. Como o nosso objetivo é analisar as representações das relações raciais, pretendemos remeter ao processo da colonização, e, a partir desse momento histórico, repensar a construção binária, “negro/branco”.

Os mecanismos do processo de dominação utilizados pela sociedade colonial

destróem e comprometem a formação das identidades. A disseminação de estigmas negativos reforça a idéia de superioridade de um grupo em detrimento do outro. Em contrapartida, enquanto a identidade de um grupo se constrói e se mantém através da inferioridade do “outro”, ela se fortalece como um paradigma. Portanto, tanto o discriminado quanto o discriminador são vítimas de uma armadilha, pois os considerados “modelos” possuem a “fantasia” de uma suposta superioridade.

De acordo com as observações de Elias & Scotson (2000), é freqüente nas abordagens sobre relações raciais situar essa discussão como um problema do aqui e agora. Portanto, para compreender o cerne das relações étnico-raciais recorreremos ao conceito de branquidade que questiona o paradigma estabelecido do homem branco europeu como modelo pleno de humanidade.

A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquidade têm camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis. O caráter relacional e socialmente construído da branquidade não significa, convém enfatizar, que esse e outros lugares raciais sejam irreais em seus efeitos materiais e discursivos. (Frankenberg, 2004: 312 -313)

Para Silva (2000), o processo de identificação com um grupo, o reconhecimento da identidade, é sempre um processo marcado pela diferença, definido pela inclusão e exclusão, pois, quando afirmo o que sou deixo subentendido o que não sou. Ao afirmar “sou negra”, me incluo e me identifico com um determinado grupo. Quer dizer que não sou branca. A afirmação e a negação caminham juntas, assim como a identidade e a diferença.

A partir da definição de Goffman (1978), as regras da sociedade estabelecem os normais (paradigma) e os estigmatizados, que não se enquadram nos padrões

pré-determinados pelos ditos normais. São as relações binárias, exemplificadas por Hall (2001), como o ser mulher ou ser homem, ser protestante ou ser católico, ser negro ou ser branco. Nossa análise se pautará neste último exemplo de binarismo.

Para autores como Silva (2000) e Hall (2001), a identidade está ligada por uma forte separação entre “nós” e “eles”. O que legitima a diferença é a certeza que eu não sou o outro. Mas essa diferença, em vez de servir para categorizar e classificar, é utilizada, na maioria das vezes, para discriminar negativamente quem não é identificado como parte do grupo dos considerados “normais” (Goffman). Logo, ser diferente torna-se um defeito, motivo que afasta o indivíduo do modelo pleno de humanidade.

Ao problematizar as relações binárias negro/branco, concluímos que tal operação simbólica é marcada pela relação de poder e de dominação do grupo que se considera superior, neste caso, o branco. Essa afirmação vai ao encontro dos escritos de Elias & Scotson ao comentar como um grupo de “estabelecidos” impõe a crença de uma suposta superioridade em detrimento de um suposto grupo inferior.

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (Elias & Scotson, 2000:24)

O pertencimento a um grupo simbolicamente privilegiado traz mais vantagens do que pertencer a um grupo que é historicamente estigmatizado de forma negativa. Como não desejar fazer parte de um grupo que foi e continua sendo colocado como paradigma estético e cultural? Quem deseja se identificar com o que é considerado ruim? As questões do pertencimento e da identidade estão

ligadas diretamente à auto-estima e memória coletiva de um povo.

Os estudos sobre as relações raciais, a partir do enfoque aqui apresentado, nos auxiliam a focalizar e compreender o problema bilateral das relações entre negros e brancos. O desafio é reformular não apenas as imagens que temos uns dos outros, mas também – e principalmente – de nós mesmos.

Atuar sobre um poder, por vezes mais simbólico do que real, sobre crenças de supremacia branca, sobre valores “neutros” e “transparentes”, é um esforço igual ou talvez maior do que o que se despende para apagar das mentes de pessoas discriminadas as marcas do preconceito, do medo, da insegurança e da desigualdade. (Piza, 2002:72)

2.3. Branquidade na Mídia

Sobre as identidades étnicas aqui especificadas – do negro e do branco – há de ser considerada a situação básica das diferenças no processo de construção de identidade dos dois grupos. Historicamente, foi introjetada no negro a idéia de inferioridade, e, em contrapartida, o homem branco “europeu” foi colocado como modelo universal da raça humana. Esta concepção, durante muito tempo, foi difundida e reforçada em estudos ditos científicos.

(...) o homem europeu ganhou, em força e identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o “homem universal” em comparação com os povos não-europeus. O olhar do europeu transformou os não-europeus em um diferente, e, muitas vezes, ameaçador Outro. (Bento, 2002b:31)

Na perspectiva de questionar essa suposta superioridade branca, nos apropriamos do conceito de branquidade, que questiona justamente a construção ideológica do “ser branco”. Os estudos que enfocam a branquidade problematizam o papel do branco e a construção da identidade branca nas relações binárias negro/branco. O objeto de análise das relações raciais deixa de ser somente o negro e passa a incluir, fundamentalmente, o comportamento do

branco. Piza exemplifica como o branco racializa os outros enquanto permanece racialmente neutro, já que ser branco é o que está estabelecido como “normal”.

Ao grupo de descendentes de asiáticos – japoneses, chineses, coreanos – os quais são chamados a responder pelo estereótipo da inteligência e do sucesso profissional. Se um falha, alguém sempre vai se lembrar de que “japoneses” são superinteligentes e bem sucedidos. Então, por que você falhou?”. Mas, se uma pessoa estiver estacionando o carro em lugar proibido, alguém pode sempre lembrar que “só negros fariam isso!”.

Entretanto, entre brancos, falhar nas expectativas que se formam em torno de alguém ou cometer uma infração de trânsito levará um palavrão pelas costas, que poderá, no máximo, ofender a mãe preposta para estas ocasiões, mas jamais o conjunto dos brancos, o grupo racial ao qual pertence. A expectativa para os três sujeitos é determinada pela sua racialidade, mais apenas dois são racializados – o japonês e o negro. O branco preserva sua individualidade. (Piza, 2002:72)

Para Couceiro de Lima (2006), as mídias reforçam o pensamento contrário à civilização em relação aos africanos. Podemos citar como exemplos dois comerciais que ilustram essa situação. Recentemente, em um comercial de uma marca de maionese, sob o *slogan* “Com Hellman’s até canibal vira vegetariano”, assistimos um homem branco encontrar um grupo de canibais que iria devorá-lo. No entanto, ao apresentar aos negros “selvagens” o paladar da maionese, foi salvo pelo papel “civilizador” do produto. Após a descoberta, todos comemoraram ao saborear a maionese numa folha de alface.

Em um outro comercial, de uma marca de xampu, aparece uma moça que supostamente estaria visitando um safári. Ela é conduzida, em um jipe, por um motorista negro (supostamente um nativo). Ao descer para fotografar um leão, o cabelo dela “arma”, a imagem muda, transformando-se numa selvagem e o leão a reconhece como uma “igual”. Nos dois comerciais está presente uma das primeiras idéias difundidas pelos relatos dos viajantes europeus em relação ao continente africano – a noção de animalidade x humanização e do selvagem x

civilizado. Contudo, provavelmente, os profissionais envolvidos nos comerciais não perceberam a circulação dos sentidos que estas imagens podem trazer – é a naturalização dos estigmas e dos estereótipos.

(...) estamos sujeitos a uma séria confusão a menos que concordemos em separar o equipamento instintivo dos estereótipos, padrões e fórmulas que desempenham papel tão decisivo na construção do mundo mental a que o caráter nativo se adapta e reage. A incapacidade de estabelecer essa distinção explica enxurradas de baboseiras acerca de espíritos coletivos, almas nacionais e psicologia racial. O estereótipo, de fato, pode ser tão consistente e autorizadamente transmitido, em cada geração, de pai para filho, que quase parece um fato biológico. (Lippman, 1972: 158)

A televisão, no Brasil, estabeleceu um padrão de beleza que se aproxima muito mais do europeu do que, de fato, do brasileiro. Ainda que no Brasil se mantenha um discurso enaltecendo a miscigenação racial, há uma participação significativa do branco na mídia, em detrimento dos não-brancos. Parafraseando Sovik (2004), é comum no Brasil ouvirmos a afirmação de “que aqui ninguém é branco”. Há um discurso de que o problema aqui não é racial e sim social. De acordo com Sovik, esse bordão serve para evitar a análise do pólo branco na gama racial brasileira.

Em um artigo que aborda a representação das relações raciais e os meios de comunicação, Sovik, parte do princípio de um suposto

consenso inicial em que ser branco exige pele clara, feições européias, cabelo liso; que ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro. (Sovik, 2004: 366)

Sob a égide do mito da democracia racial, propagou-se a idéia de que numa nação onde todos são iguais – mestiços – não há desigualdade racial. A miscigenação é um fato inegável, mas esse fator biológico não impediu a

existência do racismo no Brasil.

Há muitos estudos nas áreas da Antropologia, Sociologia e História enfocando a questão da miscigenação racial no Brasil. Ao pesquisarmos sobre este tema encontramos evidências dos reais propósitos da política ideológica da miscigenação, que escondia interesses como o branqueamento da população brasileira.

“Os defensores do branqueamento progressivo da população brasileira viam na mestiçagem o primeiro degrau nessa escala. Concentraram nela as esperanças de conjurar a “ameaça racial” representada pelos negros. Viram-na como marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil. Embora considerado como ponte étnica entre negro e branco, a qual conduziria à salvação da raça branca, o mulato não goza de um status social diferente do negro (...)”. (Munanga, 1997: 93)

Na televisão nos deparamos com alguns exemplos de branqueamento na mídia. Camila Pitanga é uma mestiça que se reconhece negra, na ficção, ela sempre é fruto de uniões inter-raciais. No Brasil, ela não é identificada facilmente como negra, já que suas características físicas (cabelos, cor da pele, nariz) aproximam-se do padrão de beleza de uma mulher considerada branca. Taís Araújo, cada vez mais, está afastando-se de suas características físicas de origem. Esta afirmação pode ser constatada se compararmos a atriz, em sua primeira telenovela, “Chica da Silva” (exibida pela extinta Rede Manchete), em 1994, e, em Cobras e Lagartos (Rede Globo), 2006.

Retomar essa discussão é importante para nos situarmos no presente, e, na nossa reflexão sobre a construção ideológica do branco europeu como padrão estético e cultural de humanidade – a branquidade. A difusão e solidificação desse pensamento serviram como garantia de privilégios, poder e dominação. As pesquisas sob este enfoque “quebram” o pacto do silêncio e problematizam a posição do branco nas discussões das relações raciais.

A tentativa de explicar essa oposição binária – negro/ branco – perpassou muitas gerações e continua nos trazendo inquietações até os dias de hoje. Se assim não fosse, esta pesquisa não teria sentido. Os estudos sob a perspectiva da branquidade propõem avançar além da questão do negro, pois a crítica das estudiosas desse tema, Frankenberg (1995), Piza (2002), Bento (2002) e Sovik (2003), é que, até pouco tempo, para estudar as relações raciais o ponto de partida era somente o negro quando seria preciso incluir também o branco no cerne das discussões.

Ao estudarmos os elementos da construção da identidade do branco, tomamos como referência a análise de Silva (2000) sobre a importância dos elementos advindos da cultura na formação das identidades dos indivíduos. Para ele, cada cultura tem suas próprias formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os sentidos e os significados do mundo em que vivemos.

De acordo com Silva (2000), as posições que assumimos com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. A identidade é aquilo “que eu sou” ou “que eu desejo ser”. Para o autor, a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

A identidade e a diferença traduzem-se, assim, em declarações sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. “Os pronomes “nós” e “eles” não são aqui simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder”. (Silva, 2000:

82)

As discussões em torno dos reconhecimentos de identidades acontecem dentro de um panorama político, no qual os marginalizados requerem seus direitos de cidadania e as mesmas oportunidades das quais desfrutam o opressor. A postura da contestação sempre gera conflitos entre os grupos envolvidos. Reivindicar a igualdade é sempre visto como uma possível ameaça para quem, historicamente, é detentor do poder. A demarcação dos espaços identitários é, antes de tudo, uma postura política e ideológica. A formação da identidade do indivíduo não está alheia às influências históricas e culturais do contexto no qual ele encontra-se inserido. Portanto, a memória coletiva e individual é parte integrante desse processo.

Como afirma Sovik, “a branquidade faz parte de uma ficção, um discurso identitário pouco explícito e não por isso menos poderoso” (Sovik, 2004: 383). Ao pararmos para analisar os meios de comunicação, nos defrontamos com a homogeneização de um único padrão estético e cultural, que quase nunca é questionado. O fato de os brancos estarem presentes de forma desigual quantitativamente nas mídias sequer causa questionamento, já que é este o modelo considerado natural.

Estudar a branquidade nas mídias é questionar, a exemplo de outros pesquisadores, por que nas relações raciais no Brasil o fenótipo ganha tanta importância em detrimento do genótipo. A pele clara, o cabelo “bom” e o nariz afinado são características desejáveis para estar em evidência, como o belo, nos meios de comunicação, sobretudo, na televisão.

Em seu documentário “A Negação do Brasil” (1999), Joel Zito Araújo traça a trajetória dos atores negros na telenovela brasileira. Um dos entrevistados no

vídeo, o diretor Walter Avancini, ao comentar a escolha de uma atriz para o papel da mulher baiana, descrita por Jorge Amado, faz a seguinte afirmação, referindo-se ao padrão estético da televisão: “o negro está para a televisão assim como o pobre. Esteticamente são considerados feios, o que incomoda do ponto de vista do *marketing*, pois, isso não é rentável”. Essa entrevista foi realizada na década de 1990 e, ao analisá-la, podemos concluir que, embora tenha ocorrido pequenos avanços, não estamos tão distante do pensamento exposto pelo diretor.

2.4. Televisão em Angola

A primeira transmissão televisiva feita em Angola foi no dia 8 de janeiro de 1964, por iniciativa de Antonio Freire e Franklin Barbosa. A estréia foi com um programa de variedades. De acordo com Coelho, apenas em 1970, no dia 22 de junho, foi realizada uma experiência de transmissão de imagens mais sofisticada, na cidade de Luanda.

O programa radiofônico “Café da Noite” foi transmitido por rádio e televisão. A área de cobertura por TV-Cabo era reduzida aos poucos receptores conseguidos e que se distribuíram por diferentes esplanadas da ilha onde congregou o público. (Coelho, 1999: 145)

Angola tem apenas uma estação televisiva, a Televisão Pública de Angola (TPA), que pertence ao Governo. A TV funciona em dois canais diários que concorrem com a programação, via antena parabólica, da Rede Globo de Televisão e TV Record. A TPA tem estúdios em Cabinda, Benguela e Lubango, e conta com retransmissores em cada uma das províncias.

A primeira telenovela brasileira exibida em Angola foi Gabriela Cravo e Canela, em 1979, baseada no romance do escritor baiano Jorge Amado. Desde aquela época a teledramaturgia brasileira tem um alto índice de audiência, embora seja

um pouco menor do que na época da exibição das primeiras tramas. Segundo os relatos das pessoas que vivenciaram aquele momento o país parava para assistir a telenovela brasileira.

Há um estudo que eu iniciei, mas parei, que era muito concreto, mas muito concreto mesmo, sobre a influência de Jorge Amado na política angolana. Que é grande, muito grande. A influência brasileira em Angola hoje, se dá pela telenovela porque é o produto mais consumido. Nos anos 60 e 70 era a rádio brasileira, que influenciou grandemente o radioclubismo angolano, fundamental mesmo que na forma da apresentação do conteúdo, da animação e principalmente na área de esporte. Agora, a influência brasileira é tão grande que mesmo a própria luta de libertação, revela essa influência. Por exemplo: antigamente a polícia política portuguesa, quando prendia um nacionalista, fazia buscas nos seus livros e não raramente apreendia nesses livros, as obras de Jorge Amado. Então, a influência da telenovela é muito grande, é a mesma coisa que a influência de liberdade, a política de Gilberto Freyre de mestiçismo (mestiçagem) e do mestiço. (Joaquim Paulo - Jornalista e Professor da Universidade Agostinho Neto)

2.5. África e Angola - a luta pela emancipação

Os escritos da História oficial ocultam a riqueza, resistência e contribuição da África e de seus descendentes. Todo esse processo denuncia o objetivo da situação colonial de humilhar e massacrar os colonizados, imputando-lhes a responsabilidade pela situação de subalternidade que se encontram em relação aos colonizadores. Como salienta Munanga, os europeus utilizaram, além da força para manter o equilíbrio das colônias, os estereótipos e preconceitos através de uma produção discursiva. “Toda e qualquer diferença entre colonizador e colonizado foi interpretada em termos de superioridade e inferioridade. Tratava-se de um discurso monopolista, da razão, da virtude, da verdade, do ser, etc”. (Munanga, 1986: 12)

Dessa forma, os pensadores do período da colonização procuravam justificativas

e explicações para a diversidade humana com a qual se defrontavam. De acordo com Santos (2002), dessas investigações surgem os verbetes: “negro”, “África”, “mulato”, “chinês”, “índio” e tantos outros. Os verbetes “negro” e “África” são marcados por significados que reforçam todo o preconceito e estigma negativo do branco em relação às diferenças estética e cultural. Nesses casos, a diversidade foi tomada como defeito característico de uma suposta inferioridade que necessitava de explicações (Laplantine, 2003).

O fato de os africanos possuírem uma visão de mundo diferente dos ocidentais foi motivo para o europeu transformar essa diferença em inferioridade. A visão etnocêntrica do colonizador o colocava como paradigma humano questionando a cultura e a humanidade dos não-europeus.

Na verdade, o colonialismo gera forçosamente dois pólos antagônicos; a colônia e a metrópole, o colonizado e o colonizador. São esses dois pólos irreconciliáveis, manifestações de dois mundos totalmente heterogêneos, que passam a formar a nova totalidade do país transformado em colônia. Trata-se do mundo maniqueísta, presentes o bem e o mal; o colonizador e o colonizado, o “superior” e o “inferior”. (Baccega, 1985: 68)

No caso da África, o colonizador insistiu no engano de pensar o continente como uma unidade, desrespeitando todas as diferenças. Foram criados países, ignorando a diversidade étnica e cultural dos povos que ali viviam. A vida, a experiência, a criança e a família, recebem um significado diferente da idéia que habita o imaginário do ocidental branco. A criança, por exemplo, é de todos, da família e da comunidade que é marcada pelos laços de solidariedade, em que o indivíduo sempre faz parte de uma coletividade.

Para o africano, a vida social em toda a sua totalidade insere-se numa constante busca de um equilíbrio de um sistema de forças que se expressam desde os tempos primordiais (deuses, ancestrais e mortos das linhagens). (...). Assim a comunidade africana é constituída de vivos e antepassados. Um dos aspectos mais relevantes reside

na importância do chefe da comunidade nesta relação. Ele é o intermediário obrigatório entre o mundo visível e o invisível, intercedendo junto aos ancestrais e é através dele que os vivos recebem o fluxo vital. O chefe é por conseguinte considerado um gerador de vida e fecundidade que transmite a toda a comunidade.

A vida do indivíduo é deste modo percebida como participativa (coletiva) estabelecendo a consciência de pertencer a um grupo social, a identidade étnica. (Serrano, 1991: 2)

Brasil e Angola herdaram de teóricos norte-americanos – como Du Bois – considerado o pai da “negritude” e do pan-africanismo – movimentos que “ditaram” a nova postura do negro no mundo colonizado, a volta às origens, a retomada e o fortalecimento da identidade do negro. Neste aspecto também existe uma proximidade entre os dois países eleitos para o estudo. Munanga comenta a importância deste movimento entre os negros em todo o mundo:

Du Bois, considerado o pai do pan-africanismo contemporâneo, antes dos africanos, protestou contra a política imperialista na África, em favor da independência, na perspectiva de uma associação de todos os territórios para defender e promover sua integridade. Sem pregar a volta para a África dos negros americanos, defendia os direitos destes enquanto cidadãos da América e exortava os africanos a se libertarem em sua própria terra. Por ter defendido a volta às origens, Du Bois merece também o nome de Pai da Negritude. (Munanga, 1986:36)

O movimento da negritude possuía entre os seus objetivos o resgate da auto-estima do negro, tiranizada pelo processo colonial. Constituía-se em um movimento contrário à imitação do colonizador europeu. A ordem era assumir as diferenças negróides com orgulho e afínco. Segundo Serrano, um exemplo, dessas organizações influenciadas pelo pan-africanismo é a “Liga Africana”, criada em 1919, uma associação dos estudantes universitários, que teve papel importante ao acolher, em 1923, a segunda sessão da Terceira Conferência Pan-africana, na qual estiveram presentes alguns dos nomes mais significativos do movimento pan-africano, como W. E. B. Du Bois e George Padmore.

Do mesmo modo que a negritude, o Pan-africanismo é uma corrente crítica do racismo e do colonialismo, tendo por meta a libertação e a unificação dos africanos. Contudo, o Pan-africanismo distingue-se da negritude pelo seu caráter de movimento político, com ampla inserção nas massas negras. Essa corrente partia da compreensão de que os africanos nada poderiam esperar de benéfico da dominação colonialista. Note-se também, no que é bastante revelador dos laços que a diáspora negra mantém junto ao contingente de afro-descendentes nas Américas – particularmente nos Estados Unidos e no Caribe –, inclusive enquanto contestação ideológica à doutrina de inferioridade dos negros. (Serrano, 2007: 235)

O processo da luta pela independência das colônias africanas não foi um movimento pacífico. Nas colônias portuguesas, por exemplo,

(...) ela aparece em suas formas de resistência como a produção literária de protesto e denúncia escrita pelos intelectuais autóctones, diversos movimentos nativistas, movimentos profético-messiânicos, greves e desobediência civil. (Serrano, 1991: 06)

De acordo com Serrano (1991), o colonialismo português em África aconteceu de maneiras variadas, por isso as ações na luta pela independência das colônias foram diferentes, mas todas tinham o mesmo objetivo: conquistar a liberdade.

Movidos pelo desejo de liberdade, os angolanos organizaram-se em diferentes cidades, a partir das quais organizaram várias rebeliões, dado o fato de que os portugueses não cediam às reivindicações do movimento nacionalista. Enfim, sem acordo entre ambas as partes, o resultado foi o conflito armado entre colonizadores e colonizados.

Esgotadas, finalmente todas as formas de ação pacífica, o povo, lança em Angola a luta armada. Foi o 14 de fevereiro de 1961, quando os jovens e trabalhadores se lançaram ao ataque das cadeias de Luanda, para libertar os presos políticos. Era o começo da luta armada para a libertação de Angola. Acabava uma longa e dolorosa época da História de Angola, a Idade Colonial, nascendo um novo período, o atual, o

Período de Libertação, começo de construção de um novo país, da pátria angolana.
(Carneiro, 1975: 27)

Os três movimentos de libertação angolana de maior destaque, reconhecidos pelos portugueses, pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) e pela Organização da Unidade Africana (OUA) foram: o MPLA - Movimento Popular para a Libertação de Angola (atual partido da situação do governo angolano); a FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola e a Unita – União Nacional para a Independência Total de Angola. Apesar dos discursos em comum, cujo objetivo era a luta pela independência do país, as divergências entre os partidos abriram caminho para uma guerra sangrenta entre os próprios co-patriotas. Como afirma Bittencourt:

A ampla aliança sugerida contra o colonialismo português não conseguiria superar as irreconciliáveis diferenças entre esses três movimentos (MPLA, FNLA, UNITA). Diferenças não só ideológicas, o que implicava aliados externos opostos, mas também de base interna de apoio, incluindo elementos étnicos, raciais e regionais, entre outros.
(Bittencourt, 1999: 25)

Angola conquistou a independência em 11 de novembro de 1975, depois de um conflito que se estendeu por 14 anos. Ainda no período de transição, que foi dos fins de 1974 a novembro de 1975, ficou evidente a incompatibilidade entre os três movimentos. Em janeiro de 1975, as três organizações se comprometeram a dividir um governo de transição, mas o MPLA rompeu o acordo e, em novembro de 1975, assumiu sozinho o poder. Iniciou-se então uma guerra civil entre os três movimentos, apoiado por forças militares estrangeiras. O MPLA, liderado por Agostinho Neto, recebeu apoio logístico e militar de Cuba e da União Soviética; a UNITA, sob a liderança de Jonas Savimbi, contava com o suporte financeiro e militar dos Estados Unidos e da África do Sul, e a FNLA teve apoio do então Zaire, que depois passou a apoiar a UNITA.

Em maio de 1991, com o acordo de Bicesse, houve uma tentativa de por fim à guerra. Dessa forma, foram marcadas eleições presidenciais, para novembro de 1992. A vitória do MPLA foi um marco para o reinício de novos conflitos, pois a UNITA não aceitou o resultado das eleições. Em fevereiro de 2002, o líder histórico da UNITA, Jonas Savimbi, foi morto na província do Moxico (leste de Angola) pelas Forças Armadas Angolanas. Após a morte de Savimbi, a UNITA iniciou negociações com o Governo, deixando de ser um movimento armado e assumindo-se como força política. Em 4 de abril de 2002, chegou ao fim quatro décadas de derramamento de sangue. Era o momento de se iniciar a reconstrução do país.

PARTE II

3. TELENODELA

3.1. Telenovela Brasileira

Nem a família, nem a escola – velhos redutos da ideologia – são já o espaço chave da socialização, “os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade”, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais mais profundos”. (D. Bell, 1969: 16, citado por Martín Barbero, 1997: 58)

Segundo Gonçalo Jr. (2001), a estréia da televisão no Brasil aconteceu em 18 de setembro de 1950. O grande acontecimento foi organizado por Assis Chateaubriand. A inauguração foi marcada por improvisos, conforme podemos constatar no relato de Georges Henry:

Para se ter uma idéia da improvisação que marcou a estruturação da emissora, os números musicais que seriam apresentados no dia da estréia só foram ensaiados na tarde do mesmo dia, 18 de setembro de 1950. Era impossível fazer diferente, por causa do caos que marcou a semana que antecedeu a estréia. Porque todos os músicos e cantores ocupavam todo o seu tempo nos programas de rádio e não tinham como ensaiar. No meio de toda confusão, técnicos e diretores eram obrigados a conviver com as excentricidades de Chateaubriand. (Gonçalo Jr, 2001: 155)

Os meios de comunicação de massa, aliados à técnica, têm a capacidade de sair de um universo restrito para outro amplo. Podemos usar como exemplo a televisão, ao transmitir um jogo de futebol durante a Copa do Mundo; o acontecimento, ao vivo, sai de um determinado campo, de uma cidade, um estado e um país para alcançar o mundo todo. O meio acaba unindo todos ou “quase todos” na frente da tela. O telespectador fica irritado, comove-se, emociona-se, chora e grita, como se estivesse em campo e se os jogadores pudessem ouvi-lo. A emoção ultrapassa o meio de forma tão real que o torcedor

chega a agir como se fosse possível que suas manifestações ali conseguissem interagir e transformar a realidade do jogo. “Cria-se tal familiaridade, e uma relação de intimidade tão intensa, com as imagens que todo o resto do mundo é ignorado. O espectador se sente ao mesmo tempo íntimo e universal; este é um dos elementos de sedução, que modela os desejos de quem vê”. (Novaes, 1991:86)

Campedelli acrescenta:

A capacidade que a televisão tem de absorver o real faz com que o telespectador coexista com o acontecimento à maneira do sonho, para o qual não contam nem o tempo, nem a distância, nem a identidade, nem quaisquer barreiras, exceto as que presidem sua elaboração. Assim, tudo nela tende a ser percebido com real – porque gera formas de expressão que trabalham como o sonho, provocando inversões de valores, acentuando outros (...). (Campedelli, 1985: 49)

Thompson analisa e destaca a importância do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa na vida social do homem.

(...) O desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si (...). (Thompson, 1998:19)

Como sabiamente afirma Martín-Barbero, não podemos, como estudiosos das Ciências da Comunicação, ignorar a influência dos meios de comunicação na vida pessoas. Movidos por essa certeza, enveredamo-nos pelo instigante mundo dos estudos que envolvem as questões pertinentes ao processo de recepção das representações das relações raciais na telenovela brasileira. É importante ressaltar que para realizarmos esse estudo nos apoiamos em alguns recursos dos estudos da recepção. Nos apropriamos aqui da reflexão de Sousa, a partir da concepção de mediações propagada por Martín-Barbero (1997). Segundo o

autor:

... tanto o receptor na pluralidade das suas práticas culturais quanto o emissor nas mutações e seguranças da modernidade se colocam como intervenientes explicativos fundamentais para se entender que a recepção televisiva não é possível de se reinterpretada senão no contexto mais amplo de mediações que dão significação, ainda que de forma nem sempre visível, a uma visão de mundo sendo estruturada e experimentada segundo racionalidades em crise. (Sousa, 2004: 13)

A primeira telenovela diária no Brasil foi ao ar em julho de 1963, exibida pela extinta TV Excelsior. O título da trama “2-5499, Ocupado”, de autoria de Alberto Migre, teve apenas 42 capítulos e 12 personagens.

Não é nossa pretensão fazer um estudo sobre a televisão ou a telenovela, até porque tal atitude demanda uma outra tese, além disso, felizmente, contamos com importantíssimos trabalhos sobre o tema, realizadas por autores que têm-se dedicado aos estudos da ficção televisiva brasileira, entre eles destacam-se: Fadul, Balogh, Motter, Couceiro, Baccega e Lopes, entre outros⁴. No entanto, nesta pesquisa precisamos contextualizar o nosso objetivo, que é estudar “as representações das relações raciais na telenovela brasileira”, dentro desse veículo, que é a televisão, e dentro desse produto televisivo: a telenovela brasileira. Apesar de já termos falado sobre a relevância da telenovela brasileira, dentro da nossa cultura e a importância do contato das culturas alheias (de outros povos) com a cultura brasileira por meio da ficção, não podemos deixar de reforçar, mais uma vez, a relação de sedução que a televisão e a telenovela mantêm com o seu público.

As mídias informatizadas concorrem para fortalecer o processo de globalização, gerando um espaço desterritorializado, sem fronteiras (culturais, ideológicas etc.), no qual são feitas as trocas de informações, conhecido como ciberespaço. (Santos, 2003: 70 e 71)

⁴ Essas pesquisadoras integram o Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN) da Universidade de São Paulo (USP).

Historicamente, os estudos ligados à cultura popular sofrem “preconceitos”. O cinema e o folhetim são exemplos de manifestações de arte que sofreram resistências por parte das chamadas elites, “toda adesão que o cinema suscitava nas classes populares era motivo de desprezo e rechaço por parte das elites”. (Martín-Barbero, 1997: 198)

Podemos encontrar alguns pontos em comum entre a telenovela e o cinema. Ambos, por meio do folhetim, receberam por herança o melodrama, e mantêm uma relação de cumplicidade e envolvimento emocional com os telespectadores, além de despertarem – e no caso a telenovela continua despertando – em alguns críticos e intelectuais a recusa e o preconceito por tratar-se de uma manifestação cultural consumida pelo povo. Martín-Barbero destaca que:

(...) a telenovela é o único texto televisivo que viaja de ponta a ponta da América Latina e pelo resto do mundo nas mais diversas direções, dando significado ao que é viajar do Sul a Norte! (...) a televisão constitui hoje o dispositivo mais sofisticado de modelagem e deformação dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas das matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular, esse que a cidade letrada manteve enquanto extrapolava seus muros e a que quase sempre atribuiu nenhum valor cultural. (Martín-Barbero, 2004:24)

As pesquisas sobre telenovelas a partir das perspectivas das mediações são recentes. Antes disso, nas décadas de 1970 e 1980, a telenovela aparecia de forma pejorativa, mais como um instrumento de alienação (Lopes, 1999). As primeiras pesquisas acadêmicas inspiradas na perspectiva teórica das mediações só são notadas nos anos 1990. Nos estudos neste campo, um dos percussores é o pesquisador Martín-Barbero, sua obra de grande repercussão foi *Dos meios às mediações*.

No decorrer desse trabalho acreditamos que tenha ficado explícita a relevância

dos estudos sobre a telenovela brasileira, contudo, queremos ainda destacar algumas peculiaridades da telenovela brasileira, que faz dela o produto cultural mais comercializado pela maior emissora do país. Ao referir-se às especificidades da telenovela brasileira em relação às demais, Motter afirma:

Produtos típicos da indústria, como os da Televisa, convivem, sob igual denominação, com criações artísticas que carregam marca autoral e propostas que transcendem o melodrama, a simplificação narrativa, a linearidade das personagens, a economia cênica e se firmam como dramaturgia de grande qualidade. Para esta última temos insistido na denominação telenovela brasileira, por se caracterizar pelo cuidado com todos os aspectos envolvidos no processo de produção, entendido como o espaço que vai da arte de fazer bons roteiros, sobre bons temas, para bons atores, qualidade que se expressa na requintada produção audiovisual com todas as implicações de preparação, elaboração e acabamento nas diferentes etapas produtivas. (Motter, 2001:48)

É notório o sucesso e a repercussão das produções brasileiras no exterior. Ao analisar o contexto no qual se dá a internacionalização da telenovela, Lopes (2004) afirma que a telenovela constitui redes de sociabilidade da cultura nacional, perpassando as fronteiras nacionais e promovendo relações internacionais. A ficção “representa” a nossa cultura, nosso povo, nossos costumes, nossa “imagem” no exterior.

A telenovela brasileira possui um significado social, é parte da cultura nacional. Por ser uma obra em aberto, o telespectador, muitas vezes, influencia o destino da trama e das personagens. Pallottini comenta sobre esta especificidade desse gênero ficcional:

(...) uma das características fundamentais da telenovela padrão brasileira: a de ser uma obra em aberto, escrita enquanto vai ao ar, sujeita a sofrer todas as modificações que as circunstâncias, os acontecimentos do dia, o sucesso e o insucesso, o êxito de audiência e outros detalhes puderem lhe impor. (Palottini, 1998: 73)

O enredo teledramatúrgico estabelece uma íntima relação com o público. Os

conflitos vividos pelas personagens chegam a se misturar com as situações vividas no cotidiano e, muitas vezes, a realidade e a ficção chegam a confundir-se. “(...) a mensagem acabou por devorar o real” (Martín Barbero, 1997:86).

A influência da telenovela no cotidiano das pessoas é um fato consolidado. Justifica-se, portanto, a pertinência de tantos trabalhos por estudiosos, de várias partes do mundo, relacionados a esse gênero ficcional, parte integrante, particularmente, da cultura e da história brasileira.

3.2. As telenovelas estudadas

Pretendemos apresentar, os resumos das tramas e das personagens que fazem parte das cenas que constituíram nosso objeto de investigação e das quais tiramos as cenas das telenovelas que apresentamos aos receptores desta pesquisa. O nosso objetivo é apresentar, de uma maneira sucinta, uma síntese do modo de como cada trama abordou a representação das relações étnico-raciais. Os diferentes olhares dos receptores em relação às cenas exibidas serão apontados e discutidos no próximo capítulo.

3.2.1. "Da Cor do Pecado"

3.2.1.1. Resumo da novela

"Da Cor do Pecado", a primeira telenovela global assinada por João Emanuel Carneiro, foi ao ar de janeiro a agosto de 2004. A telenovela foi exibida no horário das 19 horas e teve 185 capítulos.

Paco (Reinaldo Gianechinni), branco, protagonista da trama, é botânico e vive no Rio de Janeiro. Ele é o único herdeiro de uma grande fortuna. O pai dele é o empresário milionário Afonso Lambertini (Lima Duarte), branco, um homem rude, cuja ambição está acima de tudo. Paco, ao contrário do pai, prefere levar a

vida de forma simples. Sua grande amiga e confidente é Germana (Araci Balabanian), branca, governanta da família. Germana é uma mulher discreta, que sempre escondeu a paixão que sente pelo patrão Afonso. Paco é noivo de Bárbara (Giovanna Antonelli), branca, uma mulher sem escrúpulos, de “classe média falida”, que vê em seu casamento com o herdeiro de Afonso a única chance de ascensão social.

Em uma viagem ao Maranhão, Paco conhece Preta (Taís Araujo), uma moça negra, que, até então, é namorada de Dodô (Jonathan Haagensen), negro. Preta é uma jovem que nunca conheceu o pai, tendo sido criada pela mãe, Dona Lita (Solange Couto), mulher negra que trabalha para criar a filha. As duas são vendedoras de ervas no centro histórico da cidade. A partir desse primeiro contato, Preta e Paco se apaixonam perdidamente e juram amor eterno um ao outro. Na volta ao Rio de Janeiro, o botânico tenta terminar o namoro com Bárbara para poder ficar com Preta, mas a vilã fará de tudo para não romper o compromisso. Ao perceber que perdeu o noivo, Bárbara vai até o Maranhão e, com a ajuda de seu amante – Kaike (Tuca Andrada), branco – provoca a morte de Paco, em um acidente de helicóptero. Todos pensam que ele morreu, mas, na verdade, ele consegue se salvar e continua vivo, apenas deixa de ser Paco e assume a identidade de seu irmão gêmeo, Apolo (Reinaldo Giannechini).

Apolo e Paco são frutos de um envolvimento amoroso entre Afonso e Edilásia (Rosi Campos). Afonso ficou com uma das crianças (Paco) e Edilásia sumiu com o outro filho, Apolo, sem o conhecimento do empresário. Germana é detentora deste segredo. Mas o destino dos rapazes e de Edilásia se cruzou no meio do acidente no mar. Ulisses (Leonardo Brício), que também é filho de Edilásia, viajava com Apolo, quando este sofreu um acidente de barco, e foi dado como morto. Ulisses, ao encontrar Paco, gêmeo de Apolo, pensa ser seu irmão Apolo. Paco diz a Ulisses que não é Apolo, porém, aceita viver como tal.

No final da trama ele revela a todos que é o botânico Paco.

Depois do acidente, Preta, no Maranhão, descobre que está grávida de Paco. No Rio de Janeiro, Bárbara diz que está grávida do falecido noivo, mas trata-se de um golpe, pois ela não espera o herdeiro do grupo Lambertini, e sim o filho de Kaike. Já na segunda fase da novela, depois de oito anos, Preta sai do Maranhão e vai ao Rio de Janeiro para apresentar Raí a seu avô, Afonso. Ela tenta convencer o empresário de que Raí (Sérgio Malheiros) é seu neto. Afonso não acredita que o garoto é filho de Paco pelo fato de ela ser negra. Calcado em seus preconceitos, o milionário afirma que seu filho não se envolveria com uma mulher negra. Enquanto isso, Bárbara engana a todos ao afirmar que seu filho, Otávio (Felipe Latgé), é fruto do seu romance com o botânico.

No Rio de Janeiro, Preta inicia um romance com Felipe (Rocco Pitanga), rapaz negro, funcionário do Grupo Lambertini e melhor amigo de Paco. A maranhense também encontra apoio em Germana, que, de imediato, vê semelhanças entre Raí e seu pai Paco. Preocupada com a possibilidade de ter que dividir a herança de seu filho com o verdadeiro Lambertini, a vilã persegue Preta e passa a trama toda tentando prejudicá-la.

3.2.1.2. Conflitos na trama

Meados de 2003. As revistas e os cadernos especializados em televisão dos grandes veículos de comunicação da mídia impressa começam a noticiar que, pela primeira vez, a Rede Globo teria uma protagonista negra em um dos seus folhetins. A “novidade” causou impacto na mídia. Muito antes da telenovela – assinada por João Emanuel Carneiro, com supervisão de Silvio de Abreu – estreiar, em janeiro de 2004, a polêmica estava lançada. Não apenas pelo fato de ter uma atriz negra, Taís Araújo, como protagonista de uma trama global, mas

também pelo título da obra: “Da Cor do Pecado”.

Vamos iniciar a nossa reflexão pelo título “Da Cor do Pecado”, que nos dá margem a levantar algumas hipóteses, ainda que não seja possível explorar todas as possibilidades de leituras. Para aqueles que possuem o mínimo de conhecimento em relação à temática racial brasileira, uma das idéias difundidas culturalmente a que o título remete é o da relação da mulher negra como objeto da sensualidade, da lascívia. A figura representaria um dos sete pecados capitais: a luxúria. Note-se que o título da trama não é um questionamento e sim uma afirmação, o que nos leva a questionar: Por que a referência ao pecado no momento em que, pela primeira vez na emissora, referência mundial em produção de telenovela, estréia uma negra como personagem principal?

A música de abertura da novela reforça o estereótipo da figura da mulher negra relacionada ao prazer e o "pecado". Essa reflexão nos remete a Couceiro de Lima, que afirma: "um dos estereótipos mais conhecidos, explorados, decantados em prosa e verso é o da mulher negra sensual, a mulata, termo que se tornou um signo para invocar sensualidade e outros atributos a ela ligados" (Couceiro de Lima, 2001: 5). Observemos um trecho da letra da música, de Bororo, que é elucidativa nesse sentido.

Esse corpo moreno
Cheiroso e gostoso
Que você tem
É um corpo delgado
Da cor do pecado
Que faz tão bem
Esse beijo molhado
Escandalizado que você me deu
Tem sabor diferente
Que a boca da gente
Jamais esqueceu
E quando você me responde
Umas coisas com graça
A vergonha se esconde
Porque se revela
A maldade da raça
Esse corpo de fato
Tem cheiro de mato

Ao estabelecer a ligação entre a cor negra e o pecado, podemos ainda nos direcionar para uma segunda possibilidade de leitura, que também relaciona o ser negro ao pecado: a transgressão. Na Bíblia Sagrada, o pecado aparece como transgressão a Deus, que representa, segundo a tradição judaico-cristã, o bem. Quem peca está do lado antagônico de Deus, ou seja, do lado do mal. O pecado representa o que é ruim, negativo.

Uma das teorias utilizadas para explicar o racismo é baseada numa passagem bíblica do livro de Gênesis. Segundo o nono capítulo de Gênesis: Cam, filho mais novo de Noé, desrespeitou o pai ao vê-lo despido e fazer comentários “maldosos” com seus irmãos sobre a sua nudez. Por este motivo, foi amaldiçoado. Munanga comenta a origem do racismo e a relação com este mito.

A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo de Gênesis, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deita numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura, fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre seu pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não lisongeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas se baseiam sobre esse mito para justificar e legitimar o racismo antinegro. (Munanga, 2004: 8)

A telenovela “Da Cor do Pecado”, a partir do título, já suscitou debates. A protagonista da trama, Taís Araújo, é Preta, uma moça negra, nascida no Maranhão, estado do nordeste brasileiro, vendedora de ervas, digna e honesta, qualidades estas admiradas e respeitadas no ser humano.

Bárbara, a personagem vivida por Giovanna Antonelli, é a antagonista da trama.

Sem escrúpulos, é desonesta e mau caráter. Tantos “pecados” são redimidos, em parte, pela virtude de ser branca, rica e bela, de acordo com os padrões estabelecidos na nossa sociedade. Os privilégios “da cor” a colocam acima de qualquer suspeita. Embora o autor tenha dito em entrevistas, no início da telenovela, que não iria discutir a questão racial, não foi isso que ocorreu no decorrer da trama. A telenovela “Da Cor do Pecado” gerou várias discussões, fora da ficção, sobre o racismo. O tema foi pauta na mídia impressa e nos programas televisivos.

Provavelmente, o autor não tenha se debruçado nem se pautado em teorias antropológicas, sociológicas e históricas para construir o enredo teledramatúrgico, contudo os elementos ideológicos estão presentes na sua trama, pois fazem parte do imaginário coletivo brasileiro.

Embora outras personagens tenham esboçado comportamento racista, como é o caso de Afonso Lambertini, o racismo de forma mais “agressiva” aparece nas ações da personagem Bárbara, a vilã da história. De acordo com Couceiro de Lima (2001), este recorte não é novo nas telenovelas. A autora analisa que o racismo exacerbado é sempre relacionado ao mau caráter e a figura que representa o mal na trama. O racismo fica circunscrito ao vilão, uma suposta maldade individualizada que seria algo que a personagem má porta “naturalmente”; afora a personagem “má”, os demais personagens tendem a ser todos “não-racistas”; ou seja, a percepção de que o racismo é um fenômeno social e cultural arraigado na coletividade é diluída na noção de má índole, a questão se resolve no final da trama, o racismo é um mal individualizado que pode ser resolvido com a punição dos racistas ou por meio de um “final feliz”.

Afonso Lambertini, por sua vez, representa o tipo de racismo considerado “menos agressivo”. O racismo típico do comportamento do brasileiro foi

chamado de cordial pela própria grande imprensa, em 1995, após o resultado de uma pesquisa sobre racismo,

é chamado assim porque raramente agride abertamente: porque permite brincadeiras e piadas de gosto duvidoso, porque estabelece relações ambíguas que possibilitam que os atingidos fiquem na dúvida se realmente estão sendo vítimas de preconceito ou não: e permite que, muitas vezes, sejam eles próprios, chamados de racistas ao contrário, ou mesmo de "complexados", termo freqüentemente usado para designar o negro que denuncia ações implícitas de preconceito". (Couceiro de Lima, 1997: 64)

O empresário do grupo Lambertini se esforça para ter uma aproximação com Preta, mãe de Raí (Sérgio Malheiros), garoto por quem nutre grande carinho e simpatia, pelo fato de o menino ter salvo a sua vida em uma situação de perigo, quando quase foi atingido por um tiro. Raí é seu neto biológico, embora ele não o reconheça como tal. Afonso é uma personagem na qual podemos encontrar a representação de racismo, pois, pelas diferenças biológicas e características físicas, ele faz o julgamento de valores éticos e morais dos negros que estão à sua volta.

A personagem de Lima Duarte (Afonso) estabelece uma relação entre as características biológicas de Preta e um possível caráter duvidoso, o que é enfatizado, inclusive, em alguns dos seus discursos, após uma das armações de Bárbara para incriminar "sua rival". Ao referir-se a Preta, o empresário diz: "Germana, eles são assim mesmo (os negros), sem responsabilidade". Assistimos, nesse caso, a uma manifestação do racismo. É válido destacar que este tipo de comportamento e olhar explícitos em "Da Cor do Pecado" caracterizam os princípios das teorias racistas que regem a sociedade fora do âmbito da ficção. Munanga comenta a respeito do surgimento de uma destas teorias. Segundo o autor, o racismo nasce quando faz intervir caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais, que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores. Tal

atitude na ficção nos remete há séculos atrás, quando Carl Von Linné (Lineu), o naturalista sueco, fez a primeira classificação da diversidade humana em quatro raças.

Americano: que o próprio classificador comenta como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.

Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.

Africano: negro, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.

Europeu: branco, sangüíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas. (Munanga, 2004:9)

O discurso da hierarquização racial permeia a trama de João Emanuel Carneiro e é representada, mais notadamente, nas personagens Bárbara e Afonso Lambertini. Bárbara está acima das desconfianças de Afonso Lambertini, ocupa um lugar privilegiado. Ao contrário do que acontece com Preta, “cujas origens a condenam”. Bárbara é branca, o que a coloca numa suposta situação superior. Nem mesmo quando a vilã aparece falida, pobre, no início da trama, esta condição representa para Afonso perigo ou motivo para desconfiar da índole da nora. O empresário não duvida de que o garoto, Otávio (Felipe Latgé), seja seu neto. Por outro lado, em relação a Raí, seu verdadeiro neto, ele alimenta dúvidas. Preta, no decorrer da trama, será sempre suspeita até que consiga provar sua inocência. Não se trata apenas do papel da mocinha sofrida da história. A postura e o discurso das personagens em questão apontam para uma realidade presente também fora da ficção: o racismo.

Saindo do âmbito da ficção e trazendo a reflexão para a vida real, pode-se dizer que, quando se trata de crimes, não raramente, o que acontece é o seguinte: o branco é considerado inocente até provar que é culpado. Com o negro, a

situação se inverte: é considerado culpado até provar que é inocente. Basta recordar o caso do dentista negro recém-formado, Flávio Ferreira Sant’Ana, assassinado na Zona Norte de São Paulo, em 3 de fevereiro de 2004. De suspeito, foi logo transformado em culpado e morto, sem tempo de reagir ou provar sua inocência.

Tudo aconteceu em função da ocorrência de um assalto, a vítima saiu para pedir socorro e, ao encontrar os policiais, solicitou ajuda; os agentes ao se depararem com o jovem dentista acabaram por confundi-lo com o assaltante e o executaram. Ele não teve tempo de se defender; somente depois os policiais perceberam que o rapaz tinha sido morto por um engano e, para encobrir o erro tentaram incriminá-lo, forjando uma situação como se ele tivesse reagido à abordagem policial. Esse caso teve grande repercussão na imprensa brasileira e rendeu manifestações organizadas por entidades que lutam contra o racismo e a favor dos direitos humanos.

No caso da telenovela, Afonso tentou rever seus “pré-conceitos”, movido pelo amor nutrido por Raí, filho de Preta. Em uma discussão na qual a vilã critica o afeto de Afonso por Raí, o filho de Preta, a personagem de Lima Duarte lembra a Bárbara durante um dos seus ataques racistas de que racismo no Brasil é crime. Ele faz referência à lei Caó⁵.

Bárbara: O senhor não vê o que está fazendo Dr. Afonso? O senhor está afastando justamente sua família em troca de uma amizade falsa, uma gente interesseira. Sabe o que aconteceu? O senhor caiu no conto do vigário direitinho, que nem um patinho, Dr. Afonso.

Afonso: Bárbara eu não admito que você fale assim comigo.

Bárbara: Claro, claro que não, porque aquela negra conseguiu tudo o que queria. Será que o senhor não vê que ela usou o senhor, usou aquela criança pra te seduzir? Como o senhor é todo bonzinho acreditou no golpe.

Afonso: Chega Bárbara, chega, eu não agüento mais, é aquele mulatinho pra cá, aquela neguinha pra lá, eu não agüento mais essas barbaridades dentro da minha casa.

Bárbara: Ah, é? E o senhor quer o que, então? Ela é negra, o outro é mulato... eu vou chamar como?

Afonso: Ela tem nome e sobrenome como você, como eu. Bárbara, racismo aqui no Brasil é crime, você nunca ouviu falar na Lei Caó? Nunca, com certeza, nunca. Se retire da minha casa, por favor.

Bárbara é mau caráter, desonesta, mas se aproveita da “invisibilidade” garantida por sua branquidade para assegurar seus privilégios. Um deles é o fato de nunca ser a primeira suspeita. A vilã projeta todas as mazelas da sua personalidade em Preta. Afonso, por sua vez, embora se esforce para ter atitudes nobres, tentando se aproximar de Preta e desvincular a imagem da moça sobre o que pensa a respeito dos negros, parece não conseguir. A primeira vítima de suas desconfianças sempre é o negro.

Para Piza, no discurso dos brancos está presente uma invisibilidade em relação ao outro, marcado por um silêncio e distanciamento. “A racialidade do branco é vivida como um círculo concêntrico: a branquidade se expande, se espalha, se ramifica e direciona o olhar do branco”. (Piza, 2002: 42)

No final da trama, Afonso, enfim se convence de que Raí é mesmo seu neto, e, Preta, de fato, amou seu filho. A personagem, neste caso, regenerou-se de seu comportamento racista. Bárbara, como uma boa vilã, acaba sendo punida “pelo autor” e morre de maneira trágica, com seu racismo e sua ambição. “Apolo” revela a todos que é Paco e retoma a sua vida com Preta e o filho Raí.

Ao analisar a telenovela “Da Cor do Pecado”, sob o recorte que fizemos, podemos afirmar que as situações de racismo e branquidade são bem

⁵ Carlos Alberto Caó destacou-se na luta em defesa dos direitos dos negros no Brasil. Como parlamentar, legislou a respeito

representadas por Bárbara e Afonso Lambertini. Constatamos que ambas as personagens se valem da invisibilidade e neutralidade do branco e da suposta hierarquização racial para justificar e explicar, ainda que sutilmente, no caso de Afonso, seus comportamentos em relação a Preta. Diante da relação que podemos estabelecer entre ficção e realidade, pensando na discussão e no debate sobre relações raciais, somos instigados a pensar: o que significa de fato ser negro e o que significa ser branco em nossa sociedade? A maior parte dos estudos sobre questões raciais responde à primeira parte da pergunta. Já sobre a segunda parte da questão há um silêncio, embora, saibamos que há respostas.

3.2.2. A Lua me Disse

3.2.2.1. Resumo

A telenovela "A Lua me Disse" foi ao ar pela Rede Globo de Televisão de abril a setembro de 2005, no horário das 19 horas. A trama, escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, teve 143 capítulos.

A personagem principal da história é Heloísa (Adriana Esteves), que mantém um envolvimento amoroso com Ricardo (Frank Borges) e Gustavo (Wagner Moura), filhos de Estér (Zezé Polessa), a grande vilã da trama. Heloísa é moradora do Beco da Baiúca, onde vive o núcleo da família negra da telenovela.

Quase todas as personagens da vila têm algum tipo de envolvimento, profissional ou pessoal, com a rica e poderosa família Bogari. Faz parte desse núcleo Lúcio (Maurício Mattar), Madô (Débora Bloch), Elvira (Beth Goulart), Leontina (Aracy Balabanian) e Ramon (Raoni Carneiro). Estas personagens brancas, de alguma maneira, estão envolvidas com as representações das relações raciais na trama.

O núcleo dos negros é composto pela matriarca Dionísia (Chica Xavier), empregada doméstica dos Bogari. Dionísia vive com os quatro filhos: Anastácia (Zezeh Barbosa), Jurema (Mary Sheyla), Violeta (Isabel Fillardis) e Jorginho (Jorge de Sá). Anastácia é funcionária do Frango Com Tudo Dentro, loja de propriedade de Ademilde (Arlete Salles). Jurema é doméstica na casa dos Bogari, juntamente, com sua mãe. Violeta é administradora do estabelecimento de Ademilde. Jorginho é estudante de direito e estagiário no Banco Benate Bogari.

Os autores da telenovela criaram um núcleo de negros, com cinco pessoas, no qual encontramos uma mescla dos diferentes tipos de comportamento em relação à racialidade. Três membros da família, Violeta, Jorginho e Dionísia, têm dignidade e orgulho de suas origens, enquanto Anastácia e Jurema fazem qualquer coisa para deixar sua condição social e racial; o comportamento das duas é motivo de crítica e repúdio pelo restante da família.

No Beco da Baiúca, Ademilde é dona da maior casa da vila e sustenta toda a família, inclusive as suas irmãs preconceituosas Adalgisa (Stella Miranda) e Adail (Bia Nunes), que sempre querem tirar vantagens em tudo. As duas irmãs estão acostumadas a destratar e humilhar Índia (Bumba), uma indígena, empregada doméstica que trabalha na residência de Ademilde.

3.2.2.2. Os conflitos na trama

Em “A Lua me Disse”, a representação da questão racial recebe um tom de deboche e ironia, embora, muitas vezes, agressivo. As cenas representativas das relações raciais na trama são quase sempre vividas pelas personagens Anastácia (Zezeh Barbosa) e Jurema (Mary Sheyla). Por isso que tanto a nossa análise

quanto a dos entrevistados se dá em torno, principalmente, dos conflitos vivenciados pelas duas irmãs.

A obra em questão exige que o telespectador esteja mais atento para refletir sobre o racismo ali exposto, caso contrário, tudo pode ser interpretado como uma “piada” em tom de “brincadeira”, como, muitas vezes, a questão racial é tratada na realidade brasileira. Couceiro de Lima (1997) nos chama a atenção para essa característica do racismo no Brasil, que ela denomina de "racismo à brasileira", no qual sempre nos deparamos com a ambiguidade nas relações raciais. Como existem várias formas "sutis" de manifestação de racismo, essas situações discriminatórias e preconceituosas são seguidas pela seguinte pergunta: será que fui ou não vítima de preconceito, racismo e/ou discriminação? Sobre este aspecto, Couceiro de Lima comenta:

Por causa dessa ambiguidade certas realizações da mídia são consideradas de conteúdo racista, quando examinadas por estudiosos, brancos ou negros, ou por militantes negros ou mesmo por pessoas que têm um nível de sensibilidade mais aguçado para captar esse racismo cordialmente velado e implícito. As mesmas mensagens, entretanto, quando observadas por pessoas menos atentas ao preconceito podem passar totalmente despercebidas ou mesmo ter uma leitura ingênua ou capciosa.

(...). Admitirmos a existência dessa ambigüidade não significa que tenhamos dúvida da existência do racismo no cotidiano da nossa sociedade mas, sim, que o 'mito da democracia racial' ainda impede as pessoas de reconhecê-lo, seja no cotidiano de suas vidas, seja na ficção produzida pela mídia. (Couceiro de Lima, 1997: 64)

Ao contrário da maioria das telenovelas, em que os grandes vilões racistas são as personagens brancas e quase sempre ricas, em “A Lua me Disse”, as vilãs são as duas irmãs negras, Anastácia e Jurema. Ambas renegam as suas origens de maneira debochada, mas não por isso a abordagem foi menos agressiva.

As personagens Anastácia e Jurema negam desde seus nomes de batismo até

suas características físicas, na tentativa de “embranquecer-se”, exibindo madeixas postiças loiras. O comportamento das duas irmãs era motivo de chacota entre as demais personagens da trama. Munanga comenta sobre essa tentativa do negro de imitar o modelo estético e cultural do branco, uma vez que esse é considerado modelo de humanidade.

Anastácia e Jurema cometem a violência de usar prendedores no nariz com o intuito de afiná-lo. Intitulam-se afro-americanas, alisam e clareiam os cabelos. A negação é tanta que elas se deram novos nomes: Anastácia adota o nome de Whitney e Jurema La Toya, em referência às cantoras norte-americanas. É válido ressaltar que La Toya Jackson, a exemplo de seu irmão Michael, fez plástica no nariz.

A maior referência como modelo de beleza para Jurema é Madô (Débora Bloch). Em um dos seus discursos exaltando a beleza da patroa, ela diz: “também quem tem cabelos como os dela (loiros) pode ser exibida”. Jurema envolve-se com um dos herdeiros da família para a qual trabalha, Ramon (Raoni Carneiro). Ela acaba sofrendo preconceito por parte da família do rapaz por ser negra e empregada da casa.

Anastácia, que trabalha no "Frango Com Tudo Dentro", durante a trama se envolve em várias confusões, até com práticas ilícitas, sempre na tentativa de "subir na vida", tendo o perfil de uma pessoa de caráter duvidoso. É, constantemente, cortejada por Meia-Noite (Jorge Maya), mas ela o rejeita e o humilha pelo fato de ele ser negro. Ela prefere "os branquinhos com pele transparente". Em um dos diálogos ela diz:

Meia-Noite: Oh minha preta, que tal a gente continuar se agarrando, no escuro igual aquele dia?

Anastácia: Será possível Meia-Noite? Meia-Noite, você é transparente quando tira a

cueca, dá pra ver a sua veia?

Meia-Noite: Veia de onde? Que papo é esse?

Anastácia: Veia ué, veia, por onde corre o sangue, dá pra ver?

Meia-Noite: Eu, hein! Nunca vi.

Anastácia: É meu filho, então perca as esperanças, tá Breu!

Fica evidente durante a trama que para as irmãs a “cor branca” significa poder e ascensão. O comportamento das irmãs nos remete às seguintes afirmações de Muniz Sodré.

Numa sociedade esteticamente regida por um paradigma branco – por mais difícil que seja hoje manejar a idéia de uma identidade cultural fundada em critérios de raça –, a clareza ou a brancura da pele, mesmo sem as barreiras guetificantes do multiculturalismo primeiro-mundista, persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social ou de defesa contra as perspectivas “colorizadoras” da miscigenação, da coexistência com imigrantes cada vez mais numerosos nos fluxos de globalização. (Sodré, 1999: 234)

Violeta, entre as irmãs, é a mais consciente, orgulhando-se de suas origens. Ela envolve-se com Lúcio, o marido de Madô, que vive uma crise no casamento. O romance extraconjugal dá margem para fazer emergir o preconceito social e racial, pois as patroas Leontina (Aracy Balabanian) e sua filha Madô não aceitam o relacionamento amoroso de Lúcio com a filha da empregada.

As personagens brancas também expõem seu racismo. Elvira (Beth Goulart), por exemplo, em discussão com seu filho Ramon, utiliza um discurso racista pautado pelo comportamento da branquidade, para expor sua opinião em relação ao caso do filho com a empregada negra, Jurema. A personagem retoma e verbaliza o pensamento do colonizador, da mulher negra como concubina.

Elvira: Ramon!

Ramon: Mãe, o que você está fazendo acordada até essa hora?

Elvira: Nem que você levasse três noites para chegar eu não dormiria, estaria aqui

esperando, para dizer umas verdades para essa cachorra que está do teu lado.

Jurema: Olha aqui não vem me ofendendo, porque eu tô cansada e verdades para mim só depois do meio-dia, sacou? Bem, eu vou pro meu quarto. Ramon, valeu tá, a festa estava ótima!

Elvira: Você não vai não, antes você vai me ouvir. Que história é essa de se enfiar na cama do meu filho, como se ele fosse um senhorzinho e você uma negra fugida da senzala?

Ramon: Mãe, olha o vexame.

Elvira: Vexame é você se deitar com uma mulherzinha ordinária, isso é que é vexame.

Além da questão racial relacionada ao negro, é válido ressaltar que a telenovela levantou uma outra polêmica protagonizada por Adalgisa (Stella Miranda), Adail (Bia Nunes) e Índia (Bumba). Na trama, Índia é uma empregada maltratada e humilhada pelas patroas. A personagem indígena rendeu algumas manifestações de entidades de defesa ao indígena. Podemos citar como exemplo uma nota de repúdio assinada por entidades do Mato Grosso. A nota diz que:

(...) a índia Nambiquara, na caricatura da novela, está condenada ao extrato mais subalterno da sociedade, quase como se fosse um animal exótico, divertido, digno de riso. Uma imagem que não é totalmente alheia à nossa realidade, onde o preconceito legitima a exploração, a expropriação e o abandono do poder público. Cabe à televisão brasileira o importante papel de educar, todos sabemos. De um autor/ator respeitado pelo seu público (Miguel Falabella) esperamos mais do que a confirmação de idéias e valores que os povos indígenas lutam tanto para superar, nas suas mais variadas formas de discriminação das diferenças". (Jornal *O Tempo*, Belo Horizonte, 17/05/2005)

Na obra ficcional, a exemplo da realidade, há o negro que, pela tomada da consciência, tem orgulho de suas origens, mas também há aquele no qual a imagem negativa foi introjetada. A exclusão leva-o à imitação do que é considerado modelo, na tentativa de ser aceito, mas isso não acontece facilmente, porque ter o nariz, o cabelo e a cor da pele diferentes da estética do

branco significa, muitas vezes, ser feio e isso torna-se um “defeito” que necessita ser corrigido.

No final da trama, Jurema termina ao lado de Ramon, à espera de um filho. Madô vai para fora do país, ao despedir-se da patroa, por quem nutria admiração e a quem passou o tempo todo tentando imitar. Jurema diz:

Ai colega, não sei nem o que dizer. Nós fomos do inferno ao paraíso juntas e paramos em todas as escalas. Você me conheceu de touca na cabeça e cheia de ódio no coração. Ai Madô, te devo tanto, porque se você me oprimiu, você me ensinou a brigar de volta.

A gratidão expressa por Jurema à ex-patroa revela em seu discurso a "relação de fidelidade e subserviência entre patrões brancos e empregados negros, herdada da sociedade patriarcal" (Couceiro de Lima, 2001: 4). Esse tipo de relação se reproduz nas tramas atuais e urbanas, como também nas telenovelas de época.

As representações das relações raciais na telenovela "A Lua me Disse" nos remete às observações de Lévi-Strauss (2005). Segundo o autor, o homem "primitivo" aparece nos relatórios dos viajantes europeus como antagônico ao estado de “humanidade” do colonizador europeu. Na telenovela em análise, no final da trama, Anastácia retorna a essa representação construída e entendida como sendo o estágio primitivo do homem, distante da racionalidade humana. Ela aparece como uma atração circense – uma conga enjaulada.

A ausência de negros e indígenas na televisão, como também as personagens estereotipadas, principalmente nas telenovelas, denuncia e reforça a tese de que o homem branco europeu continua sendo a referência de modelo humano. Como podemos perceber, a telenovela brasileira tem reproduzido discursos próximos à descrição feita pelos colonizadores europeus em relação ao “outro”, o então colonizado.

3.2.3. Páginas da Vida

3.2.3.1. Resumo

A telenovela “Páginas da Vida”, de autoria de Manoel Carlos, foi exibida pela Rede Globo de Televisão. A trama, de 203 capítulos, estreou em julho de 2006 e foi exibida até março de 2007.

A protagonista da história é a estudante Nanda (Fernanda Vasconcelos) que namora Leo (Thiago Rodrigues). Nanda descobre que está grávida e dá a notícia ao namorado, que se recusa a assumir a criança, sob a alegação de que tem um futuro pela frente e, portanto, não poderia ter um filho naquele momento. Grávida de um casal de gêmeos, a moça tem problemas durante o parto, não resiste e morre. Mas, a médica Helena (Regina Duarte) faz a cesariana e consegue salvar os bebês. No entanto, uma das crianças, portadora da Síndrome de Down, é rejeitada pela avó materna, Marta (Lilian Cabral), uma mulher preconceituosa e amargurada com a vida. Diante da situação, a médica decide, então, adotar a criança, Clara. Helena já é mãe adotiva de Salvador (Jorge de Sá), um rapaz negro, filho de uma ex-empregada.

Helena é muito amiga da médica Selma (Elisa Lucinda), negra. Elas trabalham no mesmo hospital, juntamente com o marido de Selma, Lucas (Paulo César Grande), branco, enfermeiro. Lucas tem uma filha de 10 anos, Gabriela (Carolina Oliveira), fruto de seu primeiro casamento. Por causa de um tratamento de saúde, Angélica (Claudia Mauro), branca, ex-mulher de Lucas, vai ao Rio de Janeiro, juntamente com a filha Gabriela, hospedar-se na casa do enfermeiro.

Ao chegarem à casa de Lucas, quem atende é Selma. De imediato, a garota pensa que a atual mulher de seu pai é a empregada da casa. Mãe e filha nem

imaginavam que a mulher de Lucas poderia ser negra. Logo nesse encontro o autor dá a entender, a partir do diálogo das personagens, descrito abaixo, o rumo que a trama iria tomar. Naquele núcleo a questão racial seria abordada.

A solução para o comportamento racista da menina se deu em circunstâncias trágicas. A mãe de Gabriela morre carbonizada no ônibus em que as duas viajavam ao retornar do Rio de Janeiro para Minas Gerais. Na ausência da mãe, a criança vai morar com o pai e a madrasta, até então por ela hostilizada. Na obra deparamo-nos com mais um final conciliatório, com a união entre a personagem racista e a sua vítima. Com frequência, nos enredos teledramatúrgicos, a mudança do comportamento do racista em relação à sua vítima se dá em razão de situações extremas, como doença ou morte.

A trama de Manoel Carlos aborda muitas questões polêmicas, como a Síndrome de Down, a bulimia, o alcoolismo e o racismo. Vamos nos limitar a analisar as representações das relações raciais na telenovela.

3.2.3.2. Os conflitos da trama

Em “Páginas da Vida”, o autor apresenta abordagem nova das relações raciais e do racismo protagonizado, por uma criança de ascendência negra que renega as suas origens. Desejamos nessa análise dar enfoque aos conflitos de identidade da personagem Gabriela (Carolina Oliveira). O diálogo do encontro de Angélica e Gabriela com Selma sugere o que aconteceria nesse núcleo da trama.

Selma: Oi, desejam alguma coisa?

Angélica: Seu patrão está?

Selma: Você deve estar enganada. Estão procurando quem?

Angélica: O Lucas

Selma: É aqui mesmo.

Gabriela: Pode chamar, por favor, eu sou a filha dele.

O comportamento racista da menina rendeu duras críticas ao autor Manoel Carlos, principalmente por parte de muitos especialistas em telenovela, que consideraram ter havido uma certa dose de exagero no racismo exacerbado de uma criança que, na trama, tinha apenas dez anos de idade.

Ao analisarmos o universo das relações raciais entre crianças e adolescentes, sobretudo no espaço escolar, podemos afirmar, de acordo com as pesquisas realizadas sobre o tema, que o preconceito racial, e, portanto, o racismo, infelizmente, está presente no universo infanto-juvenil. Oliveira (1994) e Cavalleiro (2002), analisam as diversas situações de racismo vivenciadas pela criança negra na escola. Os resultados das investigações demonstram que o silêncio e a omissão do professor, ou dos demais adultos, pode ser um componente importante de reforço das práticas racistas cometidas por crianças e adolescentes. Tanto o agredido quanto o agressor passam a internalizar e enxergar o racismo como algo natural, e, portanto, como consequência, são alimentados os sentimentos equivocados de superioridade por parte do discriminador e de inferioridade por parte da vítima.

Em “Páginas da Vida”, o autor abordou a manifestação do racismo “na pele” de uma criança. A inclusão desse tema abre a possibilidade de reflexão sobre as relações étnico-raciais no cotidiano infantil, sobretudo, para a importância de estarmos atentos às diferentes formas de manifestação de preconceito no comportamento dos jovens e das crianças. O debate em torno dessa questão torna-se oportuno no momento em que há uma discussão – ou pelo menos deveria haver – em todos os níveis do Ensino no Brasil, para atender à Lei Federal 10.639, de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos escolares.

O ensino da Cultura Afro-brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias e asiáticas. É o reconhecimento da história dos africanos e afro-brasileiros que foram e são imprescindíveis na construção deste País.

A pequena Gabriela é um reflexo do comportamento de sua mãe, Angélica (Claudia Mauro), que, por sua vez, é proveniente de uma família racista, inserida numa sociedade moldada por preconceitos e estereótipos. Em uma das cenas, em uma lanchonete, acompanhado da filha e a ex-mulher, Lucas comenta a influência do preconceito da família de Angélica no comportamento de Gabriela.

Angélica: Tinha que ter falado Lucas, tinha que ter falado que ela era negra, para evitar esse encontro.

Lucas: Eu sei que eu tinha, mas eu não falei, Angélica. Vou fazer o quê? Vou me matar?

Gabriela: Eu tenho uma colega na escola que a mãe dela está vivendo com um negra. Ela odeia a situação! Não é normal, né pai?

Lucas: De onde você tirou esse preconceito todo Gabriela? Que coisa mais feia, hein. Não é normal é você ser preconceituosa desse jeito. Sabe o que é isso, Angélica? Isso só pode ser influência do seu pai e da sua mãe.

Angélica: Não mete minha família nessa história, Lucas.

Lucas. É isso mesmo. Eles são preconceituosos com tudo na vida, sempre foi assim. Eles não diziam pra ninguém que eu era enfermeiro, diziam que eu era médico.

Autores como Lippman (1972), Bosi (1997) e Heller (1970), ao descreverem as armadilhas presentes na disseminação dos preconceitos, nos advertem a respeito dos mecanismos utilizados na reprodução dos estereótipos geração após geração, de modo que a estigmatização negativa de um grupo em detrimento do outro se confunda com uma realidade “natural”, ou seja, desigualdades sociais e raciais,

produzidas pela sociedade, são transformadas em obras do acaso ou produtos da natureza.

Um dos motivos de críticas de alguns pesquisadores acadêmicos sobre as representações das relações étnico-raciais na teledramaturgia reside exatamente no fato de que as personagens racistas são sempre reservadas aos vilões (Couceiro de Lima, 1995; Araujo, 1999 e Barbosa, 2002). Sabemos que a telenovela é uma obra de ficção e não tem como proposta principal, do ponto de vista teledramatúrgico, inserir temas sociais em suas tramas, no entanto, quando o assunto em pauta são os diversos tipos de preconceitos, é preciso ter alguma dose de cautela, pois, se a telenovela não tem o dever de educar, não pode, por outro lado reforçar, os estereótipos e os preconceitos já enraizados na sociedade.

Discutir as relações raciais a partir dos comportamentos pautados pela branquidade é uma maneira de repensar e questionar a construção ideológica do “ser branco”. É comum pensar a discussão racial como um problema exclusivo do negro. Ora, vivemos em um país multirracial, portanto, enfrentar a questão é tarefa de todos o que compõem a sociedade.

Dentro da perspectiva desta reflexão, branquidade pode ser entendida a partir da representação do branco como modelo universal de humanidade. Este comportamento tem relação direta com a idéia do colonizador europeu que se considerava referência plena do “ser” humano e, na tentativa de explicar as diferenças entre os grupos humanos, desencadeou uma série de justificativas preconceituosas e racistas que persistiu na sociedade. A partir de uma análise em torno das pesquisas acadêmicas, podemos concluir que a branquidade e a negritude são realidades decorrentes do processo histórico. A construção ideológica do branco europeu como modelo universal de humanidade desencadeou uma série de discriminações em relação aos não-europeus.

Ao retornarmos às cenas protagonizadas pela personagem Gabriela, percebemos o quanto as explicações para o seu comportamento repousam no racismo difundido, há séculos, como pseudoteorias científicas. A recusa da menina por Selma, simplesmente pelo fato de ela ser negra, chega à beira de uma patologia. O comportamento da personagem é sintomático de um imaginário inflado pela branquidade. Durante a trama há várias menções das personagens que relacionam a conduta da garota a doença. Uma dessas referências é feita por Lucas. Em uma discussão, já perto da menina regressar para Minas Gerais, ele diz:

É uma pena que você saia daqui do Rio, Gabi, sem se curar dessa doença moral, muito pior que um câncer, pior que a Aids, preconceito, seja ele qual for, é pior do que tudo isso. A escola deveria ter ensinado a você sobre essa grave doença moral que envenena o organismo, faz apodrecer o coração e a cabeça, mata por dentro, ainda que, por fora uma menina bonita como você possa parecer normal.

A disseminação de estigmas negativos reforça a idéia de superioridade de um grupo em detrimento do outro. Em contrapartida, a identidade de um grupo se constrói e se mantém através da inferioridade do “outro”. Portanto, o discriminado tanto quanto o discriminador são vítimas de uma armadilha, pois os considerados “modelos” possuem a “ilusão” de uma suposta superioridade. É o caso da nossa personagem na ficção, que, juntamente com a mãe – sob a crença pautada pela branquidade –, acredita ser superior à madrasta negra.

A demarcação dos espaços identitários é, antes de tudo, uma postura política e ideológica. A formação da identidade do indivíduo não está alheia às influências históricas e culturais, do contexto no qual ele encontra-se inserido. Portanto, a memória coletiva e individual é parte integrante desse processo. A difusão e solidificação dos comportamentos pautados pela branquidade servem como garantia de privilégios, poder e dominação. As pesquisas sob este enfoque

“quebram” o pacto do silêncio e problematizam a posição do branco nas discussões das relações raciais.

De acordo com autores como Hall (2001) e Silva (2000), podemos afirmar que a identidade de um indivíduo está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento e que este só existe quando há identificação. Assim, dificilmente alguém – sobretudo uma criança ou adolescente – deseja se identificar com o que é considerado inferior ou ruim. A postura da personagem Gabriela na ficção nos faz refletir e traz a certeza, na vida real, da importância da implementação da Lei 10.639/03, citada nesse texto.

A referida lei nos propicia revisitar e questionar a nossa História com os seus silêncios e os seus esquecimentos na expectativa de que, em um futuro bem próximo, os afrodescendentes se reconheçam como tais e não tenham vergonha de suas origens; ao contrário, que sintam orgulho e compreendam a relevância do negro na construção da história do Brasil.

4. Pesquisa de Campo

4.1. Experiência em Angola - Observações Preliminares

Não pretendemos nos repetir dando detalhes do processo investigativo em Angola, uma vez que este relato já foi feito no capítulo I. No entanto, desejamos retomar, de maneira sucinta, peculiaridades da nossa experiência naquele país. Como já expusemos, Angola era um universo completamente desconhecido. Portanto, para melhor conhecer o país e a sua história, contamos com um número muito maior de entrevistas em relação ao número de entrevistados no Brasil. Isto ficará explícito a partir deste momento, no qual analisaremos as falas dos entrevistados no Brasil e em Angola.

Quando chegamos a Angola, procuramos logo estabelecer comunicação com a Universidade Agostinho Neto, que funciona em Luanda. Esse contato foi intermediado pelo professor Carlos, do campus de Cabinda. Ele nos apresentou ao professor Buza, coordenador do curso de Pedagogia e docente no curso de Psicologia. Estabelecida essa relação, iniciamos a investigação em Luanda. Entrevistamos, além dos oito jovens que compõem a amostra desta pesquisa, outros estudantes, professores e jornalistas. Também vivemos a experiência de discutir a questão da comunicação e do jornalismo brasileiro com os estudantes do terceiro ano do curso superior da Universidade Agostinho Neto. Trata-se da primeira turma de profissionais de nível superior formados pela Universidade Agostinho Neto em Comunicação Social, pois, até pouco tempo, havia apenas cursos técnicos e profissionalizantes.

A princípio, a pesquisa seria realizada apenas em Luanda, mas, diante do convite irrecusável do professor Carlos para irmos à província de Cabinda,

estendemos as entrevistas aos alunos e professores de lá, no Instituto Superior das Ciências da Educação (ISCED) da Universidade Agostinho Neto. Em Cabinda, o decano professor Antonio; o coordenador do curso de Agronomia, professor dr. Buza e o professor Carlos organizaram um debate com os alunos do campus, intitulado "A influência da telenovela brasileira em Angola". Além dos estudantes, participaram da discussão a professora dra. Mônica e o professor João Pedro. As informações prestadas pelos entrevistados em Cabinda contribuíram para o enriquecimento da análise desta pesquisa, embora os oito alunos que compõem a amostra deste estudo sejam de Luanda.

A coleta de dados foi realizada entre abril e maio de 2007. Ao chegarmos à capital, Luanda, já percebemos a presença da cultura brasileira naquele país. Nem é preciso um olhar mais atento para essa constatação, pois as entrevistas realizadas em Luanda e em Cabinda só confirmaram a nossa observação inicial. A música, a televisão, a moda, a linguagem e muitos costumes do Brasil “convivem” com a tradição local.

No decorrer do trabalho de campo foi possível perceber que desconhecemos a cultura angolana e que precisamos avançar muito para conhecê-la um pouco mais. Em contrapartida, eles conhecem muito sobre o Brasil. Durante as entrevistas sempre encontrávamos alguém que conhecia um pouco da nossa história, sobretudo no que diz respeito às relações raciais.

A realização das entrevistas com os estudantes da amostra desta pesquisa foi realizada no interior da universidade, no entanto, com algumas exceções, como no caso dos jornalistas e de alguns professores, cujas entrevistas foram feitas em outros locais, mais adequados à disponibilidade de tempo dos entrevistados.

Com o objetivo de preservar a privacidade e identidade dos alunos, utilizamos

nomes fictícios. Procuramos, no decorrer do trabalho, transcrever com fidelidade as falas dos entrevistados.

Como neste trabalho incluímos depoimentos de outros estudantes em Luanda, além do que fazem parte da amostra, procuramos uma maneira para identificar os oito jovens, eles serão identificados assim: nome do entrevistado - am (amostra) - estudante - Angola. E os demais estudantes, que não fazem parte da amostra: nome do entrevistado - estudante - Angola.

4.2. Experiência no Brasil - Observações preliminares

Abordar as questões raciais no Brasil continua sendo um desafio. Falar sobre relações raciais ainda significa romper um silêncio histórico. Durante as entrevistas no Brasil esse silêncio ficou evidente, sobretudo com os estudantes brancos (homens) em relação ao restante dos entrevistados. Como já explicitamos, antes de selecionar os participantes da pesquisa, os objetivos do trabalho foram expostos a todos os alunos da sala. Neste momento ficou perceptível a indiferença de alguns alunos em relação ao tema pesquisado; entre eles, alguns chegaram a verbalizar que o racismo no Brasil inexistente. O comportamento dos jovens brancos remete-nos ao que Frankenberg (1995) e Bento (2002) denominam de pacto do silêncio da branquidade. Como foi possível perceber, havia um desconforto aparente em discutir a questão.

Retomar essa discussão é importante para nos situarmos no presente e na nossa reflexão sobre a construção ideológica do branco europeu como padrão estético e cultural de humanidade. A difusão e solidificação desse pensamento serviram como garantia de privilégios, poder e dominação. As pesquisas sob este enfoque “quebram” o pacto do silêncio e problematizam a posição do branco nas discussões das relações raciais.

As entrevistas, no caso dos alunos brancos, são marcadas por frases não terminadas, como se as suas opiniões pudessem ser deduzidas quando as perguntas são relacionadas às relações raciais no Brasil ou às representações das relações raciais na telenovela. As reticências são significativas. De acordo com Orlandi (2005), o silêncio não é apenas o não-dito, mas aquilo que poderia ser dito, o dizer tem relação com o não dizer. "O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente)". (Orlandi, 2005: 82)

A autora acrescenta:

As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito, etc. (Orlandi, 2005: 83)

No nosso trabalho de mestrado realizamos um estudo comparativo entre duas famílias: uma negra e uma branca. Uma das situações percebidas durante as entrevistas foi o desconforto da família branca ao abordar a questão racial.

É explícito nos discursos da família branca o afastamento de uma situação distante da sua realidade. Os entrevistados deixam claro que é o mundo que tem preconceito e não eles, sempre fizeram questão de destacar o bom relacionamento que mantêm com os negros. (Barbosa, 2002: 123)

As diferenças entre os entrevistados em Angola e em São Paulo ficaram evidentes no nosso primeiro contato com a turma. Ficou explícito aqui no comportamento, nas falas de alguns jovens durante a apresentação do trabalho para a sala, o preconceito e o desprezo em relação à telenovela e à discussão racial.

Encontramos alguns obstáculos para realizar a pesquisa na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Devemos ressaltar que os

funcionários e alunos da USP, no momento da coleta de dados, em maio de 2007, estavam em greve e isso pode ter atrapalhado o desenvolvimento da pesquisa.

Uma outra ocorrência que deve ser levantada foi a dificuldade em encontrar alunos negros na ECA para a realização deste estudo. Esse fato confirma-se no relato de Couceiro de Lima. No artigo "... até canibal vira vegetariano", a autora comenta a sua trajetória nos estudos relacionados às questões raciais, na linha de pesquisa Comunicação e Etnia. Ela fala, justamente, sobre a ausência de alunos negros nos cursos de graduação da ECA.

... a opção deste texto não foi a do discurso teórico, mas a de compartilhar com o leitor desta revista dedicada ao racismo e às questões raciais algumas emoções que afloraram destes anos todos de interesse pelo tema e, inspirada em Roberto DaMatta, trazer para ele meus "Antropological blues". Desejo muito não ter que ouvir mais de motoristas de táxi que não transportam negros por medo de assalto. Não ouvir mais a jovem negra na praia do Rio de Janeiro passar protetor solar e dizer para a amiga que é para não se queimar muito porque os rapazes preferem as mais clarinhas. E, para terminar, desejo um dia começar as aulas de graduação na ECA numa classe onde haja alunos afro-descendentes, emoção que, este ano, mais uma vez não pude sentir. (Couceiro de Lima, 2006: 59)

Como já expusemos, o questionário foi respondido por 30 alunos. As respostas de alguns alunos relacionadas à telenovela apontam para o fato de que, apesar de estarem numa escola de comunicação, muitos ignoram ou desprezam o gênero. Esse comportamento vai ao encontro do que Bosi (1992) denomina culto à "cultura erudita", os intelectuais e acadêmicos mantêm um distanciamento ou desconhecimento do "outro" ou, ainda, do que é considerado popular.

Como já foi exposto, em Angola não encontramos estudantes brancos para participar da pesquisa, situação contrária à do Brasil. As entrevistas no Brasil são apenas dos oito entrevistados da amostra. Os alunos serão identificados da

3) Para você, os assuntos abordados nas telenovelas estão relacionados à realidade?

Angola

Brasil

Sim 25

Sim 20

Não 5

Não 10

4) Na sua opinião, os assuntos polêmicos tratados na telenovela, como racismo, sexualidade, drogas e outros, são tratados de forma séria?

Angola

Brasil

Sim 25

Sim 20

Não 5

Não 10

5) Em algum momento da sua vida alguma cena ou situação de telenovela o fez lembrar da sua realidade?

Angola

Brasil

Sim 29

Sim 22

Não 1

Não 8

6) Para você, a telenovela é apenas um momento de relaxamento e lazer?

Angola

Brasil

Sim 9

Sim 21

Não 21

Não 9

7) Você se lembra de alguma telenovela que discutiu a questão racial?

Angola

Brasil

Sim 28

Sim 12

Não 2

Não 18

8) Você acha importante a discussão sobre questões raciais na telenovela?

Angola

Brasil

Sim 29

Sim 25

Não 1

Não 5

9) Você considera o Brasil um país racista?

Angola
Sim 24
Não 6

Brasil
Sim 23
Não 7

Desejamos comentar alguns aspectos observados nas respostas do questionário nos dois países. Na USP, dos 30 alunos que responderam ao questionário, 9 são homens e 21, mulheres. Em Angola, tivemos 11 homens e 19 mulheres. Não pretendemos fazer uma análise aprofundada dos resultados que obtivemos a partir dos questionários, contudo, não podemos deixar de ressaltar alguns dados observados.

Em Angola, as respostas coincidem com a postura e o discurso dos participantes. Já os resultados do Brasil merecem destaque, pois percebemos uma certa incoerência entre algumas respostas e a postura dos alunos durante a apresentação da pesquisa à sala.

No Brasil, como podemos observar no gráfico, a maioria dos alunos afirma que não assiste telenovela. Embora afirmem que não acompanham as tramas, a maioria dos entrevistados, a exemplo de Angola, percebem a relação entre os

temas tratados na ficção e a realidade na qual estão inseridos. Mais interessante ainda, ao nosso ver, é, para quem não assiste telenovela, conseguir estabelecer a relação entre o que ocorre na ficção (telenovela) e sua realidade (vida real).

O que percebemos por meio do questionário é que a postura dos alunos no Brasil vai ao encontro das afirmações de Motter. Para a autora, a telenovela brasileira extrapola os limites da ficção e passa a fazer parte do cotidiano das pessoas, independente dessas assistirem à telenovela ou não. No Brasil, as conversas decorrentes dos assuntos tratados na ficção permeiam o cotidiano e a própria mídia que, em muitos casos, pauta-se pela telenovela, ou seja, mesmo sem acompanhar as tramas, há uma tendência a manter-se informado sobre o que acontece nas telenovelas.

O nosso cotidiano é tecido com os comentários sobre os temas que a imprensa selecionou e a respeito dos quais somos instados a nos pronunciar ou, pelo menos, a demonstrar que não os ignoramos. (...) a ficção televisiva pode gerar temas para os meios em geral e em especial para a grande imprensa informativa (jornais diários e revistas semanais), não como comentários sobre a ficção, mas como temas sociais, pautas sérias, assuntos de real interesse para discussão. (Motter, 1999: 152)

Outro aspecto que percebemos é que, apesar de a maioria dos alunos no Brasil concordarem que o país é racista, durante a apresentação do tema de pesquisa, na sala, a maioria dos alunos foi taxativa nos discursos, ao verbalizar que no Brasil não existe racismo e sim preconceito “em todos os níveis”. Como já é notório, esse tipo de discurso é um recurso utilizado com muita frequência para minimizar as situações reais de racismo.

Desejamos retomar neste momento os critérios utilizados para a seleção dos 16 estudantes que fizeram parte da amostra. Reforçando que os depoimentos dos entrevistados em Angola ultrapassam os oito alunos da amostra, por razões que já foram explicitadas anteriormente.

Apesar de termos exposto os critérios de seleção dos alunos, no capítulo I, desejamos relembrar os critérios utilizados para a escolha dos 16 alunos.

- ❖ Mulheres e homens (diferentes leituras);
- ❖ Negros e brancos (Grupo “racial”, questão da identidade e do conceito de branquidade);
- ❖ Ter o mínimo de conhecimento acerca das telenovelas estudadas;

4.4. Reflexão: mestiçagem em Angola e no Brasil

Permitam-me, nestes três primeiros parágrafos, fazer uso da 1ª pessoa do singular, pois trata-se do relato de uma experiência muito pessoal.

No primeiro contato com a cultura angolana, o que mais me incomodou foi o fato de eu não ser reconhecida como negra. Apesar de saber que lá seria identificada como mestiça e não como negra, como já relatei anteriormente, é diferente achar que sabe, sem ter vivido a experiência; achar que conhece, sem ter “estado lá”. O meu sentimento de pertencimento (“sou negra”) está diretamente ligado à questão da identidade. Sei que sou uma mestiça, mas por opção político-ideológica sou negra. Como ressalta Sodré (1999), a identidade é o que penso que sou, mas também é aquilo que me é atribuído socialmente e, em Angola, não me reconheciam como negra nas relações do cotidiano. Ali, eu era uma “privilegiada historicamente”, em detrimento dos negros angolanos com a pele escura e aparentemente sem mistura com o branco.

Desejo retomar aqui uma idéia que me veio à mente em Luanda, quando estava em meio a uma conversa descontraída, por sinal, em um restaurante brasileiro. Em meio a tantas novidades, parei para refletir sobre tudo que estávamos vivendo, a diversidade e adversidades daquela experiência. Naquele momento

pensei: "o que seria da minha pesquisa se eu não estivesse vivenciando tudo isso?" Quanta diferença há entre "ler", "ouvir falar", "vivenciar" e "experimental". Por um momento de ingenuidade ou de pretensão, inicialmente, pensei que apenas com as minhas leituras sobre Angola e, os relatos de angolanos ou de pessoas que lá estiveram, poderia entender a questão da mestiçagem naquele país.

Bem que o professor Dr. Serrano alertou sobre a questão do mestiço em Angola, mas só compreendi melhor as suas observações quando lá cheguei. Em Angola, além de mestiça eu era estrangeira, reconhecida por todos como uma descendente africana, mas, ainda assim, representava, de algum modo, a presença "simbólica" do colonizador.

A condição de mestiça quase sempre era ressaltada entre os entrevistados. Toda vez que eles narravam uma situação de discriminação em relação ao mestiço, eles me usavam como referência, ele ou ela "é assim como a senhora com a pele clara". Podemos utilizar como exemplo um trecho da entrevista com o jovem universitário Lauro:

Eu, pessoalmente, não tenho vivido, mas tenho situações que presenciei. Num dos bancos comerciais cá de Luanda, em que a maior parte dos funcionários dos bancos são assim..., desculpe (**hesitação**), mais uma vez... pessoas da sua cor.

Mas deixa eu lhe dizer uma daquelas situações da telenovela, que aqui já tem acontecido, em que funcionárias bancárias facilitam o atendimento, mesmo havendo filas, sim, isto tanto em bancos comerciais ou bancos privados, como no banco estatal, em que também um número elevado de funcionários são de cores brancas ou mestiços, facilitam o atendimento de mestiços e brancos, iguais então às situações das telenovelas aqui é na nossa realidade. (Lauro - am - estudante - Angola)

Passado um tempo, foi possível perceber que há um conflito explícito entre o mestiço e o negro, e isso apareceu verbalmente nas falas dos entrevistados, o

que não se restringiu apenas aos estudantes universitários. Trata-se de uma questão histórica, de acúmulo de privilégios simbólicos do mestiço em relação ao negro. O depoimento a seguir, da estudante Elisa, aponta para essa realidade.

Na sociedade, às vezes, com algumas pessoas na procura de emprego, mesmo em Angola, no país dos negros, há pessoas que, ao pedirem o emprego, não vão pessoalmente. Pedem currículo com uma fotografia e, às vezes, naquela fotografia, tu saíste assim, moreninha, mais clara... Então, acham logo que tens parceria com mulatos, qualquer coisa assim com brancos. Então, deu naquilo que chamamos de mestiços. Eles te chamam para te admitirem. E aí, quando fazem a entrevista, quando percebem que tu não és aquilo que eles imaginavam. Perguntam: “Essa fotografia é realmente tua?” “Sim, essa fotografia é realmente minha.” “Não, essa fotografia não é tua.” “Ah, volta amanhã.” Isso aconteceu com alguém muito próximo que conheço.

Alguns sítios (lugares) só admitem mulatas. Posso até citar. Se deres uma volta aos bancos, Banco Nacional, BSA, Banco Bic, esses bancos todos que estão por aí, vais encontrar um bom número de gente de raça mista, mulatos. O racismo não é só no país dos brancos, quem mais sofre são os mulatos. Mas aqui no país dos negros são os negros mesmo a sofrerem. Sei que não vai ser da noite para o dia, vai ser muito difícil, porque está enraizado, mesmo no país dos negros, a diferença de cor ainda continua um problema. (Elisa - am - estudante - Angola)

A mesma opinião de Elisa é compartilhada pelo estudante Claudio:

Ainda existem pessoas e famílias que nem sempre chegam a admitir uma filha ou filho a ter que se relacionar até o ponto de dar um casamento com mulato ou negro, uma coisa assim. Até agora, nesse sentido, ainda existe muita discriminação mesmo. Porque há famílias que gostam simplesmente de partilhar o seu dia-a-dia normais com uma família branca. Por exemplo, mesmo aqui em nosso país Angola e, principalmente, em Luanda, existem famílias em que só há mulatos e esses mesmos mulatos não aceitam conviver, de certa maneira, se relacionarem até chegarem ao ponto de casarem com uma pessoa de pele escura. Não aceitam. A própria família rejeita, eu conheço um caso assim, em que uma vizinha se relacionou com um jovem mulato. A mãe do jovem não consentiu o namoro. Até por coincidência, eles tiveram dois filhos: um saiu preto mesmo e o outro saiu mulatinho. (Claudio - am - estudante - Angola)

É perceptível a tensão nas relações cotidianas entre negros e mestiços. A observação confirmou-se no decorrer dos depoimentos dos entrevistados. Percebemos que quem está no topo dos *outdoors*, em evidência nos programas televisivos e nos serviços de atendimento ao público são os negros com a pele mais clara, os denominados mestiços. Entendemos que na ausência física do branco, o mestiço, de algum modo, passa a representar a figura do colonizador branco, isso intensifica, ainda mais, as tensões já existentes.

Essa discussão sobre a mestiçagem nos remete ao que Nogueira (1955) denomina de preconceito de marca e de origem. No caso do Brasil e de Angola, cabe nos apropriarmos da definição de “preconceito de marca”, no qual as características físicas se sobressaem à origem (a ascendência). Dessa maneira, quanto mais o negro se aproximar do branco – já que esse é considerado o modelo – enfrenta menos problemas de mobilidade e ascensão social. “Pela tez, pelos traços do rosto, nariz afilado, cabelos lisos, lábios finos, maiores as suas probabilidades de ser aceito”. (Bastide e Fernandes, 1971: 167). Ao contrário dos Estados Unidos, onde aquele que tiver uma gota de sangue negro é tido como negro, aqui no Brasil e em Angola, à medida que a cor da pele clareia, os obstáculos diminuem e o mulato “pode passar” ou, pelo menos, aproximar-se do branco.

Tanto no Brasil como em Angola, quanto mais a pessoa se aproximar do que é considerado modelo pleno de humanidade, no caso o europeu, vai acumular o que Piza (2002) chama de privilégio simbólico. Contudo, há diferenças entre Brasil e Angola. Em Angola há uma questão histórica marcada pelo acúmulo de vantagens dos mestiços em relação aos negros.

Já aqui no Brasil quem está no topo da pirâmide é o branco. O mestiço pode

engrossar o coro de vítimas do racismo nas entidades do movimento negro, uma vez que também é vítima de um sistema de relações racistas. Trata-se de uma realidade diferente, a presença do branco aqui no Brasil, além de simbólica é também física, diferente de Angola, onde os brancos são uma minoria, quase não os encontramos pelas ruas e universidades de Luanda e Cabinda, as duas províncias angolanas onde estivemos.

Se não tivéssemos ido a Angola continuaríamos sem compreender ou pensando que havíamos compreendido a situação do mestiço naquele país. Como citamos, as diferenças começaram a ficar evidentes a partir de uma série de leituras que realizamos ainda antes da viagem. Mas vivenciar as relações raciais, literalmente “na pele”, naquele país nos fez, ainda durante a viagem, repensar a questão da mestiçagem.

Em Angola, a questão do mestiço está além do discurso. Numa entrevista com a professora Ana, do curso de História da Universidade Agostinho Neto, ela fala sobre sua experiência de vida como uma mestiça que casou-se com um negro, mostrou-nos seu documento de identidade, no qual é identificada como pertencente à “raça mista”, neste caso nos deparamos com a racialização dos mestiços. Algo que nos lembra os registros de nascimento de alguns anos atrás no Brasil, onde as pessoas eram identificadas como pardas, morenas, pretas e brancas. Sobre isso Ana relata:

Na minha mente o mestiço é negro. Um pouquinho mais clarinho. Mas isso é culpa também do governo. Raça mista? Raça negra? Raça mista tem. Eu acho esquisito.
(Ana - professora - ISCED - Luanda)

O discurso confuso em relação ao mestiço propicia uma “mobilidade de identidades”. Ora o mestiço se identifica e é identificado como tal, ora identifica-se como branco ou como negro. Embora, quase sempre, quem pode

passar por branco prefira ser reconhecido dessa maneira. É importante ressaltar que a miscigenação, em ambos os países, não se deu de forma harmoniosa, nem tão pouco romântica, ao contrário, foi marcada pela violência psicológica, física e moral.

As divergências entre Brasil e Angola tornam-se evidentes também nos números. O número de mestiços (pardos) no Brasil é muito superior em relação a Angola, onde a grande maioria é composta por negros de pele escura. Essa é uma das diferenças que logo salta aos olhos, que dispensa uma análise ou um estudo mais aprofundado.

O território angolano tem uma área de 1.246.700 km² e conta com uma população de 12.500.000 habitantes, sendo que 97% é formada por negros de diferentes grupos étnicos. Os mestiços somam 2% e os brancos apenas 1%⁶.

O Brasil tem área territorial de 8.514.876.599 km². Com dimensões continentais, o país tem uma população estimada em 183.987.291 milhões de habitantes. A classificação do povo brasileiro, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dá-se entre cinco grupos, divididos da seguinte maneira: os pretos são 6,9%, os pardos 42,6%, os brancos 49,7%, os amarelos 0,5% e os indígenas 0,3%⁷.

É válido ressaltar que, no Brasil, as pessoas se auto-identificam racialmente⁸. O mestiço ao assumir-se como negro opta por uma postura política e ideológica. A consciência racial do denominado pardo fortalece a identidade do negro no Brasil e as suas reivindicações como grupo, é um passo importante assumir uma identidade estigmatizada negativamente ao longo da história.

⁶ Fonte: Agência Angola Press e Página oficial do Governo da República de Angola

⁷ Fonte: PNAD (2006)

⁸ A auto-identificação é um procedimento utilizado no censo.

Compartilhamos da afirmação de Hasenbalg e outros estudiosos da questão racial no Brasil de que o mito da democracia racial calcado num modelo de uma sociedade miscigenada, serve para confundir a cabeça do negro. “O mito da ‘democracia racial’, brasileira é, indubitavelmente, o símbolo integrador mais poderoso criado para desmobilizar os negros e legitimar as desigualdades raciais vigentes desde o fim do escravismo”. (Hasenbalg, 1979: 241)

Nas relações do cotidiano, uma sociedade racista, que ainda insiste em defender o “mito da democracia racial”, pode levar-nos a pensar a seguinte questão: quando é conveniente o negro pode ser considerado moreno, mas, quase sempre, quando ocorrer o primeiro conflito, alguém se lembrará da sua condição racial e se utilizará dessa condição para desqualificá-lo e inferiorizá-lo. Em instantes, deixa de ser o moreno e passa a ser “aquele negro ...”.

4.5. Angola, as marcas do passado...

Ao contrário do Brasil, que há quase dois séculos deixou de ser colônia de Portugal, em Angola as marcas dos conflitos existentes na luta pela independência, seguidos pelos anos de guerra civil, deixaram seqüelas até hoje. Quando parávamos para conversar, as pessoas sempre nos situavam de que estávamos em um país marcado pela guerra civil. Exemplo: um dia pegamos um candongueiro⁹ e um senhor que tinha um dos braços amputado começou a maldizer-se porque havia entregue a sua vida pelo país, perdido amigos e parentes, além do seu próprio braço, e o que obteve como resultado? “uma vida de miséria”.

Em relação aos entrevistados, durante o relato das histórias de vida houve momentos em que precisamos nos conter para não chorar. A impressão que

⁹ Candongueiro é um meio de transporte popular em Luanda, seriam as kombis ou lotações daqui do Brasil.

tivemos, e, depois se confirmou, é que cada vez que nos sentávamos ou parávamos para ter uma conversa, aparentemente despretensiosa, diante de nós as palavras do nosso interlocutor se transformavam em História. Sim, História viva daquele povo. Foi mesmo um privilégio vivenciar, ouvir e experimentar histórias que, se não estivéssemos lá, levaríamos anos para entender ou, o mais provável, sequer entenderíamos.

Os anos de luta pela libertação, somados às quase três décadas de guerra, deixaram marcas, quando não físicas, com certeza, psicológicas. “Uma guerra geralmente rouba dos habitantes seu espaço vital. Por meio da ocupação e da destruição da paisagem, da fuga forçada, do confinamento a um gueto ou da deportação, a guerra corrompe os significados que a vida atribuiu (...)”. (Frochtengarten, 2002: 22)

Sem dúvida, os que mais sofreram com o agravamento da situação político-militar em Angola foram os cidadãos que viviam na zona rural. O deslocamento da população que vivia no campo para a cidade, na procura por áreas mais seguras em razão dos conflitos, resultou num crescimento populacional desordenado, comprometendo, ainda mais, a infra-estrutura das zonas urbanas.

Como demonstra Santos (2005), as famílias foram assim se protegendo e resistindo aos ataques; na luta pela sobrevivência, em meio à guerra, muitos membros das famílias se perdiam e morriam antes mesmo de chegarem ao destino.

As experiências, as perdas e a herança dos anos de guerra estiveram presentes nos discursos dos entrevistados:

Tinha quatro. Quatro anos, era pequeno. Na situação da guerra, eu perdi o meu pai. Isso me marcou. Marcou-me tanto... Como criança, não podia. Nem estava mais ou

menos a aceitar que realmente havia perdido o pai.

A guerra afetou, afetou muito porque nós estávamos numa província em que estávamos praticamente... Socialmente bem estável. Com a guerra tivemos que sair da província que estávamos para ter que nos refugiar numa outra província... Saímos em função da guerra. Saímos em função da guerra, chegamos cá, a guerra nos desestabilizou, até que tivemos que começar tudo de novo e isso mesmo... Foi muito ruim, a guerra causou realmente um distúrbio, digamos, na minha família. (Luís - am - estudante - Angola)

... As armas calaram, mas as consciências continuam guerreando. Essa é pior herança, vai ser... Eu vejo que vai ser muito difícil as pessoas se livrarem disso. Não ouço tiro, não ouço falar que a província tal está a ser bombardeada, mas o comportamento das pessoas, com sangue efervescente, como se tivessem inseguras, ficou a cultura “vai cair uma bomba aqui”, continua a vida esfolada, a falta de manejo continua. No tempo da guerra era salve-se quem puder, então, até agora as pessoas continuam no salve-se quem puder. (Elisa - am - estudante - Angola)

Enfrentamos uma guerra penosa, uma guerra altamente atroz. Já sabemos a condição de rendimento de qualquer guerra, a guerra deixou muitos órfãos, deixou muitas viúvas, deixou muitos mutilados, deixou muita gente traumatizada. Não sei se um dia as pessoas vão conseguir sarar as feridas que a guerra causou. Tenho muitas dúvidas. Eu, pessoalmente, que estou a falar, perdi muita família na guerra. Enfim, foi a guerra. (Lauro - am - estudante - Angola)

O nosso sentimento em relação ao clima pós-guerra que paira em Angola é o mesmo que revela os depoimentos dos entrevistados, sobretudo, da jovem Elisa. De fato, sentimos uma certa insegurança por parte das pessoas em decorrência aos anos sangrentos de uma história recente, parece que a qualquer momento uma bomba, no sentido figurado ou literal, vai explodir.

Logo quando chegamos a Angola, na primeira vez que saímos na companhia de uma pessoa que iria nos apresentar a capital, estávamos andando pela calçada no

centro de Luanda e, de repente, fomos abordadas por um policial que, com a arma em punho, falava apressadamente. Olhamos uma para a outra sem entender nada, depois de passado um tempo, percebemos que ele estava chamando a nossa atenção para um desenho de uma seta que estava no chão (na calçada), indicando que não deveríamos desviar daquela parte da calçada, pois tratava-se de um área de segurança pública, e não poderíamos pisar naquela parte do chão, em frente ao portão. A partir dali, ficou perceptível que há toda uma “preocupação” com a segurança nacional que restringe algumas práticas que aqui no Brasil, por exemplo, seriam comuns.

Durante a nossa experiência, pareceu-nos que existe um controle de lugares que podem ser fotografados ou não no país. Em certa ocasião, passamos em frente a um lugar lindo, pegamos a máquina para fotografar e logo nos avisaram: “não faça isso, podem pegar a sua máquina e ainda prender você”. Tratava-se de uma área de segurança do governo. Em um outro momento, fomos tirar foto de um hotel cuja arquitetura, por sua beleza, chamou-nos a atenção, novamente repetiram-se os conselhos para que tomássemos cuidado com a prática de fotografar.

Apesar das marcas e da dor que a guerra deixou, podemos observar o desejo do povo angolano de reconstruir o país. Isso foi possível perceber não apenas durante as entrevistas, mas através da convivência com as pessoas no cotidiano. Um dos entrevistados, Lauro, exterioriza esse pensamento:

Estou aqui em Luanda hoje como minha terra adotada. Penso em, depois da minha formatura, voltar para a minha terra natal, para poder dar o meu contributo ao povo que me viu nascer. Gostaria de ir para lá, viver para o resto da vida. Gostaria de lá ir para manter uma vida de ativismo social. Gostaria de lá ir para manter uma vida de ativismo social e continuar a lecionar, porque eu ainda tenho fé que, se apostar muito na educação deste povo, apostar muito na construção de escolas, na formação de professores e na formação de uma forma geral, dos jovens, tenho certeza de que,

dentro de um curto espaço de tempo, não digo que dentro de cinco, seis anos, mas tenho certeza de que dentro de dez, quinze, vinte anos, nós podemos construir... Poderemos ser uma grande nação do mundo. Mas tudo isso depende da vontade dos homens. Depende da vontade dos homens. (Lauro - am - estudante - Angola)

Há, visivelmente, uma preocupação com a formação acadêmica por parte dos profissionais entrevistados. Um número considerável concluiu seus estudos em outros países, como no Brasil. É importante destacar que, depois de formados, voltaram para contribuir com o seu conhecimento em Angola. Em Cabinda encontramos dois professores que se formaram no Brasil. No jornalismo encontramos dois profissionais. No ISCED de Luanda, o professor Buza formou-se no Brasil, voltou para sua terra e atua como coordenador do curso de Pedagogia. Esses são os que realizaram seus estudos no Brasil, mas encontramos aqueles que estudaram nos Estados Unidos, em Portugal e na Itália.

Essa inquietação não é algo novo entre os angolanos. A História aponta que a busca da formação educacional e a crença de que, a partir daí, seriam abertos caminhos para a transformação e reconstrução de uma identidade, esfacelada pelo colonialismo, acompanha Angola e o continente Africano desde muito tempo.

Paralelamente à luta política de características locais, tanto em Angola como em Moçambique, grupos de estudantes das diversas colônias tinham emigrado para Portugal, a fim de continuar seus estudos universitários, devido à ausência de universidades em seus países de origem, muitos também se organizaram em torno de associações culturais legais. Em 1951, surge um Centro de Estudos Africanos que conta, entre os fundadores, com jovens estudantes que se tornariam alguns dos mais expressivos líderes dos movimentos de libertação nacional. São eles: Amílcar Cabral (Guiné-Bissau), Francisco Tenreiro (um poeta natural de São Tomé e Príncipe, que morre em Portugal em 1963); e Mário de Andrade (Angola), o qual assim expressa os objetivos daquele Centro: “racionalizar os sentimentos de se pertencer a um mundo de opressão e despertar a consciência nacional através de uma análise dos fundamentos

culturais do continente”. As autoridades fascistas puseram fim às atividades desse Centro mas não às daqueles estudantes, como de outros, que deram continuidade à luta política anticolonial na Casa de Estudantes do Império através de uma intensa atividade cultural de reabilitação do patrimônio histórico e cultural de seus povos. (Serrano, 1991: 6)

O movimento de libertação, assim como o movimento de negritude é fruto da História; é uma resposta ao opressor, ao ideal pautado pelo imaginário inflado pela branquidade e suas práticas racistas.

4.6. Ficção e Realidade - Angola

A telenovela não tem como objetivo, a priori, educar, contudo sabemos que possui grande influência no comportamento de seus telespectadores. Os usos, costumes, temas e situações vivenciadas na telenovela, com muita frequência, saem da ficção e ganham espaço na realidade. É assim com a moda, com o vocabulário e também com temas abordados pelos autores em suas tramas, como o racismo, a homossexualidade e as drogas, entre outros. Diante dessa constatação, somos instigados a refletir sobre a seguinte questão: E quando essa reapropriação dos discursos e conteúdos veiculados pela ficção se dá, como já expusemos, numa realidade que difere do mundo ficcional ali representado? Nesse caso, vamos nos deparar com a “circulação de bens e mensagens, mudanças de significado, estamos falando de uma instância para outra de um grupo para vários. Nestes movimentos, comunicam-se significados, que são recebidos, reprocessados e recodificados”. (Canclini, 1985: 43-44)

Além das telenovelas, o programa televisivo de ficção mais citado pelos estudantes e professores entrevistados foi “Malhação”, o programa juvenil tem sido motivo de críticas entre os angolanos. Numa conversa com a professora do ISCED de Luanda, Ana, e sua filha, Mônica de 19 anos, elas falaram sobre

como vêm a influência de Malhação e da telenovela brasileira no comportamento dos jovens angolanos. Sobretudo, relataram a experiência vivenciada por elas na própria casa, com uma adolescente de 15 anos.

O que Ana e Mônica apontaram? A moda, a roupa com “a barriga à mostra”. O “ficar”, o namoro sem compromisso e a linguagem. Por exemplo: durante o diálogo, Ana nos pergunta: “O que é bobear? Minha filha, de 15 anos, vive a falar isso” (risos). O comportamento dos jovens, principalmente, dos adolescentes brasileiros com seus pais, também fez parte da discussão. Para Ana e Mônica, a relação entre pais e filhos no Brasil é muito permissiva, algumas vezes, desrespeitosa. Isso vai contra os princípios da tradição africana, uma vez que uma das primeiras regras é o respeito pelos mais velhos, coisa que, ultimamente, tem se perdido na nossa cultura ocidental, inclusive, na nossa cultura brasileira. A estudante Mônica fala sobre o que pensa da relação entre pais e filhos representada na ficção brasileira.

O relacionamento entre pais e filhos é uma relação muito permissiva. Pelo menos é isso que as telenovelas transmitem. Não sei se é a realidade disso no Brasil. Sabemos que uma coisa é ficção e a outra coisa é realidade, mas eles transmitem que a relação de pais e filhos é muito permissiva, o que aqui em Angola não acontece. Mas hoje, por causa das telenovelas, já há uma abertura nas famílias também para a permissividade. (Mônica - estudante - Angola)

O professor Clemêncio, do ISCED de Luanda, relata como vê a influência da telenovela brasileira no comportamento dos jovens em relação ao tratamento com as "pessoas mais velhas", professores e pais. As observações do professor vão ao encontro do que expôs a estudante Mônica no parágrafo anterior.

Eu noto nas novelas brasileiras que os adolescentes tem um relacionamento muito próximo com os pais, um tratamento muito informal e noto que os nossos adolescentes, que estão ligados ao sistema de ensino, também adotam essa postura. Tem que ter a mesma postura que os adolescentes brasileiros têm. Isso nota-se, eu

sinto isso. Isso porque há uns cinco anos atrás, como eu dizia, eu notava que os estudantes desse nível, dos seus treze, quatorze, quinze anos ao dirigirem-se ao professor era assim “O, professor”. Mas hoje eu noto, que, por exemplo, eu sou o professor Clemêncio, eles podem chegar e me chamarem “Clemêncio”. Então, eu noto isso que, como eu disse, também reproduz-se no ambiente familiar. Então, além de professor, sou pai, sou irmão mais velho, eu tenho irmãos menores, incluindo nessa faixa etária e também estão a estudar e eu noto que também mesmo em casa eles também já têm esse costume, querem tratar o pai por tu. Aqui pra gente o informal é tu. Então, nota-se essa influência. (Clemêncio - Professor - ISCED - Luanda)

Em geral, os entrevistados entendem que há excesso de cenas de sexo na teledramaturgia brasileira. Citam as telenovelas e “Malhação” como uma forte influência na sexualidade dos adolescentes e jovens. O professor Carlos do ISCED de Cabinda e a estudante Mônica falam sobre o assunto:

Uma das primeiras coisas que me parece é que as telenovelas da Globo colocam, no centro das novelas, os beijos e o sexo. Você dificilmente vê uma trama brasileira sem ter de x em x minutos um beijo ali no ar, sem ver de x em x tempo as farfalhas. Você entende isso? As farfalhas significam as apalpadelas, tocar o corpo da mulher de forma despudorada.

Farfalhas... Acariciar de forma pouco despudorada. Carícias até a gente pode fazer, mas carícia com certo tipo de pudor. E, muitas vezes, também com cenas muito repetidas de sexo. Não sei se estou errado... (Carlos - Professor - ISCED - Cabinda)

Por exemplo, há novelas brasileiras em que os namorados e as filhas dormem na casa dos pais, mas aqui há um tempo atrás não acontecia assim, mas agora já acontece. Eu, por exemplo, já tive uma colega de 17 anos que o namorado dormia na casa dos pais dela. Acho uma coisa sem cabimento. Para mim, né. (Mônica - estudante - Angola)

O relato de Mônica nos remete ao ano de 1994, quando na telenovela “Pátria Minha”, Natália Proença, personagem de Renata Sorrah, comprou de presente para a filha Alice (Claudia Abreu), uma cama de casal para usar com o namorado Rodrigo (Fábio Assunção). No início do anos 90, a atitude da

personagem Natália levantou uma polêmica sobre os limites que os pais devem dar aos filhos. Hoje entendemos que a maior preocupação da sociedade brasileira em relação à ficção está ligada à questão da representação das identidades. Não houve nenhum grande movimento, nos últimos anos, pelo fato de os jovens aparecerem tendo relações sexuais na casa dos pais. Em “Páginas da Vida”, a bailarina Gisele (Pérola Faria) teve sua primeira experiência sexual aos 15 anos, fato que até trouxe uma certa repercussão, mas nada semelhante ao ocorrido em 1994. Entendemos que aí há uma diferença entre Brasil e Angola, lá as cenas que contêm excesso de carícias ou sexo chocam os entrevistados mais do que aqui no Brasil.

Atualmente, a sociedade brasileira demonstra estar mais preocupada com as representações das identidades na televisão, os fatos apontam para essa realidade. Como já demonstramos em “A Lua me Disse”, grupos de defesa dos indígenas exigiram uma retratação por parte dos autores da telenovela, pela maneira estereotipada com que a personagem Índia (Bumba) era representada. No fim, ela, que era humilhada, acabou como patroa das ex-patroas, pelas quais foi inferiorizada durante toda a trama. Já em “Belíssima”, obra de Silvio de Abreu, exibida pela Rede Globo em 2006, o comportamento da matriarca da família de judeus foi alvo da indignação da comunidade judaica de São Paulo, que solicitou à emissora e ao autor da trama uma mudança nas atitudes da personagem o que, de fato, ocorreu no final da trama. Em ambos os casos, houve uma reviravolta nas histórias das personagens. Essa preocupação dos dois grupos é legítima, uma vez que todos desejam e têm o direito de ser representados de forma respeitosa nos veículos de comunicação.

O que ouvimos sobre “Malhação”, na capital de Angola, coincide com os mesmos comentários que ocorreram em Cabinda, durante uma palestra com os alunos e professores. Mais uma vez, os jovens daquela universidade afirmaram

que, antes de “Malhação”, não havia o “ficar” e sim o “namoro sério”, segundo os costumes da tradição africana. A moda também “a pouca roupa” das meninas, como eles falam, e a falta de respeito dos filhos para com os pais foram temas levantados por eles durante o diálogo. A professora Mônica, do ISCED de Cabinda, por exemplo, lembrou que há alguns anos as mães angolanas se reuniram para tirar do ar da TV Pública de Angola (TPA) o programa “Malhação”, pelos motivos que já foram apontados pelos entrevistados. Contudo, o seriado continua sendo exibido via parabólica pela Rede Globo de Televisão.

O professor Antonio, decano do ISCED de Cabinda, ressalta que considera importante a presença do “outro”, da cultura estrangeira (brasileira) em seu país, no entanto destaca que essa presença tem se dado de maneira “quase” que impositiva, de uma forma desigual. Percebemos essa preocupação nas palavras do professor.

O fato de haver uma preocupação com a identidade local, não é negar a identidade e a influência da cultura alheia. Perde-se a dose. É uma fase de saturação, e de estrangulamento e de dominação das estruturas e dos padrões de comportamentos locais de forma inconsciente. (Antonio - Professor - ISCED - Cabinda)

A influência da cultura brasileira na vida e nos costumes dos jovens angolanos é comentada também pelo professor Carlos do ISCED de Cabinda. Ele fala sobre o impacto das tramas brasileiras na realidade angolana:

(...) as pessoas conhecem mais coisas do Brasil. São capazes de saber que aquela fulana já morreu, que aquela fulana está grávida, aquela fez isso, conhecem o nome de todos as artistas, conhecem as cenas, áreas do Brasil e são capazes de não saber completamente que o vizinho já morreu ao lado, coisas que acontecem mesmo aqui ao seu lado. Uma alienação! Quer dizer, a pessoa fica estrangeira, vive num meio, mas deixa de se interessar pelos problemas do seu próprio meio.

Não sei se há um aspecto de distração de divertimento, de forma de diminuir a tensão social, e quanto mais telenovelas mais o povo vai consumindo ali uma forma de

esquecer a própria miséria, a própria pobreza e os problemas que estão esperando a pessoa fora da casa quando deixar de ver a telenovela brasileira.

A forma de vestir as pessoas... Todas pensam em se vestir à moda do Brasil. Esses óculos aqui, nós pegamos na moda Brasil. Eu gostaria de ver também gostarmos um do outro, do amigo, do vizinho, mas sem nos rebaixarmos a nós mesmos e sem deixar de fora o que é nosso também. Então hoje nós estamos jogando fora a nossa cultura, a nossa tradição, tentando nos tornarmos brasileiros. Mas você encontra mesmo em Cabinda, na minha terra, gente capaz de sair da casa, de andar quilômetros ao domingo só com uma toalhinha no peito sem mais nada, porque viu numa telenovela brasileira que as pessoas vão à praia assim. (Carlos - Professor - ISCED - Cabinda)

O depoimento do professor Carlos reflete a opinião de outros educadores. Mais do que isso, fica explícita uma inquietação que já foi levantada aqui nesse trabalho com a questão da identidade, ou das identidades, uma vez que estamos numa sociedade em que, seja pela internet ou pelas TVs a cabo, os diferentes mundos ficam ao “nosso alcance”. Em Angola, por exemplo, é evidente que nem todas as casas têm antena parabólica, mas a programação estrangeira não alcança apenas essas famílias, assistir televisão, muitas vezes, é um ato coletivo. O jornalista Joaquim Paulo fala sobre como a TV a cabo possibilitou o acesso da população angolana à programação estrangeira.

O que acontece em Luanda, e na África, é que não podemos medir o acesso pelo número de assinantes, porque a audiência é muito maior. Por exemplo, é possível que haja assinantes em Angola, que por aí, imaginemos, meio, até quase um milhão. Mas esse milhão de assinantes se multiplica, porque aqui temos o conceito de que o vizinho é família. A família mais próxima que nós temos é o vizinho. Então, numa casa em que haja parabólica, é normal que, na hora das novelas, triplique o tamanho da família. E outro caso é que a parabólica, usando um termo brasileiro, barateou em Angola. Se antigamente eram valores astronômicos, agora não. Agora uma assinatura e uma instalação fica na ordem de trezentos dólares, o que permite até que nas zonas periféricas, haja muita gente com acesso às parabólicas, o que permite dizer à vontade que é possível que cerca de três milhões de pessoas sejam atendidas por parabólicas. (Joaquim Paulo - Jornalista e Professor - Faculdade de Comunicação)

Os entrevistados entendem que os diferentes “modos de ler” vão influenciar a interpretação e a reapropriação dessas mensagens no cotidiano do telespectador. Eles percebem que a relação do receptor – nesse caso, com a telenovela – está além do ato de assistir, atravessa a realidade das pessoas.

Os depoimentos dos entrevistados reforçam a afirmação de Motter. A autora observa como a circulação dos sentidos na telenovela (ficção) pode fazer parte da vida cotidiana (realidade) das pessoas. Há um movimento cíclico entre ficção e realidade e realidade e ficção. Segundo Motter:

Pode-se avaliar que o processo de desenvolvimento da telenovela no curso dessas décadas e o crescimento de sua importância para a produção e circulação de sentidos no espaço da vida cotidiana. Sua abrangência sobre um público numericamente expressivo de telespectadores se potencializa ao difundir um certo saber sobre o mundo que se irradia muito além da audiência. Esse saber tornado comum constitui o substrato-matriz para a construção de outros significados nos diferentes domínios do simbólico. Um ganho que abre para a expansão o universo referencial individual, se valida no ambiente cultural criando oportunidade para transferências de significados, transformações e produções de sentido incorporam o novo e prepara para sempre renovadas aquisições. (Motter, 1999: 48)

Ao contrário do Brasil, onde a imprensa de um modo geral até se pauta nos temas representados na ficção (Motter, 1999), em Angola não há esse espaço para as discussões sobre o que se passa na ficção. Segundo os educadores entrevistados, o diálogo e a informação pré e pós-telenovela, como as conversas que permeiam o cotidiano brasileiro, fazem falta para um povo recém-saído de uma guerra civil, cuja preocupação primordial é garantir sua sobrevivência.

É importante que haja um trabalho para ver como essa telenovela vai passar. Crianças de X idade não podem assistir. Quiabo na boca de velho é só engolir. O povo angolano ainda não se encontrou. Não temos o que chamamos de família. Com a guerra nem todos os filhos estavam sob o controle da mãe. Na hora da fuga muitos se separaram.

As pessoas estão mais preocupadas em sobreviver, comer, a necessidade é comer. O que falta é o diálogo. (Mônica - Professora - ISCED - Cabinda)

... a sociedade dita luandense, e até a angolana, é um pouco frágil em relação às influências, tanto que nós saímos de um conflito, um conflito há mais de trinta anos. Então ao longo desse tempo, não se criou uma valorização de auto-estima. De maneira que a sociedade é um pouco vulnerável a qualquer tipo de influência. Há as influências positivas e as influências negativas. Agora, em relação à influência sociolingüística, lingüística, eu não posso considerar negativa, é do contato de línguas, do empréstimo de léxicos que se enriquece. Então eu acho até que é positivo. Agora eu até ficaria um pouco mais feliz, se eu pudesse ver do outro lado o inverso, uma troca. (Clemêncio - Professor – ISCED - Luanda)

Percebemos, diante dos depoimentos que, além do diálogo que é fundamental em qualquer sociedade, os educadores demonstram preocupação com a cultura local no complexo convívio entre o tradicional e o moderno. Conhecer o moderno e o novo é positivo. No entanto, o que fazer, o que pensar, quando se pressupõe que esse moderno “ameaça” o tradicional? Cabe nesse contexto nos apropriarmos da reflexão de Canclini que, de algum modo, sugere um caminho para o problema aqui exposto:

De um modo multicultural – justaposição de etnias ou grupo em uma cidade ou nação – passamos a outro, intercultural e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social; *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (Canclini, 2005: 17)

O professor Alfredo comenta que o movimento de interculturalidade propõe a troca entre diferentes culturas. Ele destaca que falta a troca entre os dois países,

o movimento é apenas unilateral, do Brasil para Angola. Ele destaca que a cultura brasileira impacta a cultura angolana, no entanto, o contrário não acontece.

Eu não digo que há troca, porque troca é no sentido de que a gente oferece e recebe. Então não há troca, o que existe é uma ação com uma única direção, porque nós não estamos conseguindo impactar o Brasil. Tu sabes, a comunicação é um instrumento muito forte, então nós temos aqui a maior presença do Brasil, influenciando. E é óbvio que a cultura local vai sofrendo um desgaste. Há um esforço aqui e acolá, tentando manter, tentando resgatar, tentando mostrar, mas esse é um processo que, eu diria, é uma luta de desiguais. Como digo, os norte-americanos não estão interessados em aprender português, você tem que aprender inglês para falar com eles. E, mesmo quando saem dos Estados Unidos para um país africano, falam em inglês, e tu tens que entender. Acho que em relação ao Brasil nós estamos levando essa desvantagem, porque o Brasil, apesar de todas as dificuldades, apesar de seu desequilíbrio econômico social, é um país que está bem na frente em relação à Angola. O Brasil acaba sempre nos influenciando mais do que vamos conseguir influenciar o Brasil. (Alfredo - Professor - ISCED - Cabinda)

Neste contexto, cabe-nos destacar a afirmação de Canclini (2000) em relação à circulação dos sentidos do discurso midiático. Para o autor não basta admitir que os discursos são recebidos de diferentes formas, que não existe uma relação linear nem na circulação do sentido. Segundo Canclini:

Se a intersecção do discurso “midiático” com outros mediadores sociais geram um campo de efeitos e esse campo não é definível só do ponto de vista da produção, conhecer a ação das indústrias culturais requer explorar os processos de mediação, as regras que regem as transformações entre um discurso e seus efeitos. Mas a escassez de estudos sobre consumo, que são antes pesquisas quantitativas de mercado e opinião, ainda permite avançar pouco na reformulação das relações entre comunicação massiva e recepção popular. (Canclini, 2000: 263)

De fato, existe a circulação dos sentidos e reapropriação dos diferentes tipos de leituras das mensagens que circulam nas telenovelas, contudo, percebemos que

há um movimento unilateral, é só daqui (do Brasil) para lá (Angola). O ganho seria maior se o movimento fosse bilateral, dos dois lados. É válido neste contexto nos apropriarmos da afirmação de Lopes. A autora ressalta a importância dos movimentos de construção e reconstrução das identidades nesse contexto de troca como supõe a interculturalidade.

As identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na construção/reconstrução dessas identidades. Por outro lado, a relação conflitiva e enriquecedora com os “outros” permite elaborar estratégias de resistência ao que de dominação disfarçada existe na idéia de desenvolvimento e modernização. (Lopes, 2004: 33)

Durante a nossa experiência em território angolano, todas às vezes que estivemos em locais públicos e privados, encontramos os aparelhos de TV ligados na TV Record ou na Rede Globo. Sentimos dificuldades de conhecer e acompanhar a programação nacional local. As telenovelas brasileiras, via cabo, eram transmitidas em dois horários: por volta das 11 horas da manhã e das 18 horas (horário de Angola). Enquanto estávamos nas faculdades, podíamos assistir à programação brasileira. Ao meio-dia em Luanda é transmitido, ao vivo, o noticiário da Rede Globo de Televisão, que é exibido pela manhã no Brasil, a diferença do fuso horário entre os dois países é de quatro horas a mais em relação ao horário de Brasília.

O professor Alfredo fala sobre sua relação diária com a programação da televisão brasileira.

Eu sou um tanto suspeito, por ter passado bastante tempo no Brasil, ter estado em contato com a cultura brasileira. A família está lá, então, convivo com a televisão brasileira, praticamente vinte e quatro horas, inclusive aqui na minha sala, para estar informado, saber as coisas do Brasil. (Alfredo - Professor - ISCED - Cabinda)

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, a relação dos angolanos com

a televisão brasileira (Rede Globo e TV Record) também está ligada a uma questão de qualidade da programação televisiva, o que inclui, principalmente, a teledramaturgia e os programas jornalísticos. Numa palestra com profissionais da imprensa, na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Agostinho Neto, eles citaram a Globo e a Record como referências de padrão de qualidade.

Um dos desafios desta pesquisa é refletir sobre a maneira pela qual os receptores se apropriam das mensagens veiculadas na telenovela e as reinterpretam. Em Angola, nas províncias onde estivemos (Luanda e Cabinda), alguns alunos e muitos professores demonstram essa mesma preocupação com relação à reapropriação das mensagens veiculadas pela telenovela. Nesse sentido, há pelo menos dois fatores, inicialmente, que devem ser considerados. Primeiro, a ficção difere da realidade, porque o que vemos na ficção são apenas fragmentos da realidade somados aos elementos próprios da ficção. Em segundo lugar, a realidade de Angola difere da brasileira. A telenovela produzida no Brasil circula além do seu espaço geográfico, do seu país de origem, para outras realidades e modos de vida diferentes.

4.7. Ficção e Realidade - Brasil e Angola

A relação entre ficção e realidade que a telenovela estabelece fica cada vez mais evidente nos trabalhos de comunicação, sobretudo nas recentes pesquisas de recepção, como nas de Bonin (2001), Lopes (1999) e Barbosa (2002). Dessa maneira, os fatos constatados pelas pesquisas científicas afastam, cada vez mais, a tese de que a telenovela é apenas um produto cultural de segunda categoria com o objetivo principal de alienar as pessoas.

Fica evidenciado que a telenovela, muito mais que entretenimento, é um espaço não somente para fazer as pessoas esquecerem dos problemas sociais, mas

também uma forma de chamar a atenção para os mesmos.

Podemos afirmar que não há fronteiras nos limites entre ficção e realidade; entre essas duas instâncias nos deparamos com as mediações (Motter, 1998). É muito comum o telespectador estabelecer uma relação entre o mundo ficcional e o seu mundo real, daí a relevância de atentarmos para o que se veicula por meio da telenovela, pois mesmo sendo ficção é sabido que nem todos os telespectadores têm esse discernimento. Portanto, explica-se a importância do cuidado que os autores devem ter ao abordarem temas delicados como violência, homossexualidade, preconceitos e racismo para que, mesmo não tendo como objetivo maior informar, não faça o contrário, desinformando e reforçando preconceitos e estereótipos já estabelecidos socialmente.

Entre os entrevistados, em Angola e em São Paulo, há um consenso de que a telenovela pode representar, de alguma maneira, informações a respeito de uma outra cultura, assim como dos seus valores. “A ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão. Ela ocupa um lugar preeminente das práticas interpretativas, entre realidade e fantasia, entre vivido e imaginário”. (Lopes, 2004: 33)

No ponto de vista educacional é positivo, visto que as telenovelas, muitas das vezes, para quem entende o que elas querem dizer podem tirar coisas boas; mas para quem entende mal, percebe mal, tira coisas más, aí é um problema. (Marcia - am - estudante - Angola)

Acho que as telenovelas brasileiras são boas e até informativas, mas tudo depende muito da maneira como cada pessoa a interpreta. Pode em uma situação, por exemplo, mostrar o lado positivo e o lado negativo, há quem apanha somente o lado positivo e quem apanha o lado negativo. (Maria - am - estudante - Angola)

Acho importante, acho importante a novela é um grande, é uma grande forma de

informação que... Acho que, sei lá a maioria assiste. Mas... Não sei também até que ponto... Bom, acho que, muitas vezes, as pessoas só tem... o acesso telenovela, então o que a novela passa acaba sendo meio que [...] informação assim muito assim. Então não sei se... (Vinícius - branco - Brasil)

Eu acho importante, sabe? Nesse sentido. Eu acho porque... Porque ela realmente abrange uma parcela considerável da população e... é formadora de opinião também. (Leandro - branco - Brasil)

A articulação e a reapropriação pelos receptores das mensagens que veiculam pela telenovela se dá, fundamentalmente, no cotidiano. É na esfera do cotidiano que se encontra as relações pessoais, a troca, a convivência e o conhecimento do outro. Como bem ressalta Heller:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (Heller, 2004:17)

A reelaboração dos dados que o receptor recebe ou percebe é por ele decodificada e reconstruída a partir dos referenciais de que dispõem, de acordo com sua visão de mundo. O emissor não tem controle sobre as conseqüências da circulação das mensagens.

Em Angola, os informantes estabelecem a relação entre a produção da telenovela e a influência da realidade e do contexto social no qual a obra é produzida. Duas das entrevistadas, Filomena e Carla, por exemplo, percebem uma das peculiaridades da telenovela brasileira, que é a prática dos autores de inserirem em suas trama problemas da vida real, que estão presentes e fazem parte do nosso cotidiano.

Bom, pra mim a telenovela brasileira muitas vezes foca os pontos mais importantes

daquele momento da vida, não é? Por exemplo, se há um tsunami, eles falam de tsunami; se há um outro fato, um acontecimento do momento, eles falam desse acontecimento, o que é muito bom para estarmos informados. (Filomena - estudante - Angola)

Eu acho que as telenovelas brasileiras têm dois pontos. Tem muito a ver com lazer, tem muita coisa que é só ficção e muita coisa que se tem a realidade do momento, se bem que nem sempre o final das telenovelas é muito justo ou sério em relação a alguns pontos nelas tratados. (Marcia - estudante - Angola)

Motter (2000) ao estudar a relação entre ficção e realidade na teledramaturgia, nos chama atenção para o fato de como a ficção, a partir da circulação dos sentidos, construídos pelo receptor, permeiam o nosso cotidiano. A interação que a telenovela estabelece entre os cotidianos da ficção e da realidade constitui uma das peculiaridades da telenovela brasileira que, ao desenvolver um cotidiano em paralelo, dialoga com o real numa dinâmica que o autor colhe, a partir de suas inquietações, aspectos da realidade a serem tematizados ou tratados como questões de importância em sua ficção.

(...) A simples familiaridade do telespectador com discussões bem orientadas sobre preconceitos, drogas, alcoolismo, violência, hábitos de higiene e saúde sinaliza um avanço de telenovela e da sociedade que incorpora novos dados/informações/conhecimentos/ou comportamentos. (Motter, 2000: 43)

Podemos perceber que os entrevistados, na amostra em Angola, estabelecem uma relação entre o que é representado na ficção e a realidade brasileira. Portanto, confirma-se o que afirmam os trabalhos sobre a internacionalização da telenovela, segundo ao quais a ficção, de algum modo, depõe sobre nós lá fora. Um exemplo disso é o que fala a entrevistada Elisa.

Normalmente, o autor nas telenovelas retrata o que principalmente se vive lá na sua terra, como é o caso do racismo que existe no Brasil. Percebemos isso pelas entrevistas que andam cá em Angola, como as da atriz Taís Araújo. Eu cito mais a Taís Araújo,

porque quando vem cá tem muita mídia atrás Del, e é fácil o acesso à informação daquilo que ela fala. Ela esteve cá com o marido, que também confirmou a dificuldade que se encontra no Brasil pra os negros, é uma verdade então. (Elisa - am - estudante - Angola)

A estudante Elisa, a exemplo de outros estudantes, estabelece essa relação entre ficção e realidade. Ela percebe e destaca a relação do autor com o local de produção, portanto a realidade e o produto final que é a telenovela (ficção). Os entrevistados mostram uma certa familiaridade com o gênero ficcional. Apesar da existência de várias definições de gêneros, nesse caso, a que mais vai ao encontro da proposta da pesquisa, é a que Martín-Barbero (1997: 302) chama de estratégia de comunicabilidade. “Os gêneros ficcionais, matrizes culturais universais são os possíveis portadores de referencial comum de mediação entre produtores culturais/autores, produtos e receptores (...)”. (Lopes, 1997: 157)

Quando abordamos a representação das relações raciais na telenovela brasileira, deparamo- nos com os estereótipos tão freqüentes na ficção no Brasil. Tanto no Brasil quanto em Angola esse problema foi levantado pelos entrevistados. No Brasil, Luana e Juca, negros, questionam o motivo de, para o ator ou a atriz negro(a) ser escalado(a) para participar de um elenco, ser necessário o autor escrever um papel específico para uma personagem negra.

Quando eu era menor, assistia mais. Quando eu cheguei mais ou menos aos quatorze anos, acho que eu comecei a ficar muito crítica e comecei a ficar com raiva das novelas, porque sempre apareciam as negras como empregadas, e daí assistindo menos. Atualmente, às vezes eu começo a assistir uma novela, aí eles colocam uma negra para ser médica e cinco para ser empregadas. Aí eu paro de assistir. Ou então as únicas negras que eles colocam num cargo um pouquinho melhor tem os olhos claros, aí eu falo “Por que tem que ter algum detalhe, uma característica que a torne um pouco mais branca ou coisa assim?”

Ao mesmo tempo que é importante, é muito chato, toda vez que você vê um negro na televisão sempre aborda esse tema. Não sei, podiam dar mais liberdade ao assunto e

deixar que eles tivessem sempre que entrar com um papel programado, sabe? Ou sempre para ser o marginalizado, ou sempre para ser empregada, ou sempre para ser o que sofre preconceito. Ser uma pessoa normal. Porque apesar de sofrer preconceito muitas vezes, nós negros continuamos sendo pessoas normais. E isso não é representado. (Luana - negra- Brasil)

Infelizmente, tem o estereótipo, é sempre o empregado, etc, etc.. Se põe a pessoa negra na novela é para discutir a situação, é para falar “nossa, tem um negro aí. vamos discutir a situação, porque ele está aí”. (Juca - negro - Brasil)

Percebemos que, via de regra, o ator não se enquadra no padrão de beleza exigido pela televisão, portanto é preciso que exista um papel na trama que justifique a presença dele (do ator negro) no universo dos atores brancos. Essa tese é confirmada por Araújo (1999) ao estudar o percurso dos atores negros na telenovela brasileira.

Uma das perguntas dirigidas aos estudantes da amostra é sobre o que pensam da representação da diversidade brasileira na programação televisiva. Elaboramos a pergunta, da seguinte maneira: “Você acha que a televisão representa a diversidade étnica e cultural do Brasil?” Diante da pergunta obtivemos as seguintes respostas:

Bom, eu nunca pensei nisso. Eu nunca tinha pensado nisso, mas acho que não. Acho que não muito, porque o que passa na televisão é sempre o tipo... padrão de beleza... branco. Até, não sei... acho que um padrão nternacional, mas... Enfim, acho que eles não... (Vinícius - branco - Brasil)

Eu acho que... Eu vejo pouco, né? Mas... Tem iniciativas, tem esforços para representar, mas eu diria que não. A maioria dos atores, que eu me lembre, são... Embora agora tenha maior iniciativas para colocar, mas... (Leandro - branco - Brasil)

Como podemos perceber, as falas dos entrevistados brancos, no Brasil, são marcadas por respostas evasivas e frases mal terminadas, nos depoimentos

acima podemos detectar esse fato. Mais uma vez, somos levados a pensar no significado do silêncio como uma denúncia de algo que não pode ser dito, que não pode ser nomeado. Esse silêncio no comportamento dos entrevistados nos remete ao comportamento pautado pela branquidade. Ao que Bento (2002) chama de “pacto narcísico”. Há uma “dificuldade” visível para estes estudantes abordar o tema.

Marques (2007), ao pesquisar a produção de sentido na ficção televisiva, demonstra o papel do formato telenovela como ponto desencadeador de emoções e sentimentos no cotidiano da cidade de São Paulo, nos anos de 2006 e 2007. Marques revela que as cenas que abordam o racismo são rejeitadas pelo telespectador. Mesmo com todas as tentativas de discussão da questão racial no país, e não há como negar que o debate está aberto, contudo ainda nos deparamos com resistências.

Ainda sobre a questão da representação da diversidade étnico-racial brasileira na televisão, Ana, estudante branca do Brasil, e Lauro, estudante negro em Angola, comentam:

Agora eu estou pensando naquela novela *Malhação*. Eles sempre colocam um negro, um oriental, pá... pá... É isso? Não, não... A grande maioria dos personagens são brancos. (Ana - branca - Brasil)

A minha revolta advém do fato de que os brasileiros continuam a passar uma mensagem para outras sociedades, sobretudo para nós de Angola. Angola deve ser um dos maiores consumidores de telenovelas brasileiras, continuo a pensar e sinto-me revoltado pelo fato de saber que o Brasil está independente há quase 200 anos, e até hoje os negros continuam a ser minoria e não ter papel destacado nas telenovelas. (Lauro - am - estudante - Angola)

Ao responder à pergunta Ana fica meio confusa, mas ela verbaliza que a grande maioria das personagens das telenovelas são brancas. Lauro expõe,

como ele mesmo diz, sua “revolta” em relação ao que vê representado nas telenovelas, mas mais do que isso, ele questiona o motivo dessa representação desigual entre negros e brancos na televisão brasileira.

4.7.1. O olhar do receptor: as telenovelas estudadas

Como já expusemos, foi exibido um vídeo, de aproximadamente 30 minutos, aos participantes da pesquisa, com as cenas sobre as representações das relações raciais nas três telenovelas estudadas. A partir de agora, desejamos analisar os comentários dos entrevistados em relação à edição das cenas apresentadas.

4.7.1.1. "Da Cor do Pecado"

Uma das situações na telenovela “Da Cor do Pecado” que chama a atenção das receptoras é o casal inter-racial da trama. As estudantes em Angola e as jovens negras no Brasil comentam sobre o casal protagonista da trama, Preta (Taís Araújo) e Paco (Reinaldo Gianechinni). Essa questão não foi apontada por nenhum dos homens participantes da pesquisa; entendemos que encontramos aí uma peculiaridade relativa ao gênero, no sentido de que somos educadas e educados a nos portarmos diante das situações do cotidiano de acordo com “o sexo”. Como já expusemos, o conceito de gênero, utilizado aqui está além das diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas sim voltado para a construção da identidade social que determina os comportamentos do sexo feminino e do masculino em uma sociedade. (Oliveira, 2004)

Os possíveis problemas e os preconceitos de um relacionamento inter-racial na vida real foram colocados pelas entrevistadas:

... tenho uns amigos brancos que sei que é difícil se enquadrar na vida deles. Ainda vejo dificuldade de se relacionar. Tu vais se relacionar, casar com um branco, tem que estar preparada para os problemas, a família dele não vai te aceitar facilmente. (Elisa -

am - estudante - Angola)

Na novela “Da Cor do Pecado”, acho que o autor quis nos fazer entender ou ver que o amor pode existir e crescer, nascer entre um negro e um branco normalmente, como coisa natural, porque, afinal de contas, nós somos todos iguais. (Marcia - am - estudante - Angola)

Essas coisas são mais vividas pelos jovens, assim de namorado. De fato já aconteceu, mas tem uma amiga que viveu exatamente uma situação como a da novela que eu, antes de ouvi-la dizer, jurava que isso não é capaz de acontecer na vida real, mas eu já vi, já vi de perto muitas situações... (Maria - am - estudante - Angola)

Em “Da Cor do Pecado”, logo no começo, a Preta não se encara como uma pessoa que poderia namorar o Gianechinni. Eu não lembro qual era o porém, mas ela não se encara como uma pessoa que podia namorá-lo. Aí depois veio aquilo... Assim que ela começa a aceitar essa situação normalmente, né? Ela começa a namorar com ele, né? Vem aquele preconceito da família, da ex, de tudo. Aí mostra assim, para que está vendo, por exemplo, eu, negra, “Olha, se você tentar ultrapassar isso, olha o que vai acontecer.” (Luana - negra - Brasil)

A estudante branca, Nara, no Brasil, conta sua experiência pessoal. Ela é casada com um homem negro e comenta que há resistência por parte das duas famílias.

Eu acho que as barreiras são de ambos os lados. Eu estou vivendo com o Liberto o preconceito ao contrário. A família dele tem mais resistência ao fato de eu ser branca do que a minha ao fato dele ser negro.

Preconceito sempre teve. Uma vez, minha avó saiu da sala enfurecida porque falaram na TV “Nosso rei Pelé”. Ela falou “Rei, rei. imagina. Meu pai comprava disso – disso – às dúzias. Como rei?” Minha avó não deixou nenhuma das filhas casar com italiano porque italiano era tão desprezível quanto o negro, porque ele tinha substituído o negro na lavoura. A minha mãe sempre foi partidária da República de [...]. Ela achava que a gente tinha que separar São Paulo do resto do país, porque São Paulo seria maravilhoso, glorioso, porque ele não teria que carregar o Brasil nas costas, como ele sempre carregou, carregando rios de dinheiro para o Nordeste. Então, eu fui criada sob esse guarda-chuva, com todos esses... Esses preconceitos, mesmo, né? Mas isso tudo

para mim sempre foi tão absurdo, essas falas deles. Tão absurdo, que eu acho que eu nem levava a sério. (Nara - branca - Brasil)

Diante do que observamos e dos depoimentos dos entrevistados podemos nos remeter às afirmações de Motter. Segundo a autora, o laço que estabelece a relação entre ficção (as situações da trama) e a realidade (a vida real dos entrevistados) é a proximidade entre a ficção e o cotidiano.

Os problemas sociais focalizados colocam a ficção como um cotidiano em paralelo, onde os conflitos representados falam do e ao universo cotidiano concreto do telespectador. As questões lá suscitadas e as aqui vividas estabelecem identidade e fundem no mesmo diálogo os sentimentos gerados pelas tensões, dúvidas, angústias, medo. As pequenas alegrias acenam com a dialética. Os dois mundos vivem as mesmas alternâncias de tensão e distensão, tristezas e alegrias, guerra e paz. As soluções servem de inspiração. Chamam a atenção para os pequenos desencontros, humilhações dissimuladas, manifestações de intolerância. No tempo livre, a reflexão do telespectador é convocada a rever seu dia de hoje, se prepara para o de amanhã e considerar o modo de encaminhamento que lhe sugere a ficção para questões similares. (Motter, 1999: 69)

No caso de Preta, por exemplo, muitas vezes, Afonso justifica o “comportamento” de Preta, fazendo referências às suas origens: “o que se pode esperar de uma pessoa como ela? Eles são assim mesmo (os negros) ...”. A maneira de pensar do empresário se consolida quando ele escolhe um funcionário branco para ocupar uma importante função em sua empresa, o cargo de vice-presidente do Grupo Lambertini. Todos esperavam que o cargo seria oferecido a Felipe Garcia (Rocco Pitanga), já que esse ele era o funcionário que estava há mais tempo na empresa, mas o racismo não permitiu, pois o rapaz é negro. Especificamente em Angola, isso incomodou muito dos entrevistados, foi possível perceber a expressão de perplexidade no rosto dos estudantes, durante a exibição das cenas. Luís e Lauro comentam:

Aquilo marcou-me bastante... Até mesmo ontem eu a dormir, estava a pensar naquilo.

De fato, é uma luta tremenda, porque isso até vai fazer com que as pessoas rebaixem a moral de uma determinada raça. A pessoa com capacidades intelectuais, tem capacidade de ser, estar... Do homem, só pelo fato do homem ser negro, não é dado oportunidade, isso é mal. Isso é mal, de fato me marcou bastante. (Luís - am - estudante - Angola)

O que nós assistimos, o que nós vimos foi uma situação completamente inconcebível, deplorável! O fato de uma pessoa não ser promovida por ser de cor negra; o patrão, o dono da empresa apresenta argumentos esfarrapados, tais como: “não tem apresentação”, da má imagem a uma instituição ou organismo, uma empresa, da dimensão da empresa dele apresentar um gerente negro. Isso cria aquele ambiente de revolta, porque eu vivo aqui em Angola e penso um dia também viver lá no Brasil, e eu tenho certeza de que, por intermédio da minha capacidade, gostaria de ascender, quando as pessoas não conseguem ascender por causa da questão de pele, isso cria frustração. (Lauro - am - estudante - Angola)

A cena que impressionou os entrevistados originou-se do diálogo entre a governanta da casa de Afonso, Germana e o empresário:

Germana: Dr. Afonso, eu posso lhe fazer uma pergunta delicada?

Afonso: Claro, pode fazer.

Germana: Por que o senhor não promoveu o Felipe?

Afonso: Ah! Você anda muito bem informada dos assuntos lá da empresa. Eu só acho curioso que você, tendo serviço aqui, preocupe-se com o trabalho lá da empresa, quem sabe eu não devia nomear você vice-presidente do grupo Lambertini...

Germana: O senhor ainda não respondeu a minha pergunta.

Afonso: Não nomeei o Felipe porque ele não tem capacidade para exercer a função, não tem apresentação, ninguém ia confiar nele.

Germana: Por que ele é negro?

Afonso: Sim, entre outras coisas.

Germana: Seria muito bom para senhor e para sua empresa ter um vice-presidente negro.

Afonso: Quem faria negócios de milhões com um negro? Eu não faria.

Germana: É triste ver que o senhor pensa assim.

Afonso: É, mais não só eu que penso assim nesse país, eu não posso arriscar o prestígio internacional da minha empresa só porque o Felipe foi criado junto com o Paco. Eles são completamente diferentes, qualquer um vê isso. Você fez uma pergunta e eu respondi, satisfeita?

Germana: Não, decepcionada, muito decepcionada.

O discurso de Afonso tem toda base ideológica da construção do racismo. Ele estabelece a relação do fato de Felipe ser negro com suas competências intelectual e moral. Ele verbaliza que Felipe, por ser negro, não tem competência e não é de confiança. Ele também transforma em seu discurso diferença em defeito. Quando afirma que Felipe é diferente de Paco, sim é diferente, mas não inferior. Esse diálogo nos remete às teorias racistas citadas por Munanga (2004) e, também, ao comportamento do colonizador no encontro com o “outro”, o colonizado; o estranhamento, a classificação, a hierarquização e a inferiorização, mecanismos utilizados pelo europeu para desumanizar esse “outro”. (Lévi-Strauss, 1989)

É importante ressaltar que o impacto da cena na ficção vivenciada por Felipe teve diferente repercussão entre os estudantes do Brasil e os jovens em Angola. No entanto, os depoimentos de Laís e Juca revelam uma relação entre o ocorrido na ficção e o vivenciado por eles na realidade.

Com o meu pai não foi questão de promoção. Ele foi procurar o serviço... Antigamente, os currículos tinham que ter foto; meu pai fez a entrevista com uma outra pessoa e passou nessa entrevista; quando foi falar com o chefe, ele já estava quase empregado; mas quando o chefe o viu, aí não quis contratá-lo. (Laís - negra - Brasil)

Meu pai se formou em contabilidade. Ele pagava, estudava à noite, trabalhava de manhã em escritório de contabilidade, morava em uma quitinete minúscula, né? Batalhou para caramba. Ele fez concurso para ser auditor fiscal da Receita Federal. Ele estava em primeiro lugar e chegou ele, primeiro colocado, e um cara em segundo para

fazer entrevista com o futuro chefe. O meu pai foi preterido, ele tem certeza de que foi por ele ser negro, pela questão racial. (Juca - negro - Brasil)

Ao estabelecer a relação entre ficção e realidade, podemos encontrar na telenovela “Da Cor do Pecado”, na personagem de Afonso Lambertini, através de suas ações e seus discursos, o comportamento racista pautado na sua branquidade. Não por acaso, ao desaparecer um documento importante na empresa Lambertini, o primeiro suspeito foi seu empregado negro, Felipe, mas o verdadeiro infrator era um outro funcionário, branco, que, ficou longe de ser considerado suspeito.

A representação do branco como padrão universal de humanidade, sua invisibilidade e neutralidade racial, a branquidade, garante-lhe um lugar simbólico confortável na sociedade. O negro, em contraposição, é reduzido a uma coletividade sobre a qual se faz relação de traços fenotípicos com estereótipos sociais e morais, culminando no racismo. “As conseqüências são inevitáveis: a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida em que a visibilidade do negro o torna um alvo preferencial de descargas de frustrações impostas pela vida social”. (Carone, 2002: 23)

Em seu artigo “Portas de Vidro”, Piza explica a representação do negro por esta coletividade, e, em contrapartida, explica a neutralidade racial do branco:

(...) o lugar do negro é o seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo. Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial, para outros. (Piza, 2002: 71)

A branquidade, enquanto "lugar" de sujeitos sociais, proporciona uma situação de conforto. A preservação da individualidade e a hierarquia racial nunca são questionadas ou verbalizadas. Diante da interação ou relação com outros grupos: (de negros, indígenas ou descendentes de asiáticos), os considerados brancos tendem a ver mais as condições do outro do que a sua própria condição de classe, gênero ou idade. Ser branco é ser racialmente neutro, transparente. Piza exemplifica:

Ao grupo de descendentes de asiáticos – japoneses, chineses, coreanos – os quais são chamados a responder pelo estereótipo da inteligência e do sucesso profissional. Se um falha, alguém sempre vai se lembrar de que “japoneses” são superinteligentes e bem sucedidos. Então, por que você falhou?” Mas, se uma pessoa estiver estacionando o carro em lugar proibido, alguém pode sempre lembrar que “só negros fariam isso!”

Entretanto, entre brancos, falhar nas expectativas que se formam em torno de alguém ou cometer uma infração de trânsito levará um palavrão pelas costas, que poderá, no máximo ofender a mãe preposta para estas ocasiões, mas jamais o conjunto dos brancos, o grupo racial ao qual pertence. A expectativa para os três sujeitos é determinada pela sua racialidade, mais apenas dois são racializados – o japonês e o negro. O branco preserva sua individualidade.(Piza, 2002: 72)

Uma cena da telenovela “Da Cor do Pecado” que foi citada pelos participantes do Brasil, é quando em um diálogo, Paco chega e, de forma carinhosa, chama Preta de “neguinha”; ela responde chamando-o de branquinho. A cena aconteceu na casa de Paco, quando ele chega atrasado e Preta reclama:

Preta: E o senhor, hein? Que horas são essas, posso saber?

Paco: Eu já disse que eu fui em um encontro de preservação florestal.

Preta: Você em Paco, sempre falando que me disse as coisas e nunca me diz nada, disse aqui ó na sua cabeça. Porque sua boca não falou nada.

Paco: Já tá pondo a mão na cintura, é neguinha?

Preta: Tô, por quê? Não posso não, branquinho? Por que não ligou avisando que ia chegar tarde?

Paco: Estava trabalhando, qual problema?

Entendemos que o autor, ao escrever esse diálogo, quis passar a idéia de naturalidade entre os “apelidos”, “neguinha” e “branquinho”, essa era uma situação na trama muito específica, era um momento de harmonia entre o casal, no entanto, é bom ressaltar, como já exposto anteriormente, que o que vai determinar se o fato de chamar “neguinha” é um ato de racismo ou não é o contexto. A cena mencionada, por exemplo, contrapõe-se aos ataques racistas de Bárbara, a vilã da história, que usava o fato de Preta ser negra para ofendê-la e inferiorizá-la. Vinícius, estudante do Brasil, comenta esse assunto:

Na verdade, uma cena que me marcou bastante, é... foi uma das últimas cenas que passou na sala, quando acho que estava no fim da novela, e o mocinho já estava com a Thaís Araújo. Aí ele chega em casa e chama ela de neguinha, mas de uma forma carinhosa, assim. Isso é uma coisa que me marcou e acontece bastante, eu acho. Tem... Eu conheço muita gente que, sei lá... acaba sendo uma forma carinhosa, de chamar de neguinha. (Vinícius - branco - Brasil)

Essa situação nos remete a um fato que aconteceu no ano de 2005, numa partida de futebol entre um time brasileiro e um outro argentino, em que veio à tona uma situação polêmica. Durante o jogo, em um momento de desentendimento entre jogadores brasileiros e argentinos, um jogador argentino usou o fato de o atleta ser negro para ofendê-lo, através de xingamentos: “seu negro”. Algumas pessoas na época apareceram na imprensa ironizando o fato, afirmando que agora “negro não poderia ser chamado de negro e sim de outro nome”, inclusive este argumento foi usado, repetidas vezes, por um cantor e vereador negro da cidade de São Paulo. Ora, trata-se de, como tudo na vida, avaliar o contexto no qual ocorre o fato. Há diferença entre referir-se a uma pessoa como “negra” e usar o fato de ela ser negra com o objetivo de ofendê-la e inferiorizá-la. Essa diferença parece óbvia, mas, continuamente, discursos como esses são utilizados para desqualificar ou minimizar uma situação de racismo.

4.7.1.2. “A Lua me Disse”

Na telenovela “A Lua me Disse” as polêmicas observadas pelos receptores ficam mais em torno das duas irmãs que renegam suas origens: Jurema (Mary Sheyla) e Anastácia (Zezé Barbosa). No entanto, também há o caso da irmã delas, Violeta (Isabel Fillardis), que, ao contrário, orgulha-se das suas origens e enfrenta problemas por se apaixonar e se envolver com o ex-marido da patroa de sua mãe, Lucio, personagem de Maurício Mattar. Jurema, assim como Violeta, também se envolve com o outro filho da patroa de sua mãe.

Uma das cenas citadas pelos receptores foi quando Elvira (Beth Goulart), mãe do rapaz que está a namorar Jurema, vê seu filho aos beijos com a “filha da empregada”, que é negra. Ela profere uma frase racista, fazendo relação entre o moço e um senhor da época da escravidão, que busca a negra na senzala para satisfazer os seus desejos sexuais.

O fato abordado na ficção nos lembra as observações realizadas por Bastide e Fernandes:

Assim o erotismo se manifesta sob uma aparência de aproximação das cores, o mais doloroso de todos os preconceitos: o estereótipo da preta como fonte unicamente de prazer, como um animal feito para a volúpia, que repele desdenhosamente, uma vez satisfeito o desejo. (Bastide e Fernandes, 1971: 180)

As duas irmãs, Anastácia e Jurema, tentam, a qualquer custo, imitar e aproximar-se do que é considerado padrão de beleza e aceito culturalmente pela sociedade. Durante a trama, fica evidente a recusa delas por namorados negros. Essa busca pelo embranquecimento é citada pelos entrevistados negros no Brasil, Luana e Juca comentam:

É a mentalidade... enquanto você não sair disso de ser negra e continuar tendo filhos negros, ficar se envolvendo com negros, vai continuar aquela coisa... É por isso que

ela tenta se elevar através do branco, é como se tentasse pregar isso para a gente: “Olha, a sua situação é essa. Aí, se você tentar se elevar, talvez mude alguma coisa”. Sabe, é estranho isso. (Luana - negra - Brasil)

Eu acho que tudo isso acontece na vida real... Eu tenho parente que fazia aquilo de colocar prendedor o nariz, esse tipo de coisa, de se negar, infelizmente... (Juca - negro - Brasil)

É importante questionar essa oferta constante de imagens na mídia que fortalece a identificação com um modelo hegemônico, padronizado, quem não se enquadra nesse modelo é excluído da possibilidade de fazer parte dessa vitrine imagética, desse espelho que é a mídia. A propagação da naturalização do branco como paradigma humano fortalece sua identidade como uma marca positiva, e, em contrapartida, o enfraquecimento de todas as outras identidades que não se enquadram nos padrões estabelecidos, historicamente, como os “normais”. Desse modo, fortalece-se a idéia de que o diferente é desigual, negativo, ruim e inferior.

Em Angola, os entrevistados comentam sobre essas situações exibidas em “A Lua me Disse”, a cena que mais “incomodou” os entrevistados em Angola foi a que mostra quando Anastácia transformou-se em uma macaca. Sem dúvida nenhuma, o mal-estar foi perceptível.

Olha, eu, das três, fiquei muito mais chateada com a segunda, que é de “A Lua me Disse”. É muito triste aquela parte da negra estar na jaula, depois transformar-se em macaco. Por que não deram aquele papel a um branco? Escolheram logo um negro? Fiquei muito comovida com aquela parte. (Elisa - am - estudante - Angola)

Aí está um racismo muito bem demonstrado na novela. Eu entendi que quiseram passar que negro vem do macaco ou se parece... Porque fora, todos, na Europa ou na América, quando se diz em África, eles imaginam logo os macacos. Em África só tem macacos. É como na outra novela quando a miúda (criança) diz: “Em África só tem doentes de Aids”.

A maior parte dos brancos pensa que na África só tem macacos e tudo destruído, só lixo, só guerra. (Carla - estudante - Angola)

As justificativas encontradas nas tramas para “explicar” o racismo são sempre as mesmas, independentemente do momento histórico que a obra esteja retratando. Em regra, todas as atrocidades (das personagens racistas) são pautadas por um racismo calcado num modelo ideal de beleza e inteligência do branco. O fato de Anastácia ter chegado ao fim da trama como uma conga, como comenta a estudante Carla, no depoimento do parágrafo acima, tem toda uma idéia da relação pejorativa do negro com a animalidade representada pelo macaco.

É evidente a proximidade entre a descrição feita pelos europeus em relação aos povos “diferentes” (os outros) e os discursos presentes na ficção ao representar as relações raciais. Nesse caso específico, somos instigados a pensar na relação que o colonizador fazia entre esse outro e animalidade, contrária à sua condição humana.

Opiniões desse tipo são inumeráveis e passaram tranquilamente para nossa época. No século XIX, Stanley, em seu livro dedicado à pesquisa de Linvigstone, compara os africanos aos “macacos de um jardim zoológico”. (LaPlantine, 2003: 42)

Couceiro de Lima e Baccega observam como essa idéia de racionalidade e animalidade está presente no discurso da imprensa brasileira nas matérias sobre uma disputa de futebol entre a Inglaterra e Camarões, na Copa do Mundo de 1990. As autoras analisam os termos utilizados em referência aos africanos pelos jornais impressos de maior destaque em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Alguns temas afloram desse universo pesquisado. O primeiro deles é o que toca as questões das relações entre animalidade e humanidade. Em várias matérias o time do Camarões é cognominado de “Leões Indomáveis” ou “leões africanos”.

Apesar das “garras dos leões” eles foram eliminados. Milla, o jogador de maior destaque do time tem “faro para o gol”, numa evidente alusão a uma qualidade animal – a sensibilidade para o cheiro.

Ao considerar surpreendente a trajetória do time africano, usa-se uma colocação muito difundida na cultura brasileira: a de considerar o time africano “uma zebra”. A zebra é aquele resultado considerado logicamente impossível de ocorrer numa partida esportiva. Assim os títulos dos jornais proclamam “Inglaterra acerta o pé e derruba a zebra” ou “Zebras não resistem à tradição”. (Couceiro de Lima e Baccega (1994: 159)

O fato de a personagem chegar ao fim da trama como uma conga só foi tratado com indignação pelos estudantes de Angola, aqui no Brasil a cena foi comentada apenas pelo jovem Leandro, mas a leitura dele foi outra, ficou atrelada às questões técnicas.

O final daquela cena que a mulher vira macaco é muito forçado. Primeiro, a péssima qualidade técnica. Eu achei fora do contexto, assim. Eu não entendi. Eu achei forçado. (Leandro - branco - Brasil)

4.7.1.3. Páginas da Vida

Recentemente, em duas tramas globais, “O Profeta”, do original de Ivani Ribeiro, adaptada por Thelma Guedes e Duca Rachid, e “Páginas da Vida”, do autor Manoel Carlos, saíram do racismo, quase sempre, representado na ficção por vilões, brancos, ricos e poderosos, para uma situação vivenciada por crianças de ascendência negra que renegam as suas origens. Essa questão não passou despercebida para os estudantes entrevistados. Ao falarem da menina Gabriela, da telenovela “Páginas da Vida”, mencionaram também o caso semelhante que aconteceu em “O Profeta”. Na telenovela “O Profeta” (2006/2007), exibida pela Rede Globo, no horário das 18 horas, havia uma menina mestiça que renegava a mãe pelo fato de ela ser negra. Esse fato tanto foi levantado entre os entrevistados no Brasil quanto em Angola. Ana, estudante branca, de São Paulo comenta a questão que também foi levantada pelo estudante Inácio em Angola.

Há pouco tempo, teve uma outra novela que tinha uma menina negra, mas que negava

isso e até negava a mãe. É... O “Profeta”. Até teve uma cena que eu fiquei pensando “Nossa, eles tentaram abordar o tema, mas eu não sei se foi de uma forma muito saudável”. (Ana - branca - Brasil)

Na novela “O Profeta” também tinha a miúda que rejeitava a mãe, porque ela era negra. Entendo que aí há também uma idéia educativa, a idéia de que não devemos fazer isso ou não devemos ser assim. (Inácio - estudante - Angola)

Em Angola, as cenas protagonizadas pela personagem Gabriela, da telenovela “Páginas da Vida”, despertou a atenção dos entrevistados. O comportamento de um racismo exacerbado na pele de uma criança chocou os receptores. Uma das cenas mais comentadas pelos alunos foi a que Gabriela rejeita ser examinada por um enfermeiro negro, no hospital no qual foi fazer um hemograma.

Lucas: É isso aí, fazemos o hemograma agora, depois você lancha aqui no hospital mesmo, porque você está em jejum, né?

Enfermeiro – Pronto! Cheguei, esperaram muito?

Lucas: Que nada, tá tudo bem?

Enfermeiro: Ta, eu só vou lavar as mãos e volto em um minuto.

Gabriela: É ele que vai fazer o exame?

Lucas: É, por quê? Qual é problema, Gabi?

Gabriela: Ah! pai, você sabe qual é o problema...

Lucas: Larga de ser boba e estende esse braço aí, vai, ou prefere estender à força?

Gabriela: Você não tem que brigar comigo, eu sou assim e pronto!

Lucas: Mas, vai deixar de ser, pelo menos por enquanto, enquanto estiver na minha casa. Você está pensando que é o quê, Gabriela? É loira de olhos azuis? Não se olha no espelho, não? Sabe como era sua avó, minha mãe? Sabe? Pois, eu te mostro a foto, você não sabe disso, mas ela era da cor da Selma.

Gabriela: Tá querendo me ofender pai (chorando)? Eu já falei para você que eu não gosto de gente escura.

Lucas: Mas, você é escura cacilda!

Gabriela: Não sou não.

Mais uma vez, foi possível observar as expressões de repúdio nas faces dos estudantes e de alguns professores no momento da exibição das cenas.

... a história da menina que encontra o pai branco, que vive com uma negra, e vai se hospedar na casa do pai e não quer aceitar a mulher com quem o pai estava se relacionando, isso me tocou bastante, porque a criança ela é uma criança, simplesmente, e criança não sabe bem, ou não tem o conhecimento real do racismo, né? Ela só estava com aquele tipo de comportamento, porque, por influência de um mais velho, que era a influência da mãe... Atenção que eu chamo é que as mães, nesse caso, no aspecto de racismo, devem ter muito cuidado, devem ter muito cuidado com as crianças, porque as crianças bastam algo ser colocado em sua mente, dito pela mãe ou por um professor e para ela é como se fosse um Deus dizendo algo, encaixam aquilo em mente e dificilmente retiram. (Claudio - am - estudante - Angola)

Em “Páginas da Vida” foi bem representada, em partes não é, nós vimos que o preconceito saía mais de uma criança. Isto é muito triste, pois ela tinha tanto preconceito não obstante a idade. Isto é triste, mas de fato acontece. Nós vemos que a partir da infância as crianças vão aprendendo a ter idéias negativas, mas o próprio pai dela soube lutar contra isso, tanto que, no fim, mesmo após a morte da mãe dela, ela mudou e foi com uma negra que ela passou a viver, então eu gostei... (Luzia - am - estudante - Angola)

Me marcou bastante a miúda de “Páginas da Vida”, porque ela era muito preconceituosa. Mas gostei bastante da atitude do pai, que tentou colocar a filha na linha, no seu devido lugar. (Filomena - estudante - Angola)

Os comentários dos informantes em relação a Gabriela nos permite repensar algumas questões sobre a relação entre a identidade e o pertencimento. Como não desejar fazer parte de um grupo que foi e continua sendo colocado como paradigma estético e cultural? Quem deseja se identificar com o que é considerado ruim? As questões do pertencimento e da identidade estão ligadas diretamente à auto-estima e a memória coletiva de um povo.

O estudante negro Paulo fala sobre a questão da mestiçagem e da identidade exposta na telenovela “Páginas da Vida”, já que Gabriela é uma mestiça que não reconhece e, pior, não aceita a sua ascendência negra:

É real. Aquele lance é real, a gente vê muito isso no Brasil. Todo o povo é negro, mas foge sempre dessa coisa da mestiçagem. Não aceita, entendeu como é que é? Muitos negam sempre. É aí que a gente vê no Brasil o racismo que existe. O pessoal não assume. O pessoal nega, né? Completamente. Eu vi a menina negando totalmente sua identidade. (Paulo - negro - Brasil)

O pertencimento a um grupo simbolicamente privilegiado traz mais vantagens do que pertencer a um grupo que é historicamente estigmatizado de forma negativa. Gabriela é uma mestiça, mas prefere assumir apenas as origens advindas da sua mãe, que é de uma família branca.

No decorrer da telenovela fica evidente que Gabriela vivencia uma crise de identidade, porque afinal é notória e visível a sua rejeição em relação à sua ascendência negra, inclusive isso é enfatizado durante a trama por seu pai, Lucas (Paulo César Grande). Em uma das cenas, quando Gabriela recusa-se a ser atendida por um enfermeiro negro, o pai a repreende e afirma que sua mãe, portanto, a avó da menina, era negra como Selma (Elisa Lucinda), a madrastra rejeitada. No meio da conversa, ela se diz ofendida com a declaração do pai. Ou seja, como ocorre muitas vezes na vida real, ser negro ou afrodescendente pode ser sinônimo de ofensa e/ou inferioridade.

Retomamos aqui a questão da identidade, e nos apoiamos em autores como Hall (2001), Silva (2000), quando nos chamam a atenção para que, em vez de pensarmos em identidade ou identidades, pensemos em identificação, preservando assim o caráter dialético e dinâmico que a identidade possui. Dessa maneira, ao discutirmos a identidade, será considerada a relação entre o indivíduo e a cultura na qual ele está inserido.

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referências que orientam suas formas de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, apreendidas na sua interação com os outros. (Larkin Nascimento, 2003-30-31)

O caso de Gabriela na ficção nos remete a uma outra questão na realidade: a educação. A educação, assim como os meios de comunicação, são peças-chave numa sociedade, contra ou a favor da disseminação de preconceitos. Desde que nascemos nos relacionamos com o mundo e tudo o que nos cerca. A partir dos primeiros momentos de nossas vidas, começamos a interagir com o mundo. Uma das formas dessa interação se dá através da linguagem. Para Schaff, “a nossa articulação do mundo é pelo menos, em certa medida, a função de experiência, não só individual, mas também social, transmitida ao indivíduo pela educação e, antes de tudo, pela linguagem”. (Schaff, 1976: 252-253)

Logo cedo, as famílias, a escola, a religião, enfim, a sociedade se encarrega de passar os valores que regem as nossas vidas, que já estão formulados e perpetuam-se de geração à geração através da história. É através de tudo que nos é transmitido que formamos as nossas opiniões, muitas vezes, sem nenhum embasamento empírico, consideradas como verdades.

As mais sutis e penetrantes de todas as influências são as que criam e mantêm os estereótipos. Dizem-nos tudo sobre o mundo antes que o vejamos. Imaginamos a maioria das coisas antes de experimentá-las. E ao menos que a educação nos tenha tornado agudamente conscientes, essas concepções governam profundamente todo processo da percepção. (Lippman, 1972: 156)

Em Luanda, como já foi exposto, percebemos que os jovens conhecem o Brasil. Para além da teledramaturgia brasileira, muitos dos entrevistados conhecem a

nossa História. Lauro, por exemplo, falou sobre a ação do atual governo brasileiro em relação às questões raciais. Ele citou como exemplo a Lei 10.639/03¹⁰ e sua importância, o avanço que ela representa para a sociedade brasileira. Ele, inclusive, faz uma relação entre a importância da conscientização e da discussão das relações raciais no espaço escolar e a personagem Gabriela da telenovela estudada, “Páginas da Vida”. O entrevistado, ainda, alerta que há várias “Gabrielas” em Angola.

Custa-me acreditar que uma criança daquela faixa etária nutra ódio, aquilo me parecia ser ódio em relação a pessoa de cor negra. Eu penso que é um aspecto que os psicólogos, os psicanalistas deveriam ter estudado, depois de a novela ter sido exibida, porque, na realidade, também há pessoas com aquela faixa etária que não aceitam assumir os negros... Em Luanda tivemos situações idênticas, em colégios (...) crianças que não aceitam sentar com pessoas de cor negra, daquela faixa etária. Por isso, acho completamente repugnante. A educação nesse sentido é muito importante. (Lauro - am - estudante - Angola)

O comportamento excessivamente benevolente da madrastra desrespeitada na sua própria casa chamou à atenção de Juca, estudante negro, no Brasil.

A madrastra da menina aceitava tudo. Sempre dizia: “vamos conversar.” Se é comigo, se é na minha casa um negócio desse, eu mando a pessoa embora. Sabe? Eu, não... “Tudo bem. Você acha o quê? Você não gosta de mim? Que eu não sou ninguém?” Eu não quero saber de nada. Simplesmente não... É muito chato isso. Parece aquela coisa de falta de amor próprio, de querer ser aceito a qualquer preço. Então não vale a pena. (Juca - negro - Brasil)

Já Maria, estudante em Angola, tem uma visão diferente quanto às atitudes de Selma em relação à rejeição da enteada.

Acho que a madrastra da Gabriela, mesmo sabendo que ela a rejeitava, foi sempre insistindo em ganhar a confiança, a amizade, o amor da menina, nunca desistiu. Sim, vendo desde o primeiro dia que a menina não gostava dela, nem a menina nem a

¹⁰ Essa lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

mãe, ela simplesmente podia deixar o marido e desistir de tudo; ela não, continua lutando, esperando que um dia a menina deixasse de ser preconceituosa, mudasse a cabeça e começasse a gostar dela. (Maria - am - estudante - Angola)

A benevolência não ficou apenas no comportamento de Selma, que foi desrespeitada várias vezes pela enteada em sua própria casa, como também no discurso da estudante Maria. Não é possível alguém ser hostilizada daquela maneira na sua própria casa e se comportar daquele modo, mesmo quando os insultos partem da filha do homem que se ama. A atitude de Selma se contradiz com as características de sua personagem, se considerarmos que tratava-se de uma médica, uma mulher independente financeiramente. A casa onde eles moravam era dela e não do marido, enfermeiro, pai de Gabriela. Em uma das cenas ele verbaliza: “Essa casa é sua Selma, muito mais sua do que minha”. Selma não esboçava nenhuma reação para exigir respeito em seu próprio lar, essa tarefa ficava por conta de seu cônjuge, pai da garota preconceituosa.

O excesso de paciência de Selma nos remete às observações de Couceiro de Lima, ao analisar a identidade da personagem negra na telenovela brasileira, referindo-se ao comportamento benevolente das personagens diante das agressões racistas, a autora afirma que essas personagens:

(...) reagem sempre com bondade, perdendo a agressão. Parece estar esse comportamento pautado pelo discurso tradicional da nossa ideologia racial oficial: o racismo é ignorância e como tal deve ser ignorado. Tal ideologia orienta o comportamento dos brancos, mas também negros, que, ao sofrerem racismo, resolvem perdoar e atribuí-lo a ignorância. (Couceiro de Lima, 1995: 16)

Luana levanta uma outra questão importante em relação a Selma. Mesmo ela sendo médica e ele enfermeiro, o casal não sofre preconceito pela diferença de hierarquia profissional e sim pelo fato dela ser negra e o marido, branco.

Na *Páginas da vida*, ela já é médica, engraçado que mesmo ele tendo um cargo

inferior do dela, que é o que geralmente pode rolar mais preconceito, na nossa sociedade, por ela ser negra, ela sofre bem mais preconceito que ele. Eles não sofrem preconceito por um casal “médica e enfermeiro”, é por ela ser mulher negra e ele ser branco, sabe? A ex-mulher dele não aceita, a filha não aceita, a família dela não aceita, fica aquela coisa de “Ah, não vou chegar perto desse negro, dessa negra, não vou comer o que ela fez.” Por ela ser negra. Eles não consideram tudo o que ela é, eles consideram que, ela pode ser qualquer coisa, mas é negra”, como se isso fosse um caráter de inferioridade. (Luana - negra - Brasil)

Coincidentemente, em *Páginas da Vida*, no início da telenovela, o médico Diogo, vivido por Marcos Paulo, esteve em África, numa região muito pobre. Na trama ele faz uma exibição do vídeo para os amigos e vizinhos da vila onde mora. Angélica, a mãe de Gabriela, convida a menina para assistir ao vídeo na casa do médico, a garota responde, de maneira preconceituosa, que sabe muito bem o que tem na África: “pobreza e gente doente de AIDS”. Em Angola, a entrevistada Marcia comenta sobre essa cena.

Tanta coisa em África boa para se ver na África, e ele vai buscar a parte mais sofrida das doenças, das misérias. Se pensa que doenças como AIDS é coisa de Terceiro Mundo, é igual em todo o mundo. Só viu na África doenças, pobreza, miséria. Tanta coisa boa para se mostrar. Austeridade do povo africano mas só fica nisso... nas coisas ruins. (Marcia - am -estudante - Angola)

Situações como essas, expostas pela jovem angolana Marcia, remetem-nos, mais uma vez, ao que já foi descrito nessa discussão, que são os estereótipos negativos em relação à África que permeiam o imaginário da sociedade, não só brasileira mas mundial. Que na África há pobreza e guerra nós sabemos, afinal, isso é fato. Mas, quando tratando-se de representação, pode-se ir adiante e mostrar que, além de miséria, na África há riquezas naturais e diferentes culturas. Não menos importante do que as culturas que compõem a cultura ocidental.

As entrevistadas no Brasil também teceram comentários a respeito da personagem Gabriela. Laís e Nara comentam sobre o final conciliador na telenovela:

“Páginas da Vida” é até legal, a minha irmã acompanhava mais do que eu. Aí no começo ela sempre falava de uma menininha, que era... era preconceituosa. Aí eu até achava que minha irmã falava... coisa demais, né? Falar assim de uma criança, não sei quê... Aí, depois, quando eu vi a novela, fui entender porque minha irmã falava tanto. Eu assisti os últimos capítulos dessa novela, aí vi que a mãe da menina morreu e ela começou a gostar da outra mulher. Não sei se foi aí mesmo que ela começou a gostar da mulher, mas, se for pensar assim, tudo o que o pessoal falou durante a novela não fez efeito nenhum para ela. Só quando a mãe dela morreu é que ela percebeu que ia ter que depender da outra mulher junto com o pai dela. Então, sei lá, acho que os discursos inflamados do pai não fizeram muito efeito. (Laís - estudante negra - Brasil)

É, eu não entendi o que acontecia com aquela menina. E é aí que eu falo que fica o estímulo raiva. Não teve nenhum diálogo para entender aquilo, de onde que surgiu? Porque toda atitude agressiva tem um medo por trás. Pra mim, de repente, aquela menina tinha medo dela ser negra. Porque ela tinha uma origem negra. O pai dela uma vez falou sobre isso. Isso era vivido porque ela tinha uma pele escurinha em relação da mãe e do pai. Então, se eu fosse o autor, teria um momento catártico dela com a Elisa Lucinda ali, dela poder aceitar a negritude dela. Isso não teve. (Nara - estudante branca - Brasil)

O final conciliador da telenovela observado pelas entrevistadas nos lembra outras telenovelas de outros autores que recorreram aos mesmos recursos extremos, para que o racista pudesse “rever” sua postura. Depois da morte de sua mãe Angélica, Gabriela ficou sob os cuidados do pai e da madrasta. Final parecido com a telenovela que analisamos no mestrado “Louca Paixão”, de Yves Dumont. Naquela telenovela, a filha da personagem racista precisa de um rim e os pais são incompatíveis, portanto, não podem fazer a doação. Quem faz a doação é o namorado da filha, que é rejeitado pela mãe dela, pelo fato de ser negro. Infelizmente, na maior parte das vezes, a personagem racista não revê

seus preconceitos e seu racismo por uma tomada de consciência, mas sim por se deparar com situações extremas como as que acabamos de citar.

4.8. Telenovela Brasileira em Angola - Angola um universo diferente

A partir de tudo o que vivenciamos, somado aos depoimentos dos entrevistados, chegamos à conclusão de que a presença da cultura brasileira em Angola, não é algo novo. Desde os tempos da luta pela libertação, a presença brasileira antecede a exibição dos primeiros capítulos das telenovelas, em 1979. Autores como Jorge Amado e Gilberto Freyre estiveram presentes nos discursos dos nacionalistas. Contudo, hoje podemos perceber essa presença logo no primeiro contato. É claro que, por meio de um processo investigativo como esse que nos propusemos a fazer, percebemos ainda mais essa influência, como expusemos no decorrer desta tese, nos mais diferentes segmentos da sociedade.

Como percebemos no decorrer da pesquisa, estamos presentes na cultura angolana de várias maneiras, uma destas maneiras foi destacada pelo professor Clemêncio, que leciona Sociolingüística no ISCED de Luanda. Trata-se da influência do “português do Brasil” em Angola.

Em relação ao aspecto lingüístico, estava a fazer um levantamento, estava a notar que... Há cinco anos, havia certos vocábulos que não constavam do léxico dos jovens, dos adolescentes. Mas agora já há muita coisa. O “fera”, por exemplo, já faz parte da realidade. Os alunos da sexta classe até a décima primeira classe têm esses vocábulos no seu dia-a-dia. Antigamente, nos programas designavam-se as crianças por crianças mesmo, programa infantil. Mas hoje eu noto a chamar e a tratar as crianças por baixinhos, agora é baixinho. Isso é influência, fugindo já um pouco da telenovela, mas é influência do Programa da Xuxa, agora a generalizar. (Clemêncio - professor - ISCED - Cabinda)

Acreditamos, pelo que vivenciamos (sentimos e ouvimos) em Angola, que

ainda, se o tema pesquisado não fosse “as representações das relações raciais”, certamente essa questão seria abordada pelos entrevistados. Num país, majoritariamente formado por negros, a presença ou a ausência de atores negros na mídia não passa despercebida. Não é por acaso que entre os entrevistados é praticamente unânime a lembrança da telenovela *Chica da Silva* e da sua protagonista, Taís Araújo. A obra foi exibida pela extinta TV Manchete, em 1994. A presença da atriz negra foi enfatizada nos discursos dos entrevistados.

Olha, falando de atores, o que tenho visto é que, na sua maioria de telenovelas brasileiras, as pessoas que ocupam lugares de mérito sempre são de raça branca. E o papel do negro é sempre, são sempre aqueles últimos papéis, eu até me recordo... Uma das novelas que se fez valorizar, que eu vi, de peso, foi a “Chica da Silva”, eu era muito novo, mas ela novela me marcou. (Luís - am - estudante - Angola)

Os entrevistados durante a pesquisa, na sua maioria, foram muito críticos em relação ao que vêem na telenovela. A presença predominante de atores brancos, em detrimento dos não-brancos, num país como o Brasil, que tem a segunda maior população negra do mundo, é percebida e questionada pelos entrevistados. A mesma atenção é dada aos estereótipos negativos e tão freqüentes relacionados às personagens negras, assim como também há uma satisfação quando as personagens negras aparecem na trama de forma positiva. Podemos perceber essa percepção por parte dos entrevistados, Carla e Maria verbalizam:

(...) Pelos estudos que eu já tenho feito, e por tudo que eu ouvi, o Brasil é um país de muitos negros. E, no entanto, é uma minoria ínfima que aparece numa cidade fictícia, por exemplo.... (Carla - estudante - Angola)

Eu nunca fui para o Brasil, mas eu vivo com primas que foram ao Brasil há pouco tempo. E dizem que lá o racismo é muito notável. Elas dizem que há muito racismo, principalmente quando andam na rua, quando se vai a algum banco... se for um branco, ele pode ir de calção, chinelo, não tem problema... mas se for um negro, ele já é olhado de uma outra forma. (Maria - am - estudante - Angola)

Durante o período da coleta de dados, muitas foram as informações levantadas que vieram ao encontro do nosso tema de pesquisa. Nossos estudos confirmam a tese de que a recepção não é passiva. “A leitura da produção televisiva implica pois a consideração de que nada é neutro nem na emissão e nem na recepção, cabendo identificar as formas latentes e manifestas dessa não-neutralidade”. (Souza, 2004: 9)

O processo comunicacional está além do modelo clássico que supõe uma linearidade entre o emissor, a mensagem e o receptor. Esse esquema desconsidera as mediações que perpassam e se fazem presentes nos momentos que antecedem e sucedem à circulação dos sentidos das mensagens.

Este processo é sustentado através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução. Isto seria pensar o processo como uma ‘complexa estrutura em dominância’, sustentada através da articulação de práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas formas e condições de existência”. (Hall, 2003: 387)

Podemos afirmar que todo processo de comunicação é mediado pelas experiências, pela cultura e pelas histórias de vida. Todo o espaço entre o meio de produção e a recepção é demarcado pelas negociações dos sentidos – as mediações. Essas negociações estão presentes nos discursos dos nossos entrevistados.

Ao tomarmos como referência as mídias, e, nesse caso a televisão, deparamo-nos, além das imagens, com os conteúdos dos discursos, portanto, é fundamental nos remeter ao sentido da construção e do processo da linguagem na vida do indivíduo. Como afirma Hall:

(...) não há discurso inteligível sem a operação de um código. Os signos, icônicos são, portanto, signos codificados também – mesmo que aqui os códigos trabalhem de

forma diferente daquela de outros signos. Não há grau zero em linguagem. Naturalismo e “realismo” – a aparente fidelidade da representação à coisa ou ao conceito representado – é o resultado, o efeito, de uma certa articulação específica da linguagem sobre o “real”. É o resultado de uma prática discursiva”. (Hall, 2003: 393)

Diante dos depoimentos, somados às nossas experiências durante a pesquisa de campo, podemos afirmar que se justifica a relevância de nos atentarmos aos estudos que enfocam as representações raciais na ficção, como também a internacionalização da telenovela. Como afirma Lopes (2004), essas análises nos permitem refletir sobre a importância dos movimentos de interculturalidade, que pressupõem uma troca de conhecimento. Por meio da telenovela, a cultura da sociedade brasileira chega às diferentes nações de diferentes culturas, crenças e modos de ler e ver o mundo distintamente.

4.9. O olhar dos estudantes brasileiros - Traços da branquidade

Os estudantes negros no Brasil, durante as entrevistas e nas narrações de suas histórias de vida, contam suas experiências relacionadas à discriminação vivenciada por eles. Situações nas quais foram vítimas dos estereótipos em relação aos negros:

Eu fiz Geografia, já faz muito tempo, e eu fazia estágio num colégio de freiras perto de casa. E era dia de APM, sabe? Então, enquanto os professores ficavam conversando com os pais, os estagiários ficaram todos reunidos no pátio, lá reunidos, conversando com a criançada, coisa e tal. Daí, quando chegou um pai, tinha uns cinco, daí chegou um pai na roda de estagiários com a molecada, tal, falou: “Olha, você é segurança aqui? Por que eu acho que estão mexendo no meu carro lá fora.” Para mim, né? Por que ele fez isso? Por que eu não podia ser o estagiário, eu não podia dar aula para o filho dele. Eu tinha que estar lá como segurança. Então, daí ele: “Desculpa, não foi essa a intenção”, né? Daí ele falou assim: “Eu tenho amigo negro, não sei o que...”, né?

Na minha festa de formatura também. O cara chegou, todo mundo chegou, novamente, beca, tal. O cara chegou perguntando se eu era o garçom. Eu era o único negro. (Juca - negro - Brasil)

O fato ocorrido com Juca é muito mais comum do que podemos imaginar. Guiadas pelos estereótipos, as pessoas tendem a relacionar o negro sempre a uma condição subalterna. Fato semelhante aconteceu conosco, no 2º andar do prédio central da ECA. Estávamos entrevistando a estudante negra, Luana, enquanto estava sendo realizada uma palestra no dia, de repente, uma moça chegou perguntando se eu e a estudante poderíamos levar a água e os copos para a palestra. Gentilmente, respondemos que não éramos funcionárias da ECA e sim estudantes. Luana aproveitou “o gancho” do ocorrido e falou:

Olha é incrível, isso sempre acontece aqui. Sempre as pessoas me abordam pensando que sou funcionária e não estudante, o pior é que elas não percebem que isso é preconceito. (Luana - negra - Brasil)

Os estudantes falam de suas experiências no contexto de relações raciais no Brasil. Eles comentam sobre o racismo velado e “naturalizado” no Brasil, onde as pessoas não se dão conta de que estão discriminando.

Acho que aqui no Brasil o racismo é velado, tem uns casos que, se não tiver uma boa percepção, nem se percebe. Ainda ontem eu estava falando com minhas amigas disso. Tem um comercial da Globo, que é exibido quando vai entrar filme. Eles fazem charges, né? Eles vêm... põem primeiro o desenho do índio. O índio pintado de verde e amarelo.... Verde e uma outra cor, eu acredito, de vermelho, tipo no rosto. Aí, depois vem o negro pintado de verde com branco. E por último vem o loiro de olho azul, pintado com a bandeira do Brasil. Como se só ele se fosse brasileiro, como se só aquela imagem fosse de brasileiro, e eu não gos... Nossa! Eu me revolto com aquilo. Aparece assinado embaixo, mas é quase ilegível isso. É, eles acreditam que é supernatural. (Luana - negra - Brasil)

Ao fazermos a seguinte pergunta: “Você acha a sociedade brasileira racista?”, a

estudante Ana responde:

Acho. Tanto é que a população negra, em sua grande maioria, é pobre. E a grande maioria é branca, é rica. Acho que posso falar isso, são dados comprovados, certo? Eu acho que isso é uma prova do ciclo vicioso que as pessoas estão. Por que as pessoas não estão pulando de classe social? Acho que um dos grandes responsáveis é o preconceito, que na hora de você colocar a pessoa ou outra num emprego, você vai considerar isso. Se não tivesse nenhum preconceito racial, nada. Acho que o número de pessoas... Porque isso tem origem na escravidão.

E o mais importante, eu reconheço que eu sou uma pessoa preconceituosa, porque por mais que eu não... que eu tenha uma consciência que isso é errado. Reconheça o preconceito em você, reconheça o preconceito na sua sociedade reconheça o quão ele não faz sentido, para superá-lo. Porque é muito difícil, você... Nos foi ensinado isso. Eu acho que a gente tem, sim, que batalhar para mudar a consciência das pessoas. Mas eu acho que é uma coisa que na hora que for vai representar um passo na evolução humana espiritual, assim. (Ana - branca - Brasil)

O estudante Vinícius comenta :

Você vê, sempre se depara com vários tipos de racismo. Então, acho que é porque vejo. Olha, para falar a verdade... Não tem uma coisa específica. Mas são várias coisinhas, que às vezes acabam até imperceptíveis. Enfim, eu não falo que eu não sou racista, por exemplo, eu não afirmo com a maior certeza do mundo.

Porque eu não sei. Se tiver, sei lá, por exemplo, duas pessoas na rua e eu estiver andando na rua à noite. Se tiver duas pessoas, uma pessoa branca mal vestida e uma pessoa negra mal vestida, eu não sei, sabe? Se eu não vou chegar a atravessar a rua.

Meu pai era sócio de um cara que era um negro, que deu o maior calote, assim. A gente ficou o maior tempo passando, assim, uma época difícil em casa e... eu não sei, eu me esforço bastante para não fazer esse tipo de preconceito... Mas é... enfim, é difícil né? É... uma condição que.... É... Tem uma coisa histórica, né? Então...

É uma coisa histórica, desde, desde... enfim, a escravidão... coisa e tal. Então, eu acho que... sei lá, os negros, quando acabou a escravidão, eles ficaram soltos... Então é difícil... É muito mais fácil você encontrar a galera que é branco, né? Mais assim, bem de vida, nesse sentido, por uma condição histórica mesmo, assim. (Vinícius - branco - Brasil)

Ainda, sobre essa mesma pergunta, Leandro diz:

Eu acho que sim. Eu acho que ela não é só racista, como muito preconceituosa. E eu acho que ela é bem preconceituosa. Não só racista, mas eu diria, preconceituosa em todos os sentidos. Aversa à diferença talvez, sabe? Talvez você tenha um grupo de pessoas descendentes orientais que podem ser preconceituosas quanto ao seu diferente, dentro do próprio meio. É uma coisa que acontece e não é só na sociedade brasileira, porque eu... Por consequência, não deixa de ser um preconceito moldar sua atitude por conta de um fenótipo, por causa da aparência. (Leandro - branco - Brasil)

Os depoimentos dos entrevistados Ana, Vinícius e Leandro, estudantes brancos, no Brasil, reforçam as observações realizadas por Bento (2002) em sua tese de doutorado intitulada “Pactos Narcísicos do Racismo”. Os jovens atribuem a condição social do negro à condição do passado escravo. Há um pacto de silêncio no papel do branco; nessa parte da história, só se focaliza o negro. Tudo é atribuído a um passado escravo, ou seja, é legado inexorável de uma história na qual os brancos parecem ter estado ausentes.

Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social, que observamos tão frequentemente no depoimento dos entrevistados, é uma saída permanente utilizada (...). (Bento, 2002a: 26)

A afirmação de Bento vai ao encontro do que expõe Muniz Sodré ao falar sobre o privilégio da cor branca, numa sociedade racializada.

A cor branca extrai a sua hegemonia do fato de deixar presente na realidade inteira do indivíduo – seja ele rico ou pobre – a possibilidade de exercício de uma dominação, já que as identidades constroem-se no interior de relações de poder assimétricas. Ela tende a esconder, no essencialismo absolutista da pele, a relação histórica de poder – tanto as situações imperiais ou coloniais quanto as

condições sociais para a hegemonia socioeconômica de um grupo determinado, real ou imaginariamente vinculado à civilização européia. (Sodré, 1999: 263)

Percebemos que há um silêncio maior entre os estudantes brasileiros, sobretudo, entre os homens brancos. Em suas narrativas, eles explicam o racismo, falam da exclusão, mas não colocam o branco no cerne do discurso, diferente de Angola, onde os participantes destacam que os mestiços e os brancos, historicamente, são detentores de vantagens em relação aos negros.

Dentre os depoimentos desejamos destacar o de Ana. A estudante não fala apenas que a população negra é pobre, mas verbaliza o que há na contrapartida, a desigualdade social atrelada à cor. Ela responsabiliza o preconceito e, corajosamente, assume-se como reprodutora de preconceitos. Logo, alimenta o que ela chama de círculo vicioso. Já o estudante Vinícius, apesar de admitir que “pode” ser preconceituoso, atribui isso às suas experiências de vida; em outras palavras, não se responsabiliza sozinho por seu preconceito, mas divide tal responsabilidade com as situações vivenciadas por ele.

No vídeo que exibimos aos receptores, selecionamos trechos das três telenovelas com alguns diálogos das personagens brancas, quando essas se colocam como modelo universal de humanidade.

Como já foi exposto, procuramos trabalhar com o conceito de branquidade. Quando o assunto é “relações raciais”, inserir “o branco” nos estudos. Durante a entrevista, através de uma pergunta do roteiro, tentamos detectar essa percepção por parte dos entrevistados em relação à presença e ao papel do branco no “problema” das relações raciais. A pergunta era: “que você entende por ‘relações raciais’?” Primeiro, relações raciais no entendimento dos entrevistados resume-se numa palavra: racismo. E o racismo tem os dois lados, o do

discriminador e o do discriminado. No entanto, com raras exceções, ninguém nomeia o discriminador.

Frankenberg, uma das pioneiras do estudo sobre branquidade, afirma que, durante muito tempo, os estudiosos do tema se referiam à branquidade como uma categoria não-marcada. A autora questiona a concepção de “não-marcada” para quem? Apesar de admitir que ela mesma trabalhou com essa idéia durante muito tempo, ela destaca que: “a idéia de que a branquidade possa ser invisível afigura-se extremamente bizarra. Mais chocante do que o reconhecimento da existência da branquidade é a idéia de que em algum momento ela não é vista”. (Frankenberg, 2004: 313)

A afirmação de Frankenberg, citada no parágrafo acima, remete-nos ao depoimento da jovem negra, no Brasil, Luana, quando fizemos a seguinte pergunta: “Você acha a sociedade brasileira racista?”.

Acho. É que é estranho, assim. Mas, não é... É um racismo que já vai... É explícito neles. Às vezes, eles nem vêm que tratam a gente com racismo. Outro dia, foi num passeio ou então, às vezes, eu passo pelo shopping... Às vezes, eu vejo meninos, vai, pessoas. E é como se essas pessoas não enxergassem. Outro dia eu fui ao shopping com a Bianca, parece que quando a gente entra numa loja, quando é visto, é tipo, “Toma cuidado com essa dali”, “Vai passar por onde elas estão passando...”

Olha, a minha amiga falou que era exagero meu. Mas não, porque a gente estava andando com uma loira alta e um branquinho. Normal, por todo o shopping. E a única vez que a gente deixou eles de lado... E a única vez que a gente deixou eles de lado e entrou num estabelecimento só as duas, apitaram na hora que a gente entrou. Toda hora vinha voz. A gente ia para o corredor, vai... Não estava nem tão perto do corredor de literatura... “Vendedora do corredor de literatura, dirija-se próximo do local” Ou então “Compareça em tal lugar” E aí a gente andava pelos cantos e eu ficava pensando “Gente, como eu vou sair daqui? Será que eles vão parar a gente na hora de sair? Por que isso? Tudo isso é muito desagradável”. (Luana - negra - Brasil)

A crítica de Frankenberg (2004) em relação à invisibilidade da branquidade tem relação com o discurso de Luana, citado acima. A estudante fala de uma suposta falta de consciência de quem discrimina. Realmente, estamos num momento que entendemos que há uma naturalização dos estereótipos negativos em relação ao negro, no entanto, essa falta de consciência, em alguns segmentos da sociedade, chega a ser bem questionável, principalmente quando se trata de pessoas que têm acesso à informação. Não haverá por trás desse discurso, dessa inconsciência, interesses em garantir a permanência de um modelo estrutural de sociedade que beneficia um grupo, garantindo-lhes privilégios simbólicos em relação aos demais? A nossa indagação encontra respaldo, ou talvez sinais de resposta, na afirmação de Bento:

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como um grupo de referência da condição humana. Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco. (Bento, 2002: 30)

O problema da homogeneização de um modelo é que, enquanto o grupo que é considerado modelo ganha força e fortalece a sua identidade, os demais que não se incluem nesse grupo, são excluídos e estereotipados. Infelizmente, de tempos em tempos, aparece algum cientista difundido suas idéias racistas em nome da ciência. Quando isso acontece, a comunidade científica logo se manifesta exigindo explicações. Como exemplo, podemos citar o polêmico livro *Bell Curve*, publicado em 1994, nos Estados Unidos, pelos professores norte-americanos Charles Murray e Richard Herrnstein. A obra provocou uma polêmica mundial, pois os autores postulam a inferioridade do negro em relação ao branco, alegando em defesa dessa tese a realização de um teste de QI (Quociente de Inteligência), cujos resultados, segundo eles, evidenciam que os afro-americanos são menos inteligentes que os descendentes de europeus.

Apesar de serem acusados de racistas e nazistas, os autores de *Bell Curve* justificaram-se fazendo uso da ciência para defender e reforçar o racismo.

Em outubro de 2007, acompanhamos atônitos a mais um triste episódio. O protagonista foi o cientista britânico Dr. James Watson. No semanário *The Sunday Times*, de Londres, foi publicado um artigo segundo o qual Watson teria, diante de uma entrevistadora, tecido considerações sobre o “futuro sombrio de África”. Segundo ele, os Africanos, por motivos genéticos, são menos inteligentes do que os europeus, portanto, precisam de políticas diferentes em relação ao restante do mundo.

Estamos no século XXI e esperávamos que, sinceramente, à luz da ciência, nessa discussão sobre raças, uma vez que biologicamente a noção de raça inexistente, declarações como essas fossem rebatidas e descartadas, pois foram baseadas apenas em experiências pessoais impregnadas por idéias racistas. No entanto, para nossa surpresa, testemunhamos que afirmações como essas surtem efeitos negativos, ao ponto de pessoas, supostamente instruídas, acreditarem e divulgarem idéias desses tipos como “verdades”. Fatos como esses legitimam a nossa preocupação em abordar esse assunto a partir de bases sólidas científicas. Infelizmente, pior do que apresentar uma idéia dessa ao mundo, é o fato de pessoas apoderarem-se dessa “desinformação”, propositadamente ou não, para divulgar doutrinas racistas.

4.10. O diálogo com os autores

Durante o processo de produção de uma obra ficcional, há elementos que não podemos deixar de contemplar, pois, sem dúvida nenhuma, influenciam na forma do produto final. Vamos nos remeter à análise de Pallottini (1998). A idéia, que inicialmente está apenas no imaginário do autor, é registrada num

computador, é impressa num papel e, finalmente, chega ao diretor e ao ator. Este, em sua interpretação, vai interagir com câmeras, roupas, cenários, sons e diretores. Só depois de passar por todas essas esferas é que, finalmente, o resultado chega ao receptor.

Ao analisarmos uma obra de ficção partimos da premissa de que a representação difere da realidade. O ato de representar não é o real, não é o todo, é um processo que inclui e exclui, a neutralidade nessa seleção acreditamos ser apenas uma pretensão, pois, ao escrever um texto, o autor, de algum modo, expressa as suas idéias e opiniões.

Ao organizar os elementos ficcionais, o autor está comunicando ao público seu ponto de vista sobre determinados temas, além de simplesmente contar uma história. Mesmo no caso que não transpareça uma tese evidente – e esses casos talvez seja a maioria – o autor, de qualquer forma, se coloca, diz qual é a sua visão a respeito do problema enfocado. (Pallottini, 1998: 177)

Com base nos estudos realizados sobre telenovela, podemos constatar a importância de entendermos o que antecede o momento da recepção, ou seja, o processo que vai desde a criação do produto até o momento da recepção. “Investigar a telenovela exige pensar tanto o espaço da produção como o tempo do consumo, ambos articulados pela cotidianidade (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos (gêneros) do meio televisão”. (Lopes, 1999:20)

Há sempre um longo caminho entre a proposta do autor e a recepção propriamente dita. No percurso há mediações que podem influenciar a leitura do público. Podemos considerar que cada telespectador é único, o que resulta em diferentes modos de ler uma mesma mensagem. Há fatores que influenciam a leitura do receptor, como a visão cultural, a percepção histórica e a história

pessoal de cada um, o que, conseqüentemente vai propiciar diferentes experiências.

Desde do início da pesquisa tínhamos como objetivo entrevistar os quatro autores das telenovelas estudadas. João Emanuel Carneiro, autor da telenovela “Da Cor do Pecado”; Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, de “A Lua me Disse” e Manoel Carlos, escritor de Páginas da Vida”. O roteiro das perguntas das entrevistas aos autores foi enviado para a Rede Globo de Televisão em 09/11/2007. Aguardamos as respostas dos autores até o dia 31/03/2008, as repostas dos autores das novelas, mas, o único que gentilmente nos respondeu foi Manoel Carlos.

A primeira questão dirigida ao autor dizia respeito ao motivo da inserção do tema racial na telenovela. O autor Manoel Carlos afirma que sempre teve uma preocupação em discutir o tema uma vez, que se criou a “lenda” de que no Brasil não existe preconceito racial.

Como todas as lendas, esta é também fantasiosa. Em "História de Amor" um dos personagens afirmava: "No nosso país não existe preconceito racial. Tanto isso é verdade, que toda empregada de casa de branco, é negra. Ela mexe na roupa, na comida dos patrões, convive com eles e... eles encaram isso com naturalidade.

O autor ressalta a importância da telenovela abordar problemas como esses, que fazem parte da nossa sociedade.

Aplaudir o certo e denunciar e condenar o errado. Novela não pode ser apenas entretenimento, como querem alguns. Então, eu me presto a vender liquidificador, carro, roupa, bancos, produtos de beleza, e não me disponho a "vender" boas causas? Audiência fantástica tem o dever de brigar por transformações da realidade social brasileira, quando isso for necessário?

Uma outra indagação levada a Manoel Carlos foi o motivo pelo qual ele

escolheu uma criança para protagonizar situações de conflitos raciais. O autor destaca que o objetivo maior foi impactar, a atenção desprendida às cenas pelo público não seria a mesma se a personagem racista fosse um adulto. “Transformá-la, enfim, num instrumento de ódio, em porta-voz da intolerância. Adultos preconceituosos escandalizam menos, já que o público está mais familiarizado com eles”.

O autor de *Páginas da Vida* comenta a relação do autor com a criação, e as influências sofridas por ele no processo de criação.

O autor é totalmente livre para criar e conduzir sua história. Os critérios são dele, sem interferência de nada e de ninguém. Eu ia criando as situações de acordo com o resultado que eu via no ar e nas ruas, de pessoas que falavam comigo. Não faço nada panfletário e nem didático, pois isso afasta muitas pessoas, que acham maçante esses discursos. Soam pretensiosos.

Bem, a ficção é um espelho da realidade. E vice-versa também, algumas vezes. Na medida do possível, extraio do real o que coloco na ficção. Os acontecimentos na novela, relacionados ao tema em questão, foram criados por mim, lastreados no que vi, ouvi ou soube por terceiros.

Existe um longo percurso entre a intenção do autor e o que, de fato, o telespectador apreende. “As mediações acabam por definir o que vai acontecer” (Couceiro de Lima, 1998:98). Conforme Pallottini (1998), existe uma relação entre o autor e o computador: os personagens nascem no papel, passam pelo ator, pelo diretor, pela produção, pela emissora e pelo telespectador, enfim, “toda coletividade que responde pela feitura de uma telenovela” (Couceiro de Lima, 1998:100). Tudo isso faz parte do processo da telenovela e antecede o momento da recepção.

5. Considerações Finais

Entender a leitura e a reapropriação da representação das relações raciais nas telenovelas, a partir dos receptores no Brasil e Angola é o tema desta pesquisa. Como foi exposto no início deste trabalho, não temos conclusões “fechadas”, temos algumas considerações a apresentar referentes ao resultado deste estudo.

Desejamos ressaltar que as pesquisas na área da Comunicação propiciam a possibilidade de trabalharmos com a interdisciplinaridade, portanto, recorreremos à História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e a outras áreas do saber, para entendermos o problema aqui proposto e construirmos, gradativamente, esta pesquisa.

Entendemos que reapropriação das mensagens, advindas da ficção, pelos receptores é fato consolidado. A presença da cultura brasileira em Angola está por todos os lados, no entanto, a realidade social, política e econômica de lá difere da realidade brasileira na qual a telenovela é produzida. São realidades diferentes, conforme pontuamos no decorrer desta tese, por meio das nossas análises e dos depoimentos dos entrevistados.

A princípio, quando chegamos a Angola, sentimo-nos confortáveis, não nos sentimos sós, a nossa música estava lá, a programação televisiva, a moda, enfim, o Brasil. Foi uma grande experiência estar num local onde não conhecíamos nada nem ninguém e, de repente, percebemos que conheciam tanto da cultura do nosso país. No entanto, tanta “familiaridade” com o Brasil chegou a nos incomodar, porque, por vários momentos, sentimos falta da cultura e dos costumes do “outro” que fomos buscar. Mais tarde, com o andamento da pesquisa, percebemos que esse sentimento era compartilhado também por vários

angolanos entrevistados. Com o passar dos dias, começamos a questionar “até onde a presença brasileira é positiva naquele país?”. O “outro” que fomos conhecer, de imediato, não encontramos e precisamos de um certo tempo para entender o que de fato estávamos presenciando ali. Em Luanda, há uma predominância da cultura brasileira. Depois de um tempo, fomos encontrando aquilo que tínhamos ido buscar, a cultura alheia, a música angolana, as línguas locais, enfim, o povo angolano.

Entendemos ter encontrado “parte” das respostas que procuramos nas falas dos entrevistados, sobretudo, nas “vozes” dos professores de Cabinda, quando afirmam que não há troca e apenas um movimento unilateral do Brasil para Angola. Concordamos com o professor Carlos, quando ele afirma, assim como os demais professores com os quais conversamos, que há um sufocamento da própria cultura e uma perda gradativa, por muitos, de suas identidades, já que esquecem de sua própria cultura apegando-se a uma cultura estrangeira. Contudo, ressaltamos que sempre há ganhos no contato com “o diferente”, até porque a relação com o outro propicia o contato e/ou conflitos entre as diferentes identidades.

Foi possível perceber que houve um envolvimento muito maior por parte dos entrevistados angolanos com o tema pesquisado do que pelos participantes brasileiros. Em Angola, eles demonstraram um maior interesse pela pesquisa. Entendemos que aí trata-se de uma questão de identificação e identidade com as situações que estavam sendo expostas ali por meio da ficção. Numa conversa com a turma de Relações Públicas, apenas para apresentar o trabalho, percebemos por parte de alguns alunos, o desinteresse pelo assunto pesquisado, isso ficou explícito no discurso desses alunos, durante a apresentação à sala sobre o que seria a pesquisa.

É importante destacar que houve um avanço nas discussões sobre “as relações raciais no Brasil”, no entanto, a maior parte dos debates sobre racismo e relações raciais ainda enfoca apenas o negro. Discutir relações raciais exige uma reflexão sobre o papel que o branco ocupa no cerne das relações raciais, retornando a um questionamento que expusemos no início deste trabalho: “de fato, o que significa ser branco e ser negro na nossa sociedade?”.

Ser branco independente da classe social, já traz uma gama de privilégios simbólicos em relação a um grupo, que, historicamente é estigmatizado de forma negativa, os negros. Apropriando-nos da definição de estigma de Goffman, quando o autor afirma que o estigma é uma marca negativa, “ousaríamos” dizer que, ao transpormos essa “marca” para o significado do “ser branco” na nossa sociedade, poderíamos dizer que há aí uma “marca de poder”, em detrimento dos considerados não-brancos.

Os estudos sob o enfoque da branquidade procuram responder algumas indagações como: “Por que questionar um grupo que historicamente e culturalmente foi estabelecido como o normal?”, “Como questionar o modelo através do qual julgamos todos os “outros?””. O belo/o feio, o bom/o ruim, o inteligente/o preguiçoso, aquele que nasceu para mandar/aquele que nasceu para obedecer. “A palavra é sempre uma operação de pensamento, no sentido da experiência que o sujeito faz das significações das palavras, tanto sob a forma de conceitos como sob a forma de representações”. (Schaff, 1976: 248)

Ao analisarmos os diálogos das personagens nas telenovelas estudadas e os discursos dos entrevistados nos deparamos com a importância da linguagem na construção do discurso, pois, as palavras não surgem do nada, por trás delas existe um valor ideológico.

Devemos observar que, tal como a palavra “raça” e a expressão “termos raciais” (branquidade, negritude e assim por diante), as palavras “cultura”, “nação” e “povo(s)” continuam a ser organizadas por sistemas classificatórios hierárquicos que remontam aos primórdios do projeto colonial da Europa ocidental. No contexto colonial, a denominação das “culturas” e “povos” esteve muito ligada à prática de denominar e marcar uma porção de “Outros” como seres inferiores aos Eus “nacionais” que procuravam dominá-los. Além disso, esses Outros foram denominados em termos que justificavam, pelo menos na cabeça das nações saqueadoras a legitimidade da colonização. (...)

(...) A branquidade ou as pessoas brancas, sugiro, denominaram-se ao longo da história principalmente para dizer “não sou Aquele Outro”. (Frankenberg, 2004: 310 - 311)

Nesse contexto cabe destacar as observações de Schaff:

(...) a linguagem é a mediadora entre o que é social, dado, e o que é individual, criador, no pensamento individual. Na realidade, a sua mediação exerce-se nos dois sentidos: não só transmite aos indivíduos a experiência e o saber das gerações passadas, mas também se apropria dos novos resultados do pensamento individual, a fim de os transmitir – sob a forma de produto social – às gerações futuras. (Schaff, 1976: 251)

Há sempre a circulação dos sentidos nas mensagens veiculadas pelas mídias. Não existe comunicação desprovida de objetivos, portanto, pensar a comunicação como um processo linear parece-nos um tanto quanto ingênuo. Partimos do princípio de que o processo de construção de sentidos é revestido por um jogo imprevisível e instável em que entram em cena disputas, possibilidades, combinações, exclusões. O sujeito não é o senhor absoluto do seu discurso, ao contrário, ele se constrói no discurso.

O discurso caracteriza-se, assim, como sendo produzido pela articulação língua/fala em sua relação com o inconsciente, a língua considerada enquanto sistema e a fala enquanto processo, dois termos interdependentes que o discurso articula. Considerando-se os dois eixos da linguagem, tem-se que o discurso não é, de forma alguma, linear. É, sim, complexo: cada vez que alguém fala alguma coisa, todo esse processo da língua se coloca em movimento. O discurso seria o ato mesmo pelo qual a

língua revive na fala de cada um. (Soares, 1997: 66)

Segundo Orlandi, os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas.

Segundo a autora:

São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz (...). Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (Orlandi, 2005: 30)

Diante dos resultados do trabalho, confirma-se a tese de que não há telespectador passivo. Sempre, de maneira positiva ou não, haverá a circulação dos sentidos no momento da recepção. O receptor atento e consciente “é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados, de maneira negociada que começam a ter uma leitura contestatória. Aqui se trava a ‘política da significação’ – a luta no discurso”. (Hall, 2003: 402)

Ao procurarmos respostas para o questionamento feito no início desta pesquisa: “Qual a leitura dos entrevistados brasileiros e angolanos sobre a representação das relações raciais nas telenovelas estudadas?”, podemos afirmar que os receptores estabelecem a relação entre a ficção (telenovela) e a realidade (o cotidiano) e que dão novos sentidos às mensagens veiculadas pela telenovela, sobretudo, quando analisamos uma realidade diferente, distante de muitos dos valores dos “produtores” de ficção.

Sobre as representações das relações raciais na ficção, desejamos comentar que, atualmente, estamos assistindo à abordagem do tema na telenovela “Duas Caras”. Há alguns dias, os telespectadores, nos capítulos que foram ao ar nos dias 18 e 19/01/2008, puderam acompanhar na ficção um aluno negro, mau caráter, que, na tentativa de prejudicar o reitor da universidade, simulou um

crime de racismo, que, na verdade, não aconteceu. O aluno rebelde, Rudolf (Diogo Almeida), que estava de conluio com professores rivais do reitor Macieira (José Wilker), preparou uma cilada para acusá-lo de racista. O estudante se matriculou em um curso de verão ministrado pelo reitor e, de propósito, não apareceu em nenhuma das aulas; o professor ao perceber as ausências do estudante, sem saber quem era o jovem, disse que se tratava de um zumbi. Bastou isso para o aluno denunciá-lo de maneira injusta.

A leitura realizada a partir das observações das cenas demonstram a intenção do autor em mostrar que pode ocorrer controvérsias, enganos e abusos nas denúncias de racismo. De fato, isso pode acontecer, mas em um país racista como o nosso, que insiste em se apegar ao “mito da democracia racial”, se a idéia foi essa e é isso que nos parece pode ser utilizada como reforço¹¹ nos discursos daqueles que se “assustam” com o movimento de “negritude”, como ironizam alguns, com certas frases: “não se pode mais chamar negro de negro”; “não se pode gostar mais de leite do que de café, senão você pode ser acusado de racista”; ou ainda: “não posso andar com a camiseta 100% branco porque é racismo; enquanto o negro, quando anda com a camiseta 100% negro, é reafirmação de sua identidade”. Enfim, essas manifestações e falas, tão comuns no cotidiano, desqualificam e minimizam as situações vivenciadas pelas vítimas do racismo na vida real. É o discurso baseado no senso comum, que desconsidera e desconhece completamente o que, de fato, foi e é o movimento de negritude, que abordamos no início desta tese. Sob um outro olhar, entendemos que há uma tentativa de distorção das situações reais e históricas; e uma preocupação por parte dos defensores desses discursos, ainda que de forma implícita e inconsciente, em garantir suas vantagens e seus privilégios históricos.

¹¹ Aqui entra em pauta uma discussão antiga, a abordagem desses temas na teledramaturgia serve como reforço ou denúncia de uma situação discriminatória existente? A denúncia ou reforço depende do “modo de ler” de cada telespectador, isso é determinado por uma série de fatores culturais, históricos e pessoais que influenciam a leitura de mundo do indivíduo.

Na telenovela “Duas Caras temos visto negros e brancos se beijando, embora ainda haja resistências e comentários preconceituosos por parte dos telespectadores racistas. Essa abordagem em “Duas Caras” lembra outra telenovela, “Corpo a Corpo”, de Gilberto Braga, exibida pela Rede Globo em 1984. O casal formado pelas personagens Sônia (Zezé Motta) e Cláudio (Marcos Paulo) provocou uma grande recusa por parte dos telespectadores. No documentário “A negação do Brasil”, de Joel Zito Araújo, a atriz Zezé Motta fala que foi vítima, durante a exibição da trama, de agressões verbais pelo fato de ser negra e formar par romântico com um homem branco, considerado galã da época. Segundo a atriz, alguns telespectadores “enfurecidos” chegavam a deixar recados na secretária eletrônica de seu parceiro de cena, questionando-o como ele poderia beijar uma negra. A questão dos casais inter-raciais na ficção e, por consequência, os beijos entre negros e brancos na televisão foi abordada por Couceiro de Lima, em artigo recente:

Talvez como herança do “preconceito de ter preconceito” de que o brasileiro é portador, estudiosos da questão racial, freqüentemente, iniciam artigos ou palestras procurando provar e convencer o leitor ou o ouvinte de que o preconceito existe, e que, no Brasil, praticamos um racismo que, por ser velado, é qualificado de “à brasileira”. A mídia, enquanto produtora de sentidos e discursos sobre diversos temas de uma sociedade, é, também, veículo que retrata e refrata essa sociedade. Discursos e representações são veiculados, interpretados pelo público e devolvidos para circulação social.

(...). A mídia reflete esse racismo à brasileira da sociedade, que é ambíguo e permite a muitas pessoas não o reconhecerem, e faz com que profissionais da mídia digam que os negros são invisíveis na publicidade, por exemplo, ou representados na televisão do modo aqui descrito, porque assim é a realidade. Obras de televisão e peças publicitárias não são, porém, documentos fiéis da realidade, nem se propõem a ser! Assim, o racismo não é admitido nem por quem constrói essas imagens e nem por uma grande parcela de seus consumidores.

(...). No final dos anos 90, Oda Gonçalves, esposa do ator de teatro, cinema e televisão, Milton Gonçalves, escreveu na revista Veja artigo intitulado “Gostaria de

ver meu marido beijando a Maitê Proença”, como um lindo protesto pela ausência de relações românticas e beijos entre negros e brancas. Na telenovela que iniciou dia 1 de outubro último, Antonio Fagundes beija a atriz negra Adriana Alves, a Morena, linda e sensual, e que satisfaz desejos do personagem. Lázaro Ramos, negro, pobre e favelado, vai para a cama e beija Marília Gabriela, que não quer ver esse romance revelado. Como você vê, Oda, o beijo aconteceu, embora não com o Milton, mas não foi ainda o avanço que você desejava. (Couceiro de Lima, 2007: 4)

Para finalizar, desejamos ressaltar que esta pesquisa foi um grande desafio. Durante todo o percurso, desde a elaboração do projeto, em 2003, passando pela coleta de dados até a redação final, em 2008, cuidamos para que “a pesquisadora” pudesse prevalecer em detrimento da mulher negra. Contudo, entendemos que essa construção teve momentos de muita emoção (por chegarmos ao fim), choro (encontros e desencontros com a nossa própria história, nossa identidade, através das narrativas alheias aqui apresentadas), risos (alegria pelas descobertas que a pesquisa nos propicia) e euforia (a ansiedade para que o projeto se tornasse uma pesquisa e o sonho se tornasse realidade).

É assim que encerramos apenas essa etapa, a pesquisa. Sabemos que há poucos estudos sobre as relações raciais nos meios de comunicação e na telenovela brasileira, portanto as possibilidades de diferentes olhares sobre o tema estão longe de ser esgotados. Este estudo apenas sugere “pistas” de possíveis caminhos que poderão ser trilhados por novos pesquisadores que, a partir deste levantamento de dados, poderão realizar novos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira*. Tese de Doutorado na Escola de Comunicações e Artes: Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999
- AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor, um estudo de ascensão social*. São Paulo, Cia. Editora Nacional. Nova edição: Salvador, Edufba, 1996, [1955].
- BACCEGA, Maria A. *Mayombe: ficção e história (uma leitura em movimento)*. Tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan., (Orgs.) - Brancos e negros em São Paulo: *Ensaio sociológico sobre os aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana* - Cia. Ed. Nacional, São Paulo, (3º, ed.), 1971
- BARBOSA, Luciene Cecilia. *Louca Paixão: questões raciais na telenovela sob o olhar do receptor*. Dissertação de Mestrado na Escola de Comunicações e Artes; Universidade de São Paulo, 2002.
- BENTO, Maria A. S. *Pactos narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder*. Tese de Doutorado no Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo, 2002a
- _____. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas. Trajectórias da contestação Angolana*. Vega Editora, 1ª ed. 1999.

- BONIN, Jiani. *Identidade étnica, cotidiano rural e telenovela*. Tese de Doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2001.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *A opinião e o estereótipo*. Revista Contexto, 1997.
- BORGES PEREIRA, J. B., *cor profissão e mobilidade. O negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo, EDUSP e Pioneira, 1967.
- BORGES PEREIRA, J.B. IN D'INCAO, Maria A. *O Saber Militante Ensaio sobre Florestan Fernandes*. São Paulo, Editora UNESP, 1987.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- CARNEIRO, João A. *Introdução à Angola*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1975.
- CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 3ª. ed. 2000.
- _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

- CAVALLEIRO, Eliane dos S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2002.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. São Paulo, SP: Ática, 1985.
- COELHO, Sebastião. *Angola: História e estórias da informação*. Executive Center: Luanda, 1999.
- COSTA PINTO, Luis. *O negro no Rio de Janeiro, relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. (nova edição UFRJ, 1998, [1953])
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. Tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1971.
- COUCEIRO DE LIMA, Solange M. & BACCEGA, Maria. A manipulação e construção da identidade da África Negra na imprensa brasileira. *Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*, São Paulo, v. 1, n. 16-17, p. 157-164, 1994.
- _____. Os estudos do negro no Brasil: um esboço histórico. *Intercom 95*, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1995
- _____. Reflexos do “racismo à brasileira” na mídia. *Revista USP*, São Paulo, n.32, dez/jan - 1996/1997.
- _____. A identidade da personagem negra na telenovela brasileira. Relatório Científico apresentado à FAPESP - Dezembro, 1998.
- _____. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. *Revista USP*, São Paulo: n. 48, dez/jan/fev – 2000/2001.
- _____. até canibal vira vegetariano. *Revista USP*, São Paulo: n. 69, março/abril/maio - 2006.

- _____. Eu vi o Lázaro Ramos beijar a Marília Gabriela. Revista Sesc, 2007.
- COURI, Norma. *Novelas made in Brazil*. UPDATE Revista da Câmara de Comércio de São Paulo. São Paulo: 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil, Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FRANKENBERG, Ruth. *The construtction of white womem a and race matter*. Minneapolis University of Minnesota Press, 1995.
- _____. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: Ware Vron (organizadora): *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre desenraizamento social*. Dissertação de Mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed. 1978.
- GONÇALO Jr, Silva. *País da TV: a história da televisão contada por Gonçalo Silva Junior*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2001.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Raça, Racismo e Grupos de Cor no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos (27), 1995.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 6ª ed. 2001.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. In SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: UFMG/Unesco, 2003.
- HASENBALG, Carlos A., *Discriminação e desigualdades sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

- _____. “Raça e mobilidade Social”, in C. Hasenbalgg & N.D.V. Silva. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro, Iuperj/Vértice, 1988 [1985]
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004, [1970]
- JODELET, Denise. Representações Sociais: Um Domínio em Expansão. In JODELET, Denise (org). In *As representações Sociais*. Tradução, Lílian Ulup. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LARKIN NASCIMENTO. O sortilégio da Cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil. Selo Negro, 2003.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas-SP, Unicamp, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2005. [1989]
- LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, CH. São Paulo, Cultrix, 1972.
- LOPES, Maria Immacolata. V. *Pesquisa em Comunicação: Formulação de um Modelo Metodológico*. São Paulo, SP: Loyola, 1997.
- _____. *A recepção da telenovela Brasileira, Uma exploração Metodológica*. São Paulo, 1999.
- _____. Televisões, nações e narrações – Para uma revisão das identidade culturais em tempos de globalização. Dossiê Televisão. Revista USP, 61. Março/abril/maio 2004a.
- _____. *Telenovela, internacionalização e interculturalidade*. Edições Loyola. São Paulo, 2004b.
- _____. *Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela*. In: LOPES, Maria Immacolata, Telenovela, Internacionalização e Interculturalidade, Loyola, São Paulo, 2004.

- MARQUES, Jane A. *Vozes da Cidade – o sentido da telenovela na metrópole paulistana*. Tese de Doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. & MUÑOZ, Sonia (coord.). *Television y Melodrama: género y lectura de la telenovela en Colombia*. Bogota: Tercer Mundo. Editores, 1992.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação e cultura e hegemonia*. RJ, Ed. UFRJ, 1997.
- _____. *Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela*. In: LOPES, Maria Immacolata, *Telenovela, Internacionalização e Interculturalidade*, Loyola, São Paulo, 2004.
- MENDES, Míriam G. *A Personagem negra no teatro brasileiro*. São Paulo, Ática, 1983a
- _____. *O Negro e o Teatro Brasileiro entre 1889- 1992*. São Paulo, ECA USP, Tese Mimeo, 1983b.
- MOSCOVICI, S. L' attitude: théories et recherches autour d'un concept et d'un phénomène. Bulletin du CERP, n. 11, 1961.
- MOTTER, Maria. L. *Telenovela: arte do cotidiano*. Comunicação e Educação. São Paulo, SP: CCA-ECA-USP, n.13, set/dez.1998.
- _____. *Ficção e realidade: A construção do cotidiano na telenovela*.,. Tese (Livre Docência Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Arte - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.
- _____. *Ficção e Realidade - Telenovela: um fazer brasileiro*. Ética & Comunicação - FIAM, São Paulo, n.2, ago/dez. 2000.
- _____. *Ficção e história: Imprensa e construção da realidade*. São Paulo: Arte e Ciência - Villipress, 2001.
- MOURA, Clóvis. *O Preconceito de cor na Literatura de Cordel*. São Paulo. Resenha Universitária, 1976.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. Tese de Livre-Docência em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo (mimeo), 1997.
- _____. *Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade Etnia*. 2004.
- NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca. As relações raciais em Itapetininga*, São Paulo, Edusp, 1998, [1955]
- NOVAES, Adauto. O olhar melancólico. In Org. NOVAES, Adauto. *Rede imaginária TV e democracia*. Companhia das Letras, 1991.
- OLIVEIRA, Eliana de. *Relações raciais nas creches diretas do Município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado – Pontifica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1994.
- _____. *Mulher Negra – Professora Universitária; Trajetória, Conflitos e Identidade*. Tese de Doutora na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso. princípios e procedimentos*. Campinas, SP. Pontes, 2005.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.
- PENTEADO, Heloísa D. *A Televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes*. São Paulo: Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1979.
- PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 2002.

- QUEIRÓZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira*. São Paulo, Ática, 1975.
- QUEIROZ, Maria I., *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU – FFLCH/USP, 1983.
- RAMOS, Arthur G. Patologia social do branco brasileiro; o negro dentro; política de relações de raça no Brasil In *Introdução crítica à Sociologia brasileira*, Rio de Janeiro, Andes, 1957.
- REX, John. *Raça e Etnia*. Lisboa. Ed. Estampa, 1988.
- RODRIGUES, João Carlos. *O Negro Brasileiro e o Cinema*. Rio de Janeiro: Globo: Fundação do Cinema Brasileira - MINC, 1988.
- SANTOS, Antonia de L. *Angolanos em São Paulo: socialização, rede familiar e suas histórias de vida e de luta*. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SANTOS, Roberto E. As teorias da comunicação da fala à internet. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SANTOS, Gislene A. *A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- SERRANO, Carlos. *O processo da constituição dos estados nacionais em África*. CEA/USP, 1991.
- _____. Serrano, Carlos. *Memória D’Africa: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SCHAFF, A.. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1976.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- SOARES, Rosana. *Imagens veladas, imagens re-veladas; narrativas de Aids nos escritos do jornal Folha de São Paulo*. Tese de doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1997.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros. identidade, povo e mídia no Brasil*. Editora Vozes. Petrópolis, 1999.
- SOUSA, Mauro W. Recepção televisiva: mediações contextuais. Revista USP, São Paulo: n. 61, março/abril/maio – 2004.
- SOVIK, LIV. Branquitude e o estudo da mídia brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos. Texto apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação. Salvador – Bahia, 2002.
- _____. Aqui ninguém é branco: Hegemonia branca e media no Brasil. In: Ware Vron (organizadora): *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma nova teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998

Sites

- <http://www.angola-portal.ao/PortaldoSistema/>
- <http://www.angolapress-angop.ao/>
- <http://www.consuladodeangola.org/>
- <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/brasilpnad2006.pdf>
- <http://paginasdavidaglobo.com/Novela/Paginasdavidaglobo/>
- <http://redeglobo.globo.com/Novela/Alua/>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ALLEN, T. W. *The Invention of the White Race*. IN: Racial Oppression and Social Control. NovaYork: Verso, 1994.
- BARROS, Sônia M. *Imitação da Vida: Pesquisa Exploratória Sobre a Telenovela no Brasil*. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1974.
- BENTO, Maria Aparecida. Institucionalização da Luta anti-racismo e branquidade. In Rosana Heringer (ed.), *A Cor da desigualdade: desigualdades raciais no mercado de trabalho e ação afirmativa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ufrj, 1999.
- BOURDIER, Pierre. O Campo científico. In Pierre Bourdier. São Paulo: Ática, 1983.
- COHEN, W. *Français et africain*. Paris: Gallimard, 1980.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JACKS, Nilda. *A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade gaúcha como mediação simbólica*. São Paulo: Tese de Doutorado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1993.
- KEHL, Maria Rita. “As máquinas falantes”. In Novaes, Adauto (org.). *O homem-máquina. A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KRISTEVA, Julia. *A História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1980.

- MARTÍN-BARBERO, J. & MUÑOZ, Sonia (coord.). *Television y Melodrama: género y lectura de la telenovela en Colombia*. Bogota: Tercer Mundo. Editores, 1992
- MATTELART, Michele & Armand. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MELLO, Marina P.. Não somos africanos... somos brasileiros": povo negro, imigrantismo e identidade paulistana. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- MORAGAS, Miguel. Ubicación Epistemológico e Ideológica de la Comunicación de Masas. In: FERNANDES, F., Comunicación y Teoría Social. México: UNAM, 1984.
- MOURÃO, Fernando A. B. *Cotinuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. Tese (Livre Docência) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.
- NUTTALL, Sarah. *Subjetividades da branquidade*. In: Ware Vron (organizadora): *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- OROZCO GOMES, G. *Recepción Televisiva: Trew aproximaciones y una razón para su estudio*. Mexico: Universidad Iberoamericana, 1991.
- ORTIZ, Renato, BORELLI, Sílvia Helena Simões, RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela, história e produção*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2ª. ed. 1991.
- PIZA, Edith. *Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu*". In Antonio Sérgio Guimarães and n Huntley (orgs.) São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYABAUT, Paul. *Histórias de Vida – Teoria e Prática*. Celta Editora, 1995.

SOUZA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

WARE, Vron e Back, Lês. *Out of Whiteness: color, politics and culture*. Chicago: University Of Chicago Press, 2002.

ANEXOS

Histórias de Vida - Entrevistados em Luanda

Meu nome é Luzia. É assim, a minha mãe disse que teve problemas com meu parto. Eu posso começar por aí. Teve problemas com meu parto. Ela tinha dificuldades em dar à luz, então teve... Tiveram que tirar o bebê dela, né? Usando os ferros e coisas assim. O meu pai foi pra fora, ele estudava. Foi para fora estudar... Foi pra Rússia. Ele é do Cuanza Norte.

Eu sou de Luanda. A minha mãe também é de Luanda. Eu sou a segunda filha deles dois. Então eles se separaram, o meu pai viajou e minha mãe continuou aqui. Ela começou a dar aulas pouco depois de ter me dado à luz. Quando eles se separaram, ela começou a dar aulas. Ela vivia na casa dos pais dela. Então, como o meu pai viajou pra fora, eles não tiveram tempo de me registrar os dois juntos, então eu só levo o nome de minha mãe, não do meu pai. Daí, eu entrei pra escola, fiz a primária e depois o meu pai voltou. Quando o meu pai voltou... E nós tivemos assim, relação... ele me procurava. Quando ele estava cá, ele me procurava...

Mais tarde, quando já estava assim no segundo nível, o meu pai viajou outra vez, para acabar os estudos dele e eu continuava sempre a viver com a minha mãe os meus tios e a minha avó. Eu tinha um irmão, também filho do meu pai e da minha mãe. Então, eu já estava a estudar, mas o meu pai queria que eu fosse registrada com o nome dele. Acho que não dava muito jeito, porque eu já tinha começado a estudar e todos meus documentos já tinham só nome da minha mãe. Então o tempo foi passando, e coisa assim e eu continuei a estudar. Graças a Deus, eu sempre tive, assim, o carinho dos meus tios, da minha mãe da minha avó, principalmente. E quase que eu não sentia, assim, muita falta do meu pai. Claro, toda criança sente a falta de um pai e de uma mãe. Mas o amor deles dava pra cobrir a falta do pai. E eu fui continuando a estudar, eu tinha carinho, amor de todos.

Depois o meu pai veio buscar o meu irmão mais velho e eles foram viver os dois lá no Lubango. Mais tarde, o meu pai mandou, o meu irmão pra Namíbia, pra estudar. Meu irmão ficou lá a estudar e nós continuamos a viver aqui.

Eu me chamo Márcia. O fato mais triste que aconteceu na minha vida foi a separação dos meus pais, porque todo filho quer dormir e acordar ao lado dos pais. Poder dizer um bom-dia, uma boa-tarde aos pais, mas eles juntos. Então, isso foi o fato que mais marcou.

Eu tenho lembranças da guerra... Muitos perderam famílias, perderam casa. A minha madrinha não é de Luanda, é de Lubango, e nessa guerra ela perdeu familiares, perdeu bens. Também tenho um vizinho, que saiu, ele é da província do Uíge, que viveu a guerra. Ele disse que não comia, não bebia, apanhava e, as vezes, era obrigado a pegar em armas. E ele ainda tinha oito anos. Isso causa traumas e eu sei porque eu tenho visto ele... O comportamento dele é diferente de um comportamento... De um comportamento normal. Porque ele foi traumatizado.

O momento mais feliz da minha vida foi o dia em que eu pude aceitar Jesus Cristo. Porque eu, mesmo desde muito pequenina, eu vivia sempre muitos... muitos... muitos problemas na família e a família não estão constantemente em paz, não é... Não se compreendiam, não havia, assim, o amor fraternal entre nós... E essa aceitação a Jesus

é que me traz alegria, porque eu não sou completamente feliz. Nada estraga a minha felicidade, porque a minha felicidade não vem de homem algum. Vem de Jesus Cristo, ele que dá o que é bom, o que ele dá é eterno. Dá que o é bom e o que ele dá não se acaba.

Eu sou Elisa, sou natural de Luanda. Tenho vinte e quatro anos de idade, sou de origem negra, meus pais são negros. E eu nunca sofri diretamente, assim de uma maneira mais dura, o racismo, o preconceito. Mas tenho acompanhado algumas pessoas mais próximas na procura de emprego, mesmo em Angola, no país dos negros, há pessoas que, ao pedirem o emprego não vão pessoalmente. Pedem currículo com uma fotografia e, as vezes, naquela fotografia, tu saíste assim, moreninha, mais clara... Então acham logo que tens parceria com mulatos, qualquer coisa assim com brancos. Então, deu naquilo que chamamos de mestiços. Então eles te chamam para te admitirem. E aí, quando fazes a entrevista, a primeira que se apercebem logo que tu és... Não és aquilo que eles imaginavam. Perguntam: “Isso é... Essa fotografia é realmente tua?” “Sim, essa fotografia é realmente minha”. “Não, essa fotografia não é tua. Essa não é você”. “Ah, volta amanhã.” Isso aconteceu com alguém muito próximo que conheço.

O racismo não é só no país dos brancos, quem mais sofre são os mulatos. Mas aqui no país dos negros são os... Os negros mesmo a sofrerem. É isso aí. Acho que se as pessoas prestassem mais atenção nesse aspecto, acredito que se poderia mudar. Sei que não vai ser da noite para o dia; vai ser muito difícil, porque está enraizado, se fosse só de país de brancos ou negros, mesmo no país dos negros, a diferença de cor ainda continua um problema.

Não digo que não tive momentos felizes, assim, na infância. Mas a minha vida sempre regrada. Não sei se aquilo é alegria se me dava prazer. Agora, não sei ...

Os meus pais não viviam juntos, não porque estavam separados. Meu pai andou... Eu cresci... Meu pai foi se formar na Índia, ficou muito tempo fora e eu cresci só com a minha mãe. Nós nos comunicávamos mais por carta e uma ou outra vez quando ele vinha de férias e aí a única coisa que eu me lembro sempre, sempre que eu fizesse anos, que alguém fizesse anos na minha casa, podia não haver um bolo, uma vela pra apagar, mas havia sempre uma mensagem.

Os meus avós, os meus pais não são da capital, são da província, são de Cuanza Norte. Os meus pais cresceram cá. Mas os meus avós preferiram permanecer lá. Então, por causa da guerra, perderam tudo que eles tinham. Vieram para cá em tempo de guerra e se instalaram cá. Agora já não conseguem voltar para recuperar o que os bens deles, porque já não são deles, já não lhes pertencem, outras pessoas já se apoderaram. E eu acho que os meus avós sofreram perdas psicológicas e danos morais, eles não se situam aqui porque a vida toda deles foi feita lá, os seus bens foram feitos lá. Hoje eles são sustentados pelos filhos.

Eu sou Maria. Meus pais, os dois são negros, mas meu pai é descendente de mulato. Ele diz que o avô, bisavô dele é mulato. Sou de Lubango. Foi somente neste ano que eu vim pra cá. Eu vivi sempre no Lubango.

Tenho lembranças tristes da guerra... houve uma vez que a família da minha mãe, as irmãs da minha mãe, elas estavam no Bié, e tiveram que sair e deixar suas casas por conta da guerra. Elas foram para o Lubango, sem ninguém saber, um dia a família toda se encontrou no Lubango, isso depois da guerra, foi um dia feliz, esse reencontro...

Eu tenho um irmão que tem uma cicatriz no pé. Lançaram uma bomba ou coisa parecida e os telhados da casa partiram. Meus primos estão sempre a falar que eles não

querem voltar lá novamente, porque eles tinham que andar distâncias à procura de comida. É muito triste, eles dizem que, se for voltar para fazer isso, eles não vão agüentar. Porque é muito triste, é muito doloroso, tem que andar distâncias muito longas pra comer, tem que correr, fugir, para não serem atingidos, por exemplo, pelos tiros... Era muita dificuldade nessa parte.

Eu sou Cláudio. Sou angolano de nacionalidade. Nasci na província de Malanje. Com relação à matéria que a professora está a fazer o trabalho, bem, isso é um trabalho muito importante, eu dou forças, muito apoio também. E coragem à professora, que continue, vá em frente. E que esse trabalho trará vários benefícios, uma boa defesa e um bom reconhecimento.

Eu tenho meu tio, já uma pessoa bem mais velha, e ele tinha me contado como aconteceu naquele tempo naquele tempo em que ainda se fazia sentir bastante a escravidão. Ele me contou várias histórias, a que mais me marcou foi de ... Como ele era tratado ou discriminado naquela altura. Ele sofreu até chegar esse ponto, o que ele passou nas mãos dos brancos e o sofrimento todo, realmente foi um sofrimento. Ele não foi escravo, mas viveu, trabalhou muito tempo na época da colonização e viveu tempo com os brancos. Não foi concretamente um escravo, mas viveu muito tempo com os brancos.

Ele era mal tratado, por exemplo, no ato das refeições. A comida da qual o meu tio se alimentava não era a comida que os brancos se alimentavam. Porque os brancos tinham direito de comer o arroz ou a massa com a carne, já o meu tio não. Comia simplesmente o arroz ou então a massa simples. E esse momento da vida dele foi o que mais me tocou, na história toda que ele me contou que mais me marcou, é mais ou menos isso.

Atualmente, isso já está muito relativo, se bem que ainda existem pessoas e famílias eu nem sempre chegam a admitir uma filha ou filho a ter que se relacionar até o ponto de dar um casamento. Seja branco ou mulato ou negro, uma coisa assim. Até agora, nesse sentido, ainda existe muita discriminação mesmo. Porque há famílias que gostam simplesmente de partilhar o seu dia-a-dia com uma família branca. Por exemplo, mesmo aqui em nosso país Angola, e principalmente Luanda, existem famílias em que só há mulatos e esses mesmos mulatos não aceitam, não aceitam conviver, de certa maneira, nesse caso, se relacionarem até chegarem ao ponto de casarem com uma pessoa de pele escura. Não aceitam. A própria família rejeita, eu já conheço um caso idêntico a esse, em que uma vizinha minha se relacionou com um jovem mulato. Ali, a mãe do jovem não consentiu o namoro. Até, por coincidência, eles tiveram dois filhos. Um, saiu preto mesmo e o outro saiu mulatinho, então.

Ah! na guerra, tenho lembranças, eu tinha quatro. Quatro anos, era pequeno e por situações na qual o país vivia. A situação da guerra, eu perdi... Perdi o meu pai. Isso me marcou. Marcou-me tanto... Como criança, não podia. Nem estava mais ou menos a aceitar que realmente havia perdido o pai.

Agora, na adolescência, acho que o período que mais me marcou na adolescência, eu não vivi a minha adolescência, digamos, muito feliz. Porque eu tive um irmão. Eu tive um irmão... Esse mesmo acaba por ficar maluco. Ficou maluco da cabeça, então...

Eu morava no Malanje, porque nós estávamos numa província em que estávamos praticamente... Socialmente bem estável. Por causa da guerra tivemos que sair da província onde estávamos para ter que nos refugiarmos numa outra província... Saímos em função da guerra. Saímos em função da guerra, chegamos cá, a guerra nos desestabilizou, até que tivemos que começar tudo de novo e isso mesmo... Foi muito mal, a guerra causou realmente um distúrbio, digamos, na minha família. Na guerra,

perdi vários primos, perdi irmão. Acabei por perder o pai. Eu perdi meu pai, um irmão e um filho, isso marcou bastante a minha família, né? Psicologicamente, ficamos muito tempo e as mortes não foram... Não foram assim... Como é que eu posso dizer... Não foram seguidas. Foram assim, seguindo, dois, três meses, acaba por morrer um. Às vezes, um ano, acaba por morrer o outro.

Bem, eu acho assim que o mundo é uma caixinha de surpresa. Eu espero que esse trabalho na qual a doutora está a fazer, né, que traga realmente benefícios. E que as pessoas, daqui em diante, pensem, passem a pensar a melhor sobre o que nós somos. Somos seres humanos, somos todos iguais. Somos seres humanos, somos todos iguais, merecemos um certo respeito e temos educação... É só isso.

Eu sou Luís, natural da província de Uíge, uma região de Angola. Fiz meus estudos primários na província e... até o Ensino Médio, Instituto Médio Normal de Educação, e, mais tarde, comecei a lecionar na educação pública. Só consegui entrar para a faculdade em 2007, para o ISCED, que é o Instituto Superior de Educação de Luanda.

A nossa história é marcada pela guerra. Eu acho que a maior consequência que a guerra trouxe foi o afastamento das famílias. Afastou as famílias, pessoalmente a mim, falando de mim, fez é... o desaparecimento de alguns membros da família.

Para mim, o momento mais feliz da minha vida foi quando teve o acordo de paz, né? Quando terminou a guerra e nos unimos todos. Aquilo, eu acho que foi a alegria para todo mundo. Foi um dia de sonho para o povo angolano, uma vitória do povo.

Meu nome é Pedro. Bem, falando da minha vida... eu sou de Benguela. Os meus pais, a minha mãe é de Benguela, o meu pai é de Cuanza. É uma das províncias que fica mais ao norte de Benguela, mas ao sul de Luanda. E quanto à minha origem. Por parte da minha mãe, eu sou de origem cabo-verdiana, porque meus avós foram cabo-verdianos. Por conta daquela coisa de comércio triangular, acerca de escravos, foram aparecendo em Benguela, mais prontamente num dos municípios da província de Benguela.

O momento mais feliz da minha infância foi na fase que eu já estava dentro realmente do sistema de ensino e a minha família inclusive, acompanhava-me diretamente na escola. E o momento triste foi quando eu fiquei muito tempo sem estudar. Isso porque... Por causa das condições sociais que a minha família não possuía, razão pela qual fui exercendo algumas atividades que davam dinheiro realmente, eu tive que largar os estudos durante algum tempo...

O meu avô, por parte materna, foi criador de gados, mas muitos gados mesmo. Criador de gados, muitos gados que a minha família. Não passava mal quando ele estava em vida. E com agravante, a coisa mais dolorosa é a história é que contavam, foi contada pela minha mãe. O que aconteceu? Por causa da guerra acabou por morrer de fome. Isso porque depois da guerra ter começado, tanto faz da parte dos reis, inimigos, da parte do governo, quando se trata de uma guerra, quem encontrar sua cabeça, o mais poderoso leva.

Sou Lauro, sou natural de Saurimo, no leste de Angola. O que mais marcou nos últimos tempos aqui em Angola, depois da independência, foi a situação de um amigo ter sido discriminado por ter família de negros e, altamente pobres, não podiam manter relação amorosa com uma moça da família de pessoas que até nem são branca, mas são mulatas e que são detentoras de alguma posse.

É óbvio que a relação de branco e negro não vem simplesmente de hoje. Há teorias

científicas, a Antropologia, a História, dentro dessas ciências, nós vamos encontrar teorias que defendem ou que foram defendendo ao longo dos anos a supremacia dos brancos, razão pela qual muitos hoje nascem, crescem e continuam a carregarem esse preconceito e essa supremacia. Mas temos que convir que nas relações entre as famílias, o nível cultural e o nível de escolaridade influenciam muito nessa relação.

Os momentos mais felizes da minha vida foram mesmo a minha infância e adolescência. Eu nasci numa missão católica, convivi desde muito cedo com os padres e mães, muitos deles de origem portuguesa e outros de origem mexicana, brancos. Eu cheguei aqui em Luanda em 1985, dia 10 de dezembro. A minha província enfrentou uma guerra atroz, uma guerra altamente violenta, nos últimos tempos da guerra. Enfrentamos uma guerra penosa, uma guerra altamente atroz. Já sabemos a condição de rendimento de qualquer guerra, a guerra deixou muitos órfãos, deixou muitas viúvas, deixou muitos mutilados, deixou muita gente traumatizada. Não sei se um dia as pessoas vão conseguir sarar as feridas que a guerra causou. Tenho muitas dúvidas. Eu, pessoalmente perdi muita gente da família na guerra.

Foram cerca de trinta anos de guerra e hoje muitos estão com trinta, estão com vinte e cinco e com essa idade nunca tiveram acesso a uma carteira de escola, nunca tiveram acesso a um professor e até hoje não sabem escrever. Quer dizer, para além do negativo que a guerra deixou das mortes, vão continuar a carregar o analfabetismo para o resto da vida.

A mãe da minha mãe, a minha avó, acabou por suicidar-se. Suicidou-se depois de terem acionado uma mina, minutos depois de serem evacuado para um hospital, muito próximo, depois da intervenção cirúrgica, amputaram-lhe a perna. Ela acordou mais tarde, deu conta de que tinha perdido a perna, não resistiu. Não resistiu, a mesma roupa que estava com ela na cama, ela utilizou para suicidar-se. Amarrou a roupa no pescoço. Tudo porque se sabe que as pessoas chegam a uma determinada fase da vida travando muitas dificuldades para sobreviverem, que já por si só com as duas pernas é difícil, com as mãos é difícil, imagine ficar sem uma perna para depois tentar subsistir. A situação é desastrosa.

A guerra para o povo angolano e para minha família deixou uma das piores heranças. Uma das piores heranças. Tudo porque deixou um exército enorme de jovens órfãos, de jovens mutilados pela guerra. Sim, tenho amigos que foram vítimas de guerra. Sem braços, sem braços. Com a perna, mas sem braços.

Então a guerra, de uma forma geral, deixou esse mal para a minha família, que também repercute negativamente para sociedade. Para toda a sociedade. Deixou uma relação na vida das pessoas, uma relação de violência. Hoje se reparar nós estamos a cinco anos de paz, mas nós temos hoje ainda uma cidade com aspecto de guerra. Temos uma cidade com aspecto de guerra. Olha em qualquer esquina da rua tem os polícias e todos os carros da escolta estão altamente armados.

A questão que eu quero colocar para fechar a entrevista é dizer a Luciene, que estou grato por ter tido essa iniciativa de ter saído do Brasil para vir para Angola, para constatar de perto a nossa realidade da relação entre brancos, negros e mulatos. Estou feliz por ver isso. Espero que isso seja publicado.

Estudantes em São Paulo

Meu nome é Laís. Bom, começando pelos meus pais, os dois são negros, só que da parte da minha mãe é bem confuso, porque a minha bisavó, ela era índia. Só que ela era índia e tinha os olhos verdes. Era uma mistura bem louca. Aí ela casou-se com um

negro, aí o meu avô casou com minha outra avó, que também era negra e tiveram minha avó, que é negra também. E o meu avô também é negro e a parte da família dele é toda negra.

Ó, essa questão de diferença, assim, entre as pessoas, diferenças de raça, eu nunca tinha prestado atenção. Só quando eu fui começar a ler, estudar, que eu vim realmente a prestar atenção. Foi quando eu tinha lá doze anos, essas coisas. Aí eu fui começar a prestar atenção nas coisas que me diziam. Quando eu comecei a ler, a me informar mais com as coisas, eu fui percebendo as piadas com negros na escola, sabe. Eu ouvia e ficava quieta, sabe? Deixava falar. Eu não sei por quê. Não sei por que eu nunca falei sobre isso.

Os meus pais sempre me falavam exatamente assim: “Você é filha de nordestino, sua mãe é da Bahia, você é negra, você é mulher e você é pobre, então seja inteligente, porque é a única coisa que você vai ter e ninguém vai te discriminar”. (Láís chora)

Eu sempre estudei, sim, porque eu sempre quis ser a melhor aluna da escola, no cursinho eu estudei muito para passar aqui e, tipo, na faculdade eu vou fazer a mesma coisa. Vou estudar... Vou estudar muito

No ano passado, eu estava fazendo teatro. Aí, tem uma amiga minha que ela é branca, ela é baixinha tem o cabelo dela é enrolado. Aí, a gente estava fazendo uma cena na qual o diretor da peça foi pegá-la pelo cabelo porque o cabelo dela enroscou. Ele falou: “Eh pixaim, viu?” Aí depois que ele falou isso eu olhei para cara dele e ele falou: “Desculpa, não é nada contra, não sei quê.” Mas, sei lá, eu achei estranho também, sabe? É... Tipo, depois ele pedir desculpa, só que depois eu fiquei pensando.

Meu nome é Luana, tenho dezenove anos curso Relações Públicas aqui na ECA. Os meus pais são da Bahia. Esta já é uma diferença entre eu e os alunos daqui da USP, porque quando você vai ver os antepassados das pessoas que tem aqui ou são da Europa ou de qualquer país, menos do Brasil, sabe? E aí eu acabo levando o Silva, como muita da gente daqui não tem, porque tem sobrenome estranho e eu acabo tendo um sobrenome bem comum. A minha mãe é professora e ela veio conseguir fazer a faculdade dela quando a gente tinha doze anos mais ou menos. E quando eu estava terminando o Ensino Médio, ela falou que ia pagar uma para mim e eu falei: “Não, eu vou fazer USP”. E ela não entendeu direito porque eu queria fazer USP. E não sei por qual motivo alguém um dia conseguiu colocar na minha cabeça que, desde as minhas fraldas, estava com a cabeça na universidade e eu tinha direito a uma vaga aqui. E eu fiquei teimando com ela dois anos praticamente, ela dizia que era melhor pagarmos a faculdade e eu dizia que iria tentar uma vaga na USP, tentei e consegui!

Teve uma vez que vivi um episódio que me marcou bastante. Eu tinha duas amigas e elas eram primas, uma vez a gente estava na loja da mãe delas. Assim, a mãe dela abriu várias filiais e falou: “Ah, eu preciso de alguém para trabalhar”. E aí uma falou: “Eba, vamos trabalhar as três juntas!” E quando chegou no final do ano, ela chamou as duas e não me chamou. Ela disse que não iria chamar “aquela sujinha”, sabe? Ela tinha um conceito de mim, muito ruim, é claro que isso foi por causa da cor.

Bom, antes, quando eu era menor, assistia mais televisão e aí quando eu cheguei mais ou menos aos quatorze anos, acho que eu comecei a ficar muito crítica e comecei a ficar com raiva das novelas porque sempre apareciam as negras como empregadas e fui assistindo menos. As únicas negras que eles colocam com um cargo um pouquinho melhor tem os olhos claros, aí eu falo “Por que têm que ter algum detalhe, uma característica que a torne um pouco mais branca ou coisa assim?”

Criminalidade e violência sempre associam ao negro. Mas é sempre de... Ligar

violência ao ser negro. Ou criminalidade ao ser negro. Falta de educação ao ser negro, sabe? Eles sempre lincam dessa forma.

Eu me chamo Nara e tenho sessenta anos. Fui criada num mundo preconceituoso. A minha avó uma vez saiu da sala porque teve uma reportagem na televisão sobre o Pelé. E aí “O nosso rei...”. Minha avó se levantou, mas bravíssima.

Minha avó saiu da sala enfurecida porque falaram “Nosso rei Pelé.” Ela falou “Rei, rei. Imagina.” Minha avó não deixou nenhuma das filhas casar com italiano porque italiano era tão desprezível quanto o negro, porque ele tinha substituído o negro na lavoura. A minha mãe sempre foi partidária da República. Ela achava que a gente tinha que separar São Paulo do resto do país, porque São Paulo seria maravilhoso, glorioso, porque ele não teria que carregar o Brasil nas costas, como ele sempre carregou, carregando rios de dinheiro para o Nordeste. Então, eu fui criada sob esse guarda-chuva, com todos esses... Esses preconceitos, mesmo, né?

Mas isso tudo para mim sempre foi tão absurdo, essas falas deles. Tão absurdo, que eu acho que eu nem levava a sério.

O primeiro negro da minha vida, né? Maravilhoso, lindo, lustroso. Era um motorista de bonde, motorneiro de bonde, e toda vez que passava, ele tocava a sinetinha do bonde para mim. Então era o meu bonde. Eu tinha três, quatro anos. E sempre que ele me via no jardim, que minha mãe deixava, ele me pegava, me punha de pézinha no banco do bonde, me levava, porque o ponto da minha casa era o último antes do ponto final. Ele me levava...

Eu morava perto da Avenida Brasil e o ponto final era logo depois da Brasil. Fazia o balão lá do bonde. E daí, na volta, ele me deixava em casa. Então, aquele era o meu bonde, era o bonde que me levava para todos os lugares maravilhosos. Que eu saía de casa, eu saía de bonde e eu sempre eu andava com ele, né? Então, imagina aquele homem maravilhoso era o meu anjo libertador. A partir do momento que eu entrava naquele bonde, é que eu chegava nos lugares fantásticos fora da minha casa. Então tem essa coisa. O dia que tiraram esse bonde, eu chorava, eu já tinha uns dezesseis anos, eu chorava feito um bebezinho, porque estavam tirando o meu bonde de circulação. Então, tinha essa pessoa que era o motorneiro na minha vida, que era assim... Então, os negros que eu tive na minha vida, eles eram pessoas maravilhosas, porque eles me davam comida, eles me levavam para passear, eles conversavam, eles davam risada, a minha relação com o negro sempre foi uma coisa muito afetiva. Mesmo a coisa da empregada na casa da minha avó, sempre se falava muito da Dada, e não sei o que lá. Sempre era uma coisa assim, das coisas boas. Nunca tive negro que machucou, me maltratou. Não tenho isso.

Tenho um irmão vivo, que é uma pessoa muito preconceituosa, trata o meu marido muito bem, eu fico espantada, não esperava essa reação do meu irmão. Agora, por outro lado, a minha cunhada é uma pessoa ótima e ela foi criada pela babá dela. Criada mesmo. Quer dizer, a babá até hoje é matriarca da família, qualquer problema e ela vai lá.

Eu acho que é importante se falar muito sobre isso, porque acho que o grande problema do nosso preconceito é a gente fingir que ele não existe. A gente falar pouco dele, falar que não existe. Fechar os olhos para o grande causador da situação que a gente está.

Eu sou Ana, nasci em oitenta e sete, em São Paulo. Meu pai é engenheiro, minha mãe é dentista. Meus pais são daqui de São Paulo, minha família tem ascendência italiana e portuguesa. É o que sempre me foi passado, mas eu tenho certeza de que tenho

também ascendência indígena e negra, porque tem foto de antepassado, você percebe o traço claramente não exclusivo de europeu. Mas disso ninguém fala. Eu falo que eu tenho ascendência porque eu vejo foto de avô e bisavô que têm traços...

Eu estudei em São Paulo, no mesmo colégio desde dos quatro anos, com quatro anos até os dezoito, é um tipo de colégio que tem uma pedagogia específica. Ele foi responsável por eu não ter visto muito novela, tal. Eu só comecei a entender um pouco sobre racismo na escola, foi mais na época do colegial, a gente teve muito na aula de História. A gente teve uma coisa parecida com isso, que a gente teve que fazer um estudo sobre a imagem do negro nas propagandas e tal. E aí de repente você via que era aquele bando de branco e aí um negro para... para marcar que tinha um negro. E, de repente... De repente... Foi um trabalho na escola, com certeza. Foi uma professora...

Foi graças a uma professora na escola, que aí ela veio e foi falando, foi falando... Ela puxava muita discussão sobre o assunto e aí a gente reconheceu na mídia um monte de estereótipo...

Na minha família isso não é assumido. Mas é existente. Há o preconceito e é o mais típico, que é o preconceito, se você perguntar, “Ah, aqui ninguém tem preconceito”. Mas, por exemplo, o dia que eu aparecer com namorado negro, eles não vão gostar. As pessoas vão... Vão ficar... Ninguém vai falar nada. E ninguém vai nem.

Acho que eu estou muito ignorante. Acho que a coisa tinha que ser mais discutida, para eu superar o meu preconceito e porque que acho que as pessoas têm preconceito mas não assumem, isso precisa ser discutido.

Meu nome é Paulo, eu nasci no centro do Rio de Janeiro, pertinho da Central do Brasil, né? Eu não tinha completado um ano ainda quando, meus pais resolveram mudar para a cidade de Duque de Caxias.

A minha infância foi conturbada até o os oito, nove anos. A polícia do Getúlio, a polícia do Getúlio invadiu a nossa casa e eu, naquela época, tinha problemas de saúde muito sério. Eu tinha dores de ouvido e garganta. E estava num desses momentos de crise, a polícia entrou em casa, sem pedir licença, não é? Entraram na minha casa e começaram a virar tudo, eu estava na cama a essa hora. E a cama foi virada. Virada comigo e tudo para ver se meu pai estava em baixo da cama, escondido em baixo. À procura do meu pai.

Lá em Caxias eu me limitava a brincar e a estudar. Nessa época, a gente participava de festa junina, Natal, né? A partir dos treze anos, foi quando a gente mudou. Saímos de Caxias, fomos para Sampaio. Sampaio é um bairro que fica entre a escola de samba da Mangueira e o Méier. Era assim, tem o Méier, Engenho Novo, Sampaio, Riachuelo, Rocha, São Cristóvão, né? E aí, nesse meio, no meio do caminho fica a Mangueira, onde é a... Onde é a estação onde o pessoal no domingo, os torcedores, desembocam e vão para o Maracanã assistir ao jogo. Então, depois dos quatorze anos, eu comecei a participar de blocos, de escola de samba. Comecei a participar do carnaval do Rio de Janeiro, que eu tenho toda uma história, se eu começar, não vou terminar hoje, nem daqui a trinta anos.

Eu cheguei a São Paulo em 1972, ainda não tinha participado do Teatro Popular Brasileiro. Ainda não tinha participado. Uma semana, logo que eu cheguei, meu pai me colocou para participar do Teatro dele.

Depois disso, comecei a me interessar por artes plásticas, por xilogravura, por artesanato, dança, enfim. Mais tarde, eu me integrei à uma escola de samba. Eu fui considerado entre os dez mais do estado. Os dez melhores mestres-salas do estado. E essa coisa não ficou assim só nos dez melhores, eu deixei, assim, uma impressão

muito grande, né? E...

Eu sou um incentivador da arte. Eu sempre me considerei um incentivador da arte. Depois, sindicalista, fui sindicalista, fui militante negro, fui militante do PC do B, hoje sou militante do PSTU.

Eu sou o Juca, nasci aqui em São Paulo. A minha mãe é aposentada. Funcionária pública, né? Era secretária de escola estadual. O meu pai também é aposentado. E minha mãe sempre falava para tomar cuidado. Para tomar cuidado, que as pessoas vão te tratar mal. E eu lembro que eu apanhava na escola todo santo dia de um menino loirinho, todo mundo via. A tia via e não fazia nada. Até que um dia minha mãe foi lá.

Eu acho que, dependendo da classe social, as pessoas aceitam melhor as coisas, sabe? As outras convivem mais. Porque assim, por exemplo, aqui na USP é mais classe média alta, tal. Então, nem tem tanto negro assim. Você vê os moleques, não tem amigos negros, sabe? É uma coisa rara. Agora quando eu estudava no ali meu bairro, era negro, branco, japonês, todo mundo jogando bola, esse tipo de coisa.

Meu pai deve ter sofrido muito, penado pra conseguir as coisas que conseguiu. Foi o primeiro cara da família a fazer faculdade, sabe? Minha mãe também sofreu para caramba. Esse tipo de coisa, sabe? De não ter onde morar. Eles dois sofreram. Eu peguei moleza, fácil, fácil. Então, eu acho que eles passaram por momentos, assim, difíceis. De provação, sabe? Por causa da cor, da origem, do espaço social. Agora, eu fico imaginando a minha mãe, meu pai, eu fico imaginando eles passando quando eles não tinham nada, passando por esse momento sem às vezes poder reagir. Eu acho que eu não passei por tantos momentos assim, sabe?

Uma coisa que minha mãe e meu pai sempre falaram foi, para evitar de ser preterido na hora de entrevista, o ideal é sempre fazer concurso público. E todos dos meus empregos foram sempre por concurso público, porque você faz, você passa, acabou, sabe? Se o cara passou, acabou. O cara vai ter que te aceitar.

Meu nome é Vinícius. A família do meu pai é do Japão, meus avós são do Japão. Meu pai é da segunda geração, eu sou terceira. Minha mãe é brasileira, descendente de português, mas é meio longe, assim. Minha mãe é professora, na verdade meus pais são bastante... esclarecidos. Mas acho que o meu pai é um pouco mais preconceituoso, até. Eu acho que, até pelo fato de que ele teve um sócio num empreendimento, lá com um cara que era negro, mas ele tem vários amigos negros, normal. Mas foi uma época difícil, o cara... Acho que meu pai... Eu era meio pequeno, assim. Mas meu pai investiu dinheiro e tal e o cara acabou saindo, fugiu. Eu lembro, a gente passou uma época difícil em casa. E... Eu não sei... Acaba... É, você percebe assim. Às vezes, alguns comentários, algumas brincadeiras até...

Eu acho que, apesar de todos os pesares, assim, o Brasil não tem muito racismo. Quer dizer, lógico que tem. O que há, o maior preconceito eu acho que é social, assim. Talvez até é. É... Eu acho que tem, o Brasil é preconceituoso, mas acho que é mais social.

Meu nome é Leandro, tenho 21 anos. Eu, particularmente, não assisto muita telenovela. Eu confesso que, quando tinha uns seis anos, eu acompanhava mais com o meu avô. Eu nasci na Argentina, cheguei aqui no Brasil com dois anos. Os meus pais são argentinos. Minha mãe, quando trabalhava lá, era professora de Matemática. Meu pai ele foi um tempo professor de Química, de Física, depois entrou numa multinacional e foi transferido para cá.

Da minha infância, lembro-me das brincadeiras das crianças, as crianças eram super malévolas, eram preconceituosas mesmo, não só a questão de origem. Eu era mais gordinho, então...

No Liceu, onde estudei, eles tinham uma questão mais de incentivo para o pessoal menos favorecido economicamente, uma questão de bolsas, mais ligado à religião, o Salesiano. Lá, eles tinham uma política de incentivo, sabe? Especialmente para funcionários do colégio. Então, você via filhos de funcionários negros estudando. E a relação sempre foi ótima. Eu perdi muito o contato, aliás, eu perdi muito o contato com o pessoal de lá. Mas... eu tenho amigos. E a relação era normal, eu não via nada, pelo menos não explicitamente.

Se eu resolvesse namorar uma negra a minha mãe acharia estranho. Mas, não é nem por ser negra. É que a gente tem essa questão de ideal de tipo de beleza, que, às vezes, nem é por questões da pessoa ser negra. Eu estava tendo aula hoje com uma menina que tem uma pele mais escura e eu acho ela bonita, completamente. Mas não é questão de pele, sabe? É um estereótipo mesmo. Minha mãe, eu não sei, eu acho que ela ia achar estranho talvez, principalmente, porque eu não conheço pessoas negras.

Agora, falando da questão das novelas, eu acho que a novela é quase sempre a mesma coisa, temas muito forçados e atuações forçadas, também. Por exemplo, se você tem, não sei, um racista universitário convicto porque leu livros sobre isso e acredita, a novela não vai fazê-lo mudar de idéia por estar falando: “Nossa, racismo é ruim”. Então, mais uma vez, a novela é importante sim, mas, também é um instrumento meio de alienação.